



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

X Legislatura

Número: 69

II Sessão Legislativa

Horta, quarta-feira, 09 de julho de 2014

**Presidente:** *Deputada Ana Luís*

**Secretários:** *Deputada Bárbara Chaves e Deputado Valdemiro Vasconcelos*

### SUMÁRIO

*Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 10 minutos.*

A sessão iniciou-se com a [interpeção ao Governo Regional sobre "A situação económica e social da Região Autónoma dos Açores"](#), apresentada pela Representação Parlamentar do BE.

Após a intervenção de abertura do Sr. Deputado Paulo Mendes (*BE*), usaram da palavra o Sr. Vice-Presidente do Governo Regional (*Sérgio Ávila*) e os/as Srs./as Deputados/as Félix Rodrigues (*CDS-PP*), Paulo Estêvão (*PPM*), Aníbal Pires (*PCP*), Domingos Cunha (*PS*), Graça Silva (*PS*), Luís Maurício (*PSD*), Arlinda Nunes (*PS*), João Bruto da Costa (*PSD*), a Sra. Secretária Regional da Solidariedade Social (*Andreia Costa*) e o Sr. Secretário Regional da Saúde (*Luís Cabral*).

Ainda para interpelar a Mesa usaram da palavra a Sra. Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (*Isabel Almeida Rodrigues*) e o Sr. Deputado Artur Lima (*CDS-PP*).

Seguiu-se o debate da [Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 33/X – “Revoga o artigo 43.º do Decreto Legislativo Regional n.º 2/2014/A, de 29 de Janeiro”](#).

Usaram da palavra o Sr. Vice-Presidente do Governo Regional (*Sérgio Ávila*), para apresentar o diploma, e os Srs. Deputados Aníbal Pires (*PCP*), Félix Rodrigues (*CDS-PP*), Paulo Mendes (*BE*), Joaquim Machado (*PSD*), Rogério Veiros (*PS*), Paulo Estêvão (*PPM*) e Aníbal Pires (*PCP*).

Submetida à votação a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada por unanimidade.

Proferiram declarações de voto os Srs. Deputados Aníbal Pires (*PCP*), Joaquim Machado (*PSD*) e Rogério Veiros (*PS*).

Sobre o [Projeto de Resolução n.º 19/X – “Estudo sobre as potencialidades da Base das Lajes”](#), apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD, usaram da palavra os Srs. Deputados António Ventura (*PSD*), a quem coube a apresentação da iniciativa, Paulo Mendes (*BE*), Félix Rodrigues (*CDS-PP*), Paulo Estêvão (*PPM*), Aníbal Pires (*PCP*), Berto Messias (*PS*) e o Sr. Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas (*Rodrigo Oliveira*).

Usou da palavra para um protesto o Sr. Deputado Paulo Estêvão (*PPM*) e para um contraprotesto o Sr. Deputado Aníbal Pires (*PCP*).

Após a aprovação do diploma por unanimidade, usaram da palavra os Srs. Deputados António Ventura (*PSD*) e Paulo Estêvão (*PPM*) para declarações de voto.

O [Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 25/X – “Alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 21/99/A - Alteração ao Regime Jurídico do Conselho de Ilha”](#), apresentado pela Representação Parlamentar do BE e o [Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 26/X – “Primeira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 21/99/A, de 10 de julho, que estabelece o](#)

[Regime Jurídico do Conselho de Ilha](#)”, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD, baixaram à Comissão para parecer, a requerimento de um grupo de deputados, o qual foi aprovado por unanimidade.

Seguiu-se o debate do [Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 34/X – “Alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 14/2011/A”](#), apresentado pela Representação Parlamentar do BE.

Após a intervenção de abertura do debate, feita pelo Sr. Deputado Paulo Mendes (*BE*), usaram da palavra a Sra. Deputada Catarina Moniz Furtado (*PS*) e os Srs. Deputados Paulo Estêvão (*PPM*), João Bruto da Costa (*PSD*), Félix Rodrigues (*CDS-PP*,) bem como a Sra. Secretária Regional da Solidariedade Social (*Andreia Costa*).

Novamente por unanimidade foi aprovado um requerimento de baixa à Comissão, apresentado pela Representação Parlamentar do BE.

*Os trabalhos terminaram às 20 horas.*

**Presidente:** Bom dia, Sras. e Srs. Deputados.

Peço ao Sr. Secretário da Mesa o favor de fazer a chamada.

*Eram 10 horas e 10 minutos.*

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os/as seguintes Deputados/as:*

***Partido Socialista (PS)***

**Ana Luísa Pereira Luís**

**André Cláudio Gambão Rodrigues**

**André Jorge Dionísio Bradford**

**António Gonçalves Toste Parreira**

**Arlinda Maria Focha Nunes**

**Bárbara Pereira Torres de Medeiros Chaves**

**Benilde Maria Soares Cordeiro de Oliveira**

**Catarina Paula Moniz Furtado**  
**Cecília** do Rosário Farias **Pavão**  
**Cláudia** Alexandra Coelho **Cardoso** Meneses da Costa  
**Domingos** Manuel Cristiano Oliveira da **Cunha**  
**Duarte** Manuel Braga **Moreira**  
**Francisco** Manuel **Coelho** Lopes Cabral  
**Francisco** Miguel Vital Gomes do Vale **César**  
**Iasalde** Fraga **Nunes**  
**José Manuel** Gregório de **Ávila**  
**Lizuarte** Manuel **Machado**  
**Lúcio** Manuel da Silva **Rodrigues**  
**Manuel Alberto** da Silva **Pereira**  
Maria da **Graça** Oliveira **Silva**  
**Marta** Cristina Moniz do **Couto**  
**Miguel** António Moniz da **Costa**  
**Pedro** Miguel Medeiros de **Moura**  
**Renata** **Correia Botelho**  
**Ricardo** Bettencourt **Ramalho**  
**Ricardo** Manuel Viveiros **Cabral**  
**Rogério** Paulo Lopes Soares **Veios**

**Partido Social Democrata (PSD)**  
**António** Augusto Baptista Soares **Marinho**  
**António** Lima Cardoso **Ventura**  
**António** Oldemiro das Neves **Pedroso**  
**Bruno** Filipe de Freitas **Belo**  
**Cláudio** Borges **Almeida**  
**Cláudio** José Gomes **Lopes**  
**Duarte** Nuno D'Ávila Martins de **Freitas**  
**Humberto** Trindade Borges de **Melo**  
**João** Luís **Bruto** da Costa Machado **da Costa**

**Jorge** Alberto da **Costa Pereira**  
**Jorge** Manuel de Almada **Macedo**  
José **Joaquim** Ferreira **Machado**  
**José** Maria de Medeiros **Andrade**  
**Luís** Carlos Correia **Garcia**  
**Luís** **Maurício** Mendonça Santos  
**Luís** Miguel Forjaz **Rendeiro**  
Maria **Judite** Gomes **Parreira**  
**Paulo** Henrique **Parece** Baptista  
**Renato** Jonas de Sousa Linhares **Cordeiro**  
**Valdemiro** Adolfo dos Santos **Vasconcelos**

**Centro Democrático Social/Partido Popular (CDS-PP)**

**Ana** Carina Alberto **Espínola**  
**Artur** Manuel Leal de **Lima**  
António **Félix** Flores **Rodrigues**

**Bloco de Esquerda (BE)**

**Paulo** José Maio Sousa **Mendes**

**Partido Comunista Português (PCP)**

**Aníbal** da Conceição **Pires**

**Partido Popular Monárquico (PPM)**

**Paulo** Jorge Abraços **Estêvão**

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Estão presentes 53 Sras. e Srs. Deputados. Temos quórum. Declaro aberta a sessão. Pode entrar o público.

Entramos no ponto dois da nossa Agenda: **Interpeção ao Governo Regional sobre "A situação económica e social da Região Autónoma dos Açores"**, apresentada pela Representação Parlamentar do BE.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Mendes.

**Deputado Paulo Mendes (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo Regional:

Neste plenário assinalamos o encerramento da segunda sessão legislativa da atual legislatura. Estamos pois, no meio do mandato do atual Governo Regional, momento oportuno para uma avaliação da situação da Região e das condições de vida dos açorianos e açorianas.

Uma avaliação tão oportuna que é o próprio Governo Regional a apresentar uma profunda remodelação do elenco governativo. Quatro novos Secretários. Mais de metade do Governo Regional foi remodelado. É o sintoma claro que até no balanço interno do Governo Regional, as coisas não estão a correr bem.

Os números são sintomáticos da política errada que a maioria absoluta do PS impõe aos açorianos e açorianas: 18% desemprego, mais de 22.000 desempregados e desempregadas, demonstram que este Governo Regional não tem a coragem e a audácia de fazer diferente.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** É verdade!

**O Orador:** É verdade que não podemos isolar os Açores do restante país e, já agora da Europa, e que o PSD e o CDS têm assumido uma política a favor da banca e daqueles que agem como donos do nosso país contra os trabalhadores e a economia, com consequências desastrosas para a nossa Região. Mas também é verdade que considerando as nossas prerrogativas autonómicas, podíamos e devíamos fazer diferente. Por outras palavras, temos todas as condições para exercer uma política que minimize os efeitos daquilo que é considerada uma tragédia nacional, protagonizada pelo Governo da República PSD/CDS. Não basta celebrar a Autonomia é urgente exercê-la. E exercê-la contra a austeridade!

Ter coragem e audácia para fazer diferente não é anunciar, com grande espalhafato, programas para o crescimento da economia, de combate ao

desemprego e substituir a ousadia pelas designações pomposas que reclamam uma via açoriana para o desenvolvimento, quando ao fim de dois anos se constata um aumento do desemprego, em vez do crescimento da economia.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Dezoito anos!

**O Orador:** Sem coragem, audácia e ousadia só se poderá construir uma via açoriana para o desastre, que dezenas de milhares de açorianos e açorianas vivem e sofrem na pele. Perante esta dura realidade, não há campanha de propaganda que contrarie o falhanço da política do PS e do seu Governo.

Desafiámos, desde cedo, o Governo Regional a enveredar por uma política para as pessoas que privilegiasse o emprego e a economia. Para isso, propusemos medidas de incentivo ao forte investimento na reabilitação urbana, quer pública, quer privada, mas neste caso, como não poderia deixar de ser, por força de hábito ou por força das circunstâncias e dos interesses instalados, o Governo Regional acabou por desvirtuar a nossa proposta, tornando-a inócua ou para ricos.

Fomos mais além, e desafiámos o Governo Regional e o PS a rasgar com as opções políticas que tem vindo a contribuir para o definhamento do consumo interno e aumento do desemprego, ao abandonar uma economia baseada em salários baixos e o reduzido poder de compra, para optar pelo aumento do salário mínimo na Região e o aumento, em 15 euros, das pensões de reforma abaixo do salário mínimo. Infelizmente optaram por se esconder atrás do Governo da República para justificar o medo de fazer diferente.

No primeiro trimestre de 2014, o microscópico crescimento homólogo da economia nacional, como acentuou o relatório do Banco de Portugal, deveu-se ao incremento do mercado interno, decorrente das restituições dos direitos dos trabalhadores, graças à ação do Tribunal Constitucional. Todavia, o Governo Regional, que tanto apregoa a necessidade de reanimação do mercado interno, mesmo que dotado das prerrogativas autonómicas, é parco na iniciativa. É certo que protegeu parte dos salários dos trabalhadores do setor público, mas ao não ser conseqüente com esta política, mostrou que o real motivo não era a economia e o desemprego, mas sim a lógica eleitoral.

Mas, mais uma vez, o Governo Regional privilegiou a propaganda, em vez da ação, ao assumir-se, publicamente, como paladino da luta contra a austeridade da República, ao proteger os salários e antecipando-se ao Tribunal Constitucional. Todavia, mais cedo do que tarde, concluímos que, afinal, parte significativa daquilo que seria uma compensação pelos cortes salariais da responsabilidade do Governo da República, não foi mais do que um logro, devido à dedução das horas extraordinárias na remuneração complementar. De paladino contra a austeridade passou a vendedor da banha da cobra.

Este é um Governo de propaganda, suportado por uma maioria absoluta do PS. Acusa o Governo da República e exorta-o, e bem, a aumentar o salário mínimo, mas encolhe-se quando é desafiado a aumentá-lo nos Açores. Defende a escola pública e critica o cheque-ensino, defendido pelo PSD e CDS.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Só CDS. Pelo PSD não!

**O Orador:** Por outro lado, na prática, possibilita, nos Açores, uma espécie de cheque-ensino.

Se o desemprego é a chaga mais dolorosa, a pobreza estrutural não é menos preocupante, mesmo para aqueles que trabalham, tendo em conta os níveis salariais praticados na Região. Por isso, é indecente este jogo político com o salário mínimo.

Mas, na Região, sempre foi possível trabalhar e ter rendimentos ainda inferiores ao salário mínimo, pois no setor das pescas, para muitos trabalhadores, o salário mínimo é um autêntico luxo e, por incrível que possa parecer, em pleno século XXI, na Europa, e apesar do Governo Regional apelar à necessidade de se valorizar o pescado para aumentar o rendimento dos pescadores, nada de concreto é feito e continuamos a permitir, o quinhão, uma autêntica prática medieval, como forma de retribuição pelo trabalho.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Uma pergunta!

**O Orador:** Na saúde, as listas de espera para especialidades e cirurgias aumentou, afastando ainda mais os açorianos dos cuidados de saúde. Neste setor, é clara a política de duas caras do Governo Regional. Por um lado, defende políticas de proximidade dos serviços públicos, em oposição ao

Governo da República, como no caso do encerramento dos vários serviços de Finanças, por outro lado, encerra as urgências noturnas no Nordeste, Vila Franca do Campo e Ribeira Grande.

O modelo de organização dos cuidados de saúde mental continua ancorado, naquilo que é essencial, aos mesmos moldes da década de 20 do século passado, mesmo que com alguma evolução registada na década de 60 e um plano de saúde mental que caducou há 2 anos.

Perante o triste acidente que vitimou uma pessoa em São Jorge, o Governo Regional, no imediato, anunciou a abertura de um inquérito. Concordamos com tal iniciativa, mas estranhámos que a constituição da Comissão de Inquérito não tenha ainda sido tornada pública, assim como o prazo para a sua conclusão.

Desconhecemos se o ‘caderno de encargos’ desta comissão está para além da averiguação da situação concreta e se estão previstas medidas que salvaguardem e tranquilizem as populações. Não queremos acreditar que as palavras do Sr. Presidente tenham sido, na altura, um mero expediente.

Na Educação, enquanto, no discurso, defende a escola pública, vai desbaratando dinheiro, que retira da escola pública para suportar rendas para colégios privados. Encerra as poucas creches públicas existentes, maltrata os professores contratados com concursos «faz de conta», alinha na lógica das mega escolas e encerra escolas nas freguesias. Mais uma vez, a prática não se coaduna com o discurso. Neste caminho e com estas políticas, o atraso dos índices educacionais herdados do passado, não são só colmatados como são também perpetuados.

As políticas sociais são, para o Governo Regional e o PS, substituídas pela esmola que se entrega a IPSS e Misericórdias para lidarem com a pobreza que continua a ser perspetivada como uma inevitabilidade e não como um sintoma do fracasso da Região como responsável pela distribuição da riqueza. Não é, por isso de estranhar que a pobreza incomode, pois é o reflexo do Governo e do PS quando se olha ao espelho.

Os serviços de apoio social à população são, igualmente, delegados, segundo um modelo que adjudica esses serviços a IPSS e Misericórdias, que desconsidera o financiamento necessário para assegurar salários e direitos

laborais aos trabalhadores destas instituições, pois parte do princípio que a ação social deve ser exercida por trabalho voluntarioso, sem direitos e sem estabilidade.

O Governo Regional não tem sequer coragem para assumir a responsabilidade pelo desinvestimento nas políticas sociais, para despedir e precarizar os trabalhadores das IPSS e Misericórdias, pelo que se prepara para entregar a ‘batata quente’ às direções, constituídas por voluntários e voluntárias, destas instituições, lavando as mãos de um processo com finais trágicos.

Numa Região com uma tão elevada taxa de desemprego, com um salário médio reduzido e onde, à semelhança do restante país, trabalhar não garante a obtenção de rendimentos acima do limiar da pobreza, o Governo Regional, suportado pelo PS, que se arroga defensor da Constituição, ataca um dos direitos constitucionais fundamentais, o direito à habitação, ao assumir uma proposta de alteração ao sistema de apoio social ao arrendamento, a qual procura poupar dinheiro à custa dos setores da população jovem e mais necessitada, o que contribuirá para o contínuo aumento da desertificação dos centros urbanos, sob o falso pretexto de tal alteração obrigar a baixar os custos do mercado do arrendamento.

Na política ambiental, este Governo Regional apoia, em sintonia com o PSD e o CDS, o financiamento comunitário para violar normas comunitárias. Uma intenção que ficará para o capítulo das alarvidades da História da nossa Região. Refiro-me ao processo para a construção das Mega incineradoras da Terceira e de São Miguel, que colocarão em causa o cumprimento das metas da reciclagem até 2020 e contribuirão para o que será um retrocesso na política ambiental da Região, com os consequentes custos para o ambiente, saúde pública e contrária ao *slogan* ‘Açores, natureza viva’.

Após anos e anos de pré-anúncios para a divulgação do famigerado ‘Plano Integrado de Transportes’, eis que o temos, finalmente. O tempo de espera, os debates em seu torno e as expetativas criadas saíram goradas.

Temos um plano minimalista. Ou melhor, um plano de intenções que nem integra os transportes coletivos terrestres, pelo menos numa etapa inicial, a qual

nem sabemos que duração terá, pois este plano nem tem um cronograma de execução.

Um plano integrado de transportes que nem lança pistas sobre estratégias de otimização dos transportes aéreos e marítimos quer de passageiros, quer de mercadorias. Enquanto isso, o preço das viagens continua a ser um luxo, nas ligações inter-ilhas e nas ligações com o continente.

Na SATA reina o desnorte e nos transportes marítimos, o Governo Regional continua sem fundamentar, do ponto de vista económico, financeiro e das necessidades de mercado, a opção por dois navios de grande porte, em vez de um. Esta ausência de fundamentação não é de somenos importância, pois poderá acarretar um custo acrescido de mais de 40 milhões de euros, sem considerar futuras derrapagens. Não estará na altura de termos um esclarecimento cabal?

O balanço destes dois anos, só pode ser negativo. Os açorianos e açorianas não têm de estar condenados entre o PSD/CDS e a sua imitação, mais branda, isto é o PS.

Na gestão de dinheiros públicos, falta rigor e transparência, a prová-lo estão as constantes derrapagens nas obras públicas que têm custado centenas de milhões de euros, ao longo dos anos, aos açorianos e açorianas. O Bloco de Esquerda tem tentado estancar este autêntico buraco na carteira de todos nós, mas para o PS convém mantê-lo. Porquê e para quê? É a questão que se impõe. E quem ganha com esta situação? Mas a falta de transparência não se fica por aqui e estende-se à política de incentivos que premeia autênticos negócios para «amigos»,...

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Em Salva Terra de Magos é que está bom!

**O Orador:** ... como aquele que permitiu a instalação do colégio do Castanheiro e a radioterapia.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Radioterapia! Estamos de acordo!

**O Orador:** Mas esta prática estende-se a outros setores, como a energia.

O caso da Companhia Açoriana de Energias Renováveis Lda., é exemplo disso. Em março de 2011, numa conversa em Lisboa, com membros do Governo

Regional, surgiu a oportunidade de negócio. Em 7 de outubro de 2011 inicia-se a atividade da empresa, em junho de 2012, o Governo Regional atribuiu, pelo menos 3 milhões e 700 mil euros a fundo perdido.

Rapidez e eficiência quanto baste. Rapidez e eficiência para uma empresa que vai montar um parque eólico para vender energia à EDA.

Por mais voltas que se dê, é muito difícil não chamar a isto um negócio para «amigos».

Na mesma linha, temos a Strongsurvival que apresentou um projeto para a instalação de painéis solares em edifícios de organismos públicos, com direito a listagem garantida e à obtenção de estatuto de Projeto de Interesse Regional, pelo cumprimento de vários critérios, entre os quais e o decisivo, a criação de emprego, mesmo que, na realidade, tivessem a intenção de criar somente 5 postos de trabalho. Ainda bem, ou melhor, por força de cláusula contratual, esse estatuto foi revogado, por não terem cumprido o prazo para o início da implementação do projeto.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Um escândalo!

**O Orador:** Contudo, nada nos garante que não será, entretanto, renovado.

**Deputado Miguel Costa (PS):** Faça um Voto de Protesto!

**O Orador:** Se o PSD, no seu anterior ciclo de poder na Região, perpetuou e criou uma clientela política, o PS, tal como nas políticas exercidas, imita e reforça.

O liberalismo selvagem vai conquistando o mundo, ao serviço do setor financeiro e dos grandes oligopólios e vai derrubando as últimas reservas protecionistas,...

**Deputado Francisco César (PS):** Já não ouvia essa linguagem há muito tempo!

**O Orador:** ... às quais se agarram os pequenos produtores para sobreviverem.

Os interesses dos grandes grupos estão prestes a conseguir derrubar as quotas leiteiras e o POSEI é posto em causa, assim como o estatuto de ultraperiferia.

A defesa do POSEI, das quotas leiteiras e até de outras medidas futuras que possam atenuar o impacto do seu fim têm colhido a unanimidade da opinião

política. Mas como se compatibiliza esse apoio com os elogios que são feitos, por parte do PS, PSD e CDS ao Acordo de Comércio Livre entre a Europa e os Estados Unidos da América?

Como poderemos levar a sério um Governo Regional que, simultaneamente, defende o POSEI, as quotas leiteiras e o Acordo Transatlântico como uma excelente medida, tão-somente porque os Açores, em termos geográficos, ocupa uma posição central, naquele que será o negócio que deparará os pequenos produtores, o ambiente e os trabalhadores?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Até as formigas apanham. E ainda falam de mim?! Ao pé disto sou um santo!

**O Orador:** Como poderemos levar a sério o PSD e o CDS na sua luta em prol dos produtores açorianos, se consideram que este Acordo será uma oportunidade para os Açores, em vez de uma das maiores ameaças de sempre?

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Volta Zuraida que está perdoada! Nunca pensei dizer uma coisa destas!

**O Orador:** A falta de estratégia aliada à falta de coragem e ousadia são as únicas explicações para que o PS não passe à ação concreta e transforme os valores estratégicos dos Açores numa mais-valia para os açorianos e açorianas. Assim, e em alternativa ao modelo de estagnação, baseado em baixos salários, precarização e investimento pouco significativo, para além da construção de mega-escolas, senão mesmo desinvestimento na educação e investigação científica, importaria valorizar o mar e a nossa posição geoestratégica. Apresentámos, reiteradamente, propostas nesse sentido que permitiriam alavancar, a médio prazo, qualitativamente e quantitativamente a economia da Região.

O futuro da Universidade dos Açores está intimamente ligado à tripolaridade que, por sua vez, se associa ao objetivo da coesão da nossa Região, não só territorial, mas também social.

Portanto, quando no campus de Angra do Heroísmo, se optou por ‘afogar’ o curso de Educação Básica e, agora, se prepara a descontinuação do curso de

Gestão, apesar do seu sucesso, suportado numa equipa de docentes de qualidade e com uma procura assinalável estamos a contrariar a tripolaridade.

Até é compreensível, se considerarmos que o poder instituído na Região, sempre teve uma visão muito limitada do aproveitamento do potencial dos Açores...

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** O concurso fez-se e o Governo tem culpa!

**O Orador:** ... e receio de mudar do paradigma da estagnação e atraso para o paradigma do desenvolvimento, tendo o mar e a nossa posição geoestratégica como pedras angulares.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** O senhor vai ficar sem tempo para o debate!

**O Orador:** Só a ausência de ideias explica o voto contra, no Parlamento Europeu, do PS, PSD e CDS relativamente à proposta do Bloco de Esquerda para dotar a Região de um Centro de Investigação do Mar.

Não compreendemos como pode o Governo Regional reclamar, para si, o mérito de valorizar a investigação científica e o nosso mar, quando tivemos, na semana passada, a notícia da dispensa de um dos investigadores responsáveis, por um Estudo internacional em ciências do Mar, do Departamento de Oceanografia e Pescas, vítima dos cortes no investimento em investigação científica.

Para o PS, PSD e CDS sempre foi mais fácil manter a Região na sombra e sob domínio dos interesses belicistas norte-americanos. E se no passado, tal subserviência teria como contrapartidas, uma renda, com peso significativo no orçamento da Região e postos de trabalho (diretos e indiretos), atualmente destrói emprego, coloca os Açores no mapa dos conflitos mundiais, inclusive no apoio a conflitos ilegais, à luz do Direito Internacional e impede, mesmo com uma presença belicista ‘adormecida’, investimentos civis que poderiam criar emprego.

Neste balanço, a meio da legislatura e do mandato do atual Governo Regional, temos pois uma situação social agravada, fruto da adesão do PS às políticas

*troikistas*. Como sempre dissemos, o *troikismo* «fofinho» do PS não era uma barreira de resistência e combate ao desastre das políticas do PSD e CDS na República, eram antes a sua confirmação e continuação, menos feroz, mas conducente aos mesmos resultados desastrosos.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Muito bem, Sr. Deputado!

**O Orador:** Reafirmamos que ninguém deve estar condenado a escolher entre *troikismo* e *troikismo* «fofinho». Há outro caminho. O caminho da resistência, que tem o seu reduto na Constituição e na Autonomia.

Temos ainda, um Governo Regional apoiado numa maioria absoluta, onde a cada dia que passa a arrogância e a prepotência são valores que trazem a penumbra à democracia, assente numa governação sem estratégia e que faz política casuística...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Agora está certo. Está no caminho certinho!

**O Orador:** ... e sem fio condutor, com resultados nefastos para a Região e para o seu futuro.

A coesão serviu de mote à celebração do dia da Região, mas nunca será uma realidade, sem um Governo Regional com a determinação para resgatar os açorianos e açorianas da estagnação e de uns quantos interesses para os entregar ao desenvolvimento e à coesão social. Para cumprir tal missão, basta ter vontade política.

Obrigado.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Acabou?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** E as perguntas?

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Depois de tão abrangente interpelação pergunto ao Governo... É o Sr. Vice-Presidente que vai responder? É que vai intervir de imediato. Tem a palavra Sr. Vice-Presidente.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Era só para registar que nesta figura, a figura de interpelação ao Governo, apesar da rapidez e da diversidade, como disse a Sra. Presidente, desta

intervenção, não vislumbrei (pode ter sido falha minha) questões colocadas ao Governo.

Gostaria muito rapidamente de dizer que assistimos aqui a uma intervenção com níveis de extremismo que há muito tempo não era registado nesta Assembleia. Atribuímos um pouco a isso, se calhar, ao facto de como o Sr. Deputado Paulo Mendes vai voltar a ser substituído na próxima sessão pela Sra. Deputada Zuraida Soares, com certeza quis deixar ficar aqui o seu registo sobre esta matéria.

Só faltou ao Sr. Deputado Paulo Mendes dizer que também foi por culpa do Governo que o Brasil ontem perdeu o jogo por 7-1.

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Muito bem!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Esqueceu-se! Esqueceu-se!

**Deputado Francisco César (PS):** De certeza que ainda vai dizer!

**O Orador:** De resto, foi tudo atribuído culpas ao Governo Regional, ao da República ou a todas as bancadas.

Diria mesmo que se esta intervenção fosse feita no Parlamento da Coreia do Norte ou de Cuba seria considerada uma intervenção de extrema-esquerda.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Já se espalhou!

**O Orador:** Neste caso concreto acho que todos temos direito à nossa opinião, mas permita-me um conselho, Sr. Deputado: quando se diz que tudo (tudo!) está mal e quando se diz que tudo (tudo!) é por culpa dos outros, não estamos com certeza a ter uma abordagem correta da solução, porque independentemente das diferenças ideológicas, das diferenças de opinião, uma abordagem construtiva a favor dos açorianos, tem que passar, sim, por apontar o que está mal, mas também por reconhecer o que é bem feito, por reconhecer o que pode ser melhorado e por reconhecer o que pode ser aperfeiçoado.

Nesse debate contem com o Governo dos Açores sempre para melhorar, para trabalhar, para aperfeiçoar o que está mal, mas não podemos partir para esse debate quando se faz uma abordagem em que tudo está errado e onde não se aponta uma única ponta, um único caminho para se poder construir uma convergência.

Se me permite um conselho (fica um conselho do fundo do coração), respeitando a sua abordagem ideológica e os valores que defende e que respeito, para que os mesmos se tornem construtivos a favor dos açorianos, não pode ter uma abordagem como esta que teve nesta intervenção.

Temos que partir todos identificando as nossas diferenças e encontrando os pontos para que, em conjunto, possamos trabalhar mais e melhor, porque é possível, a favor dos açorianos.

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Nunca o poderemos fazer quando, evidenciando exclusivamente as nossas diferenças, aumentarmos aquilo que é efetivamente os pontos de conflitualidade e não identificarmos pontos onde podemos em conjunto construir o futuro melhor que os Açores e os açorianos merecem.

Disse.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Estão abertas as inscrições para o debate. Está inscrito já o Sr. Deputado Félix Rodrigues.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Agora é que se vai iniciar o debate!

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Veremos!

**Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A interpelação ao Governo Regional sobre a situação económica e social da Região Autónoma dos Açores deve ser recentrada. Deve ser recentrada, porque aqui o que foi apresentado não é, de facto, uma interpelação ao Governo no sentido de entendermos a situação económica e social da Região Autónoma dos Açores.

A crise que os Açorianos sentem, foi atrasada (e todos nós sabemos) por negação do Partido Socialista.

Esta crise, com origem externa, mas também socialista, obriga as famílias a lidar com situações dilemáticas nas opções que têm que tomar, não só económicas, mas também sociais e familiares: entre pagar a prestação da casa ou dar educação aos filhos; entre deixar emigrar os filhos formados ou albergá-los até que se dê um milagre, que poderá vir a acontecer quando estes atingirem a idade da reforma.

O Governo Regional tem o dever de criar condições de equidade no acesso de todos à saúde, à educação, à natalidade e à família.

Como é que o Governo Regional pensa garantir esse acesso equitativo à saúde a todos açorianos com as políticas que tem implementado nos últimos tempos, especialmente nas ilhas pequenas?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Uma pergunta! Primeira pergunta!

**O Orador:** A saúde nos Açores está em crise, não porque os açorianos tenham decidido ficar todos doentes ao mesmo tempo, ou porque decidiram envelhecer todos ao mesmo tempo, mas porque a gestão da saúde nos Açores nos endividou a todos, não conseguindo, neste momento garantir que os açorianos sejam tratados em condições de equidade e de humanização.

A desertificação das pequenas ilhas resulta de apostas erradas no desenvolvimento harmónico e da ausência de políticas de apoio eficaz às famílias, apesar do Partido Socialista afirmar que todos os dias pensa em coesão. Afinal qual é o conceito de coesão que está permanentemente presente na mente dos deputados socialistas?

Quando alguém tem filhos por causa de 35 euros, no máximo, provenientes do abono de família ou do RSI, é certamente porque a pobreza é extrema.

Quanta pobreza extrema temos nos Açores e como se distribui pelas nossas ilhas?

Vivemos numa sociedade onde ninguém quer carregar ninguém nem ser fardo para ninguém: por isso assistimos à desumanização no tratamento ou cuidados prestados aos idosos, e às maiores taxas de violência doméstica do país.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Quando a maioria dos reformados doentes da Região, tem que optar entre comer uma vez por dia ou pagar os medicamentos, o futuro está claramente posto em causa.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Quando têm medicamentos!

**O Orador:** Que estratégias de humanização dos serviços de saúde e de apoio a idosos estão a ser promovidas?

Já o dissemos no passado e voltamos a repetir agora, “o ânimo dos Açorianos está sombrio e a paciência para enfrentar a crise e o desemprego que não regride, começa a escassear”.

Quanto emprego sustentável temos nos Açores?

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A tese de que o Governo Regional não tem responsabilidades na crise que nos assola, não resiste nem à realidade, nem à lógica.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** O défice dos 0,002% não convence, porque as enormes dívidas do Setor Público Empresarial, estão-nos a arrastar a todos para um “*reality show*”, que nos pode entreter durante algum tempo, mas só enquanto não tropeçarmos na dura realidade.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** A educação na Região também tem falhado, como o demonstram os números do insucesso e abandono escolar.

Não precisamos de números para perceber que há uma desadequação clara entre os aumentos dos gastos nas construções escolares e o decréscimo do número de crianças em idade escolar.

Não precisamos de números para verificar que à medida que a situação económica e social regional se degrada, as ameaças à nossa autonomia e à unidade regional aumentam.

Não precisamos de números para perceber que quando não se pagam as dívidas aos fornecedores, tal leva à falência de empresas e ao aumento do desemprego.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** A consequência óbvia é mais crise nas famílias e para as famílias.

Quando começa o Governo Regional a pagar as dívidas aos fornecedores?

É insuportável a ideia de esperar, sem esperança, que o serviço regional de saúde nos marque uma consulta ou nos chame para uma cirurgia, ou agonizar entregues à nossa sorte, enquanto os computadores não fazem a gestão eficaz dos recursos e das listas de espera para cirurgias.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** É insuportável pensar que em determinadas ilhas, se pode morrer, porque não existem meios adequados para evacuar com urgência um doente de uma ilha para outra.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** É preciso com urgência decidir: com racionalidade, equidade e avaliação eficaz das políticas de alavancagem económica e de melhoria da qualidade de vida da maioria dos açorianos. Estes são claramente objetivos que a todos nos unem.

Face à situação de pobreza que existe no Arquipélago, face ao acentuar das desigualdades socioeconómicas na Região, constatamos que o Governo terá que se reinventar, terá que dialogar, terá que estudar e terá que se envolver com parceiros políticos e sociais.

Usar a República como única desculpa para a crise açoriana,...

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Não é a única, mas é a principal!

**O Orador:** ... remete-nos para o fracasso da autonomia.

Usar a máxima defensiva da “maioria” remete a governação para a cegueira parcial.

A conjuntura atual impõe que sejamos realistas, profissionais e eficientes na avaliação das políticas económicas e sociais.

Que alterações se preconizam nas políticas de Solidariedade Social, com a novel Secretária Regional?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Vamos lá, Sra. Secretária! Vamos responder!

**O Orador:** Que contributos espera o Governo Regional que lhe dê a oposição para superarmos a crise?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem! Cá estamos para dar a nossa opinião!

**O Orador:** A crise nas famílias açorianas e a crise na Governação Açoriana não ajuda a sobreviver à crise.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Mendes tem a palavra.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Outra vez?

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** O que é que se esqueceu?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Esqueceu-se das formigas!

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A intervenção inicial do Sr. Vice-Presidente não é mais do que a continuação daquilo que tem sido a grande prerrogativa deste Governo Regional, ou seja, de propaganda em propaganda, e a sua explanação.

**Deputado Francisco César (PS):** O senhor deu conselhos!

**O Orador:** Aliás, acaba por espelhar bem essa política que não passa da propaganda.

Se para nós está tudo mal, para o Governo Regional está sempre tudo bem!

Aliás, temos um Governo rosa, banhado em rosa, num país das rosas ou numa região das rosas, neste caso. Fiz grandes questões, coloquei grandes questões na minha intervenção inicial, só que ou não entenderam ou não quiseram entender.

A grande questão de fundo é qual é a diferença entre o modelo de governação do Partido Socialista aqui na Região e o modelo de governação do PSD e do CDS na República? – primeira pergunta.

**Deputado Francisco César (PS):** O senhor não sabe?

**Deputado Manuel Pereira (PS):** É diferente do da Salva Terra de Magos!

**O Orador:** Segunda pergunta, ou melhor, segundo desafio, se calhar:

Como é que é possível e como é que se explica que o Governo Regional tenha anunciado há coisa de um ano ou ano e meio, aliás por altura das eleições autárquicas, que era desta que iriam investir na reabilitação urbana?

Tudo iria acontecer depois de apresentado o novo Quadro Comunitário de Apoio para a Região.

Contudo, quando foi apresentado o novo Quadro Comunitário de Apoio para a Região ficámos a saber que esse financiamento para a tal reabilitação urbana, que seria algo inédito na história dos vários Quadros Comunitários para os Açores (finalmente!), acabou por ser uma migalha. Ou seja, “a montanha pariu um rato”.

Segunda questão que teria a ver com o Sr. Presidente do Governo Regional, que infelizmente não está, mas se calhar posso dirigir-me ao Sr. Vice-Presidente:

Por que é que o Governo Regional não tem a coragem, a audácia, de aumentar o salário mínimo na Região, quando foi o próprio Presidente do Governo Regional que, no preâmbulo de um livro que foi lançado na semana passada, disse algo como isto (e passo a citar):

“Não há razão para que o esforço da nossa competitividade se faça à custa dos trabalhadores e isto é tão mais importante quando por vezes somos confrontados com perspetivas que pretendem colocar sistematicamente o retrocesso de alguns direitos laborais como condição inevitável” – escreve Vasco Cordeiro no prefácio de um livro de Carlos Brum Belo, sobre o tema dos despedimentos.

Então? Por que é que o Governo Regional, suportado pela maioria absoluta do Partido Socialista, nunca deu ouvidos à oposição para aumentar o salário mínimo na Região, escondendo-se sempre atrás do Governo da República?

Também ouvimos criticar, o Sr. Vice-Presidente e o Sr. Presidente, e bem (boas críticas, críticas com as quais nós concordamos e acompanhamos), o fecho dos serviços de finanças e dos CTT como um mau exemplo de serviço público. Um mau exemplo de serviço público deveria estar próximo dos cidadãos, mas simultaneamente defendem o encerramento de urgência nos centros de saúde.

Obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Vice-Presidente tem agora a palavra.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Muito rapidamente.

Sobre as diferenças de políticas entre o Governo Regional e o da República não vou entrar nesta questão. É muito simples. Os açorianos sabem quais são, os açorianos valorizaram esse facto e essa matéria é mais do que clara.

E agora respondo ao objeto da segunda intervenção que iniciou nesta interpelação, em relação às questões que me foram efetivamente colocadas.

Questão da reabilitação urbana:

O Sr. Deputado considera que a matéria da reabilitação urbana, no âmbito do novo Quadro Comunitário de Apoio, não tem a intensidade que acha que devia ter.

Quando o Sr. Deputado faz essa crítica, eu tenho que lhe perguntar concretamente se o Sr. Deputado conhece a regulamentação FEDER, ou seja, a regulamentação comunitária que enquadra as possibilidades de reabilitação urbana no âmbito do novo Quadro Comunitário de Apoio?

Quando fez essa pergunta e essa crítica conhece a nova regulamentação comunitária que enquadra exatamente os termos em que a reabilitação urbana pode ser feita no âmbito das políticas comunitárias?

Gostaria que na próxima intervenção me respondesse.

Citando e conhecendo – com certeza que conhece, não acredito que seja um deputado irresponsável que faça críticas sem conhecer as matérias das quais fala –, solicito-lhe que diga exatamente, em termos de matéria de regulamentação comunitária, do próximo Quadro Comunitário, no âmbito da reabilitação urbana, o que é que não está contemplado nos sistemas de incentivos que propusemos?

Ou seja, que matéria concreta e objetiva, em termos de reabilitação urbana, é que sendo permitido pela regulamentação comunitária, nós não a contemplámos na Região?

Fico a aguardar a sua resposta para sabermos até que ponto é que este debate pode evoluir com a profundidade, com a clareza, mas também com o conhecimento de causa, que o mesmo deve ter.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Sr. Deputado Paulo Estêvão tem agora a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta interpelação do Bloco de Esquerda, sendo sobre tudo, acaba por ser sobre nada.

A grande dificuldade de se querer discutir tudo, querer discutir cem questões, não se consegue aprofundar absolutamente nenhuma questão.

O Sr. Deputado do Bloco de Esquerda fez muitas críticas. Algumas delas merecem concordância do PPM, mas não aprofundou o assunto. Ninguém o poderia fazer quando se faz uma abordagem tão generalista.

Evidentemente também tem a fragilidade de, criticando tanto, não oferece nenhuma solução.

Não há nenhuma solução!

A única que fez, e que me lembro, foi em relação à Base das Lajes.

Aquilo que está a defender é uma absoluta falta de consciência quando defende a retirada norte-americana na Base das Lajes.

O Sr. Deputado é da Ilha Terceira. Sabe perfeitamente o impacto brutal que teria do ponto de vista social e económico uma situação deste género.

Sabe o que é que isso significaria para centenas de famílias na Ilha Terceira e para o conjunto da economia açoriana.

Depois limita-se a dizer, em alternativa, que nós temos uma utilização civil. Ou seja, não tem nada a oferecer aos açorianos, em relação a essa situação, do ponto de vista específico.

O problema de quem faz crítica é que tem que ter sempre a outra parte, o outro lado da moeda que é oferecer alternativas.

Eu acho que nós, nos Açores temos sobretudo um problema político. Temos o problema de um governo que está (e de um partido) a exercer o poder há 18 anos.

Estamos aqui a falar em renovação do Governo e de políticas, mas vemos que o que se passa na bancada do Governo é uma dança de cadeiras: quem é deputado passa a ser membro do Governo; quem é membro do Governo passa a ser deputado; quem é deputado, e deixou de o ser, vai para a administração,...

**Deputado Francisco César (PS):** Por acaso isso não aconteceu!

**O Orador:** ... vai para as empresas, vai para o Setor Público Empresarial; quem sai do Setor Público Regional vai para o Governo ou vai para a bancada.

Não há renovação absolutamente nenhuma do ponto de vista político.

É um partido que se eterniza nas posições. São sempre os mesmos.

Não há aqui qualquer tipo de renovação, de sangue novo. Há, pelo contrário, uma continuidade dos mesmos agentes políticos que ocupam a elite do poder nos Açores.

Podem dizer que ganham eleições. Ganham!

O Partido Socialista é uma máquina de ganhar eleições, mas o João Jardim também é uma máquina de ganhar eleições na Madeira e não quer dizer que governe bem, mas foi uma máquina de ganhar eleições ao longo destes anos todos.

Os resultados estão aí. Ganhar eleições não significa que se esteja a governar com eficácia. Ganhar eleições, governando como Partido Socialista governa, a curto prazo provoca uma acumulação de situações de disfuncionalidades que outros terão que resolver mais tarde.

Dezoito anos, meus senhores, de exercício de poder, é muito tempo.

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Paciência!

**O Orador:** Uma das maiores dificuldades que a Região enfrenta é, de facto, a falta de pluralismo, é a falta de rotatividade no poder.

Têm que ser outras pessoas, outros projetos. É necessário que exista uma verdadeira renovação na Região, que exista gente que tenha projetos novos, que

tenha um novo dinamismo e não apenas um único objetivo central que é preservar o Partido Socialista no Governo da Região.

Meus senhores, eu estou muito à vontade em relação a esta matéria, porque eu estou aqui na oposição política, com funções partidárias, com funções parlamentares, há 18 anos, meus senhores.

**Deputado Duarte Moreira (PS):** E a renovação?

**Deputado José Ávila (PS):** Pode criar uma monarquia!

**O Orador:** Há 18 anos que combato estas políticas, que tenho estas funções, quer as funções do ponto de vista partidário, quer as funções no Parlamento.

O que eu vejo são os problemas na Região a agravar-se de ano para ano, de legislatura para legislatura.

Nós observamos os problemas na área da educação, em que temos os piores resultados escolares do país.

Meus senhores, de quem é a culpa?

Temos o abandono escolar que é o mais acentuado do país.

De quem é a culpa? Quais são as vossas soluções?

Os senhores colocaram os Açores num lugar que não estava, no fundo da tabela.

Os Açores não estava lá no exercício das vossas funções.

Eu vejo uma Região cada vez mais dependente do ponto de vista económico, eu vejo uma Região que tem uma dependência brutal em relação ao exterior, que tem um conjunto de responsabilidades financeiras cada vez mais esmagador e que não permite uma governação estratégica e que apenas permite uma governação que empurra a dívida, que empurra os problemas um pouco mais para a frente.

Meus senhores, mas estamos à beira do princípio do ponto de vista económico.

E do ponto de vista social? – e termino esta primeira intervenção.

É uma autêntica catástrofe.

Temos situações de famílias, em muitas zonas da nossa Região, que passam fome, temos jovens sem qualquer tipo de oportunidade de emprego.

Temos um problema social gravíssimo.

Aliás, o Governo acaba de reconhecer esse problema e acaba de renovar essa pasta no sentido de tentar encontrar outras soluções, porque ao longo destes dois anos o que vimos foi o acentuar de uma catástrofe, do ponto de vista social, tremenda.

Quais são as respostas do Governo?

Não tem qualquer tipo de resposta em relação a esta matéria.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado João Bruto da Costa.

(\*) **Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Há não muito tempo o PSD trouxe a esta câmara um debate de urgência sobre a situação e o drama social que se vive nos Açores.

Nunca é pouco relevante quando qualquer outro partido da oposição, ou qualquer outro partido aqui representado, traz à Assembleia Regional uma interpelação ou um debate sobre as questões sociais e económicas dos Açores.

Por isso, mais importante do que a habilidade ou inabilidade do interpelante, é ouvirmos o Governo sobre as respostas que tem para os dramas que se vivem nos Açores.

Por isso estranhámos que o Governo se preocupe mais com a habilidade do interpelante do que propriamente com as respostas a dar aos açorianos.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A primeira questão que temos de levantar neste debate é a seguinte:

Para que serve o Governo dos Açores? Para que serve este Governo Regional?

Sabemos já que não serve para combater o drama do desemprego que atinge 22 mil açorianos!

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Sr. Presidente, passaram 100 dias, passaram 200 dias, 300, 400, 500 dias e o Governo dos Açores do Partido Socialista continua a demonstrar uma

absoluta incompetência para dar resposta ao maior problema económico e social que vivem os Açores desde a fundação da autonomia.

Para isso não tem servido este Governo Regional!

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Também não tem servido para combater o insucesso e o abandono escolar.

Os Açores continuam, teimosamente, a ter os piores resultados nacionais no abandono e no insucesso escolar. Pode até ser do DNA dos açorianos...

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Esse discurso já estava escrito há muito tempo!

**O Orador:** ... como afirma o Governo Regional,...

**Deputado André Bradford (PS):** Não é verdade! Não é o Governo Regional!

**O Orador:** ... pode até ser que seja o destino que os Açores não saiam do último lugar nestes indicadores sociais, mas mesmo que assim não seja, como acreditamos que não é, também para alterar esse constrangimento não serve o Governo socialista dos Açores!

Igualmente não tem servido este Governo para combater a crónica pobreza em que vivem muitas famílias nos Açores. Teimamos em ser a Região com a maior incidência de Rendimento Social de Inserção, com as mais elevadas taxas de pobreza, e com as mais severas privações por que passam muitos açorianos para enfrentar o seu dia a dia.

São já 18 anos de socialismo açoriano, e por mais milhões que atirem para cima dos problemas, os Açores insistem em liderar os piores indicadores sociais.

Para alterar este desígnio também de nada serve este Governo Regional socialista!

**Deputado Bruno Belo (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Continuamos a liderar no alcoolismo, na violência doméstica, nas pensões de miséria, nos baixos rendimentos, nas listas de espera na saúde,...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** ... e em tantos outros indicadores económicos e sociais que revelam a cada açoriano não só a incompetência e a incapacidade dos socialistas em

combater as adversidades, mas, sobretudo, a completa inutilidade de um governo que cada vez mais se comporta como o executor testamentário das vontades sucessórias do Partido Socialista Açores e cada vez menos como o Governo que os Açorianos sonharam para implementar uma autonomia de progresso e desenvolvimento do povo dos Açores!

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Para que serve então o Governo dos Açores? O que faz um governo que não consegue dar consequência a milhares de milhões de euros que lhe caíram nas mãos vindos de uma Europa empenhada em desenvolver os Açores?

Se não serve para criar riqueza, emprego e desenvolvimento para o povo dos Açores só resta uma conclusão: o Partido Socialista, ao invés de governar, governa-se!

Se não serve para tudo isto, temos de continuar a questionar: para que serve então o Governo dos Açores?

E aqui sim, na questão do Partido Socialista se governar, temos assistido a um Governo Regional do PS que sabe muito bem tratar do serviço ao partido e aos interesses eleitorais dessa elite rosa que prolifera nos Açores.

**Deputado Bruno Belo (PSD):** Muito bem!

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Isso é falso!

**O Orador:** Para isso já tem servido o Governo Regional: para nomear as clientelas partidárias para os apetecíveis cargos e administrações que tutela, para que se endividem ao serviço dos interesses do PS-Açores a que depois o Governo, com os impostos dos açorianos, atribui avales que apenas escondem a verdadeira tragédia que se vive na Região.

A situação económica e social dos Açores é o resultado de um Governo que não governa para resolver os problemas da população. Um Governo Regional que

em termos de desemprego apenas se preocupa com o emprego dos socialistas que ocupam os cargos de nomeação e que vão fazendo a festa socialista às costas de um povo continuamente enganado.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Esse discurso não é para aqui!

**Deputado José Ávila (PS):** Isso já se passou aqui!

**O Orador:** Mas se é para isso que serve o Partido Socialista no Governo dos Açores, não serve os verdadeiros desígnios da autonomia regional.

Disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Não vou propriamente enunciar aqui alguns indicadores que dão conta da situação social e económica que atravessa transversalmente a nossa Região e que são de todos conhecidos. Mas importa tecer aqui algumas considerações sobre o que é feito, o que não é feito e o que deveria efetivamente ser feito.

Mas antes disso, dizer o seguinte:

Certamente que há fatores externos que influenciam decisivamente a vida política, social e económica na Região Autónoma dos Açores.

Esses fatores externos vêm com certeza de Lisboa, vêm de Bruxelas, vêm das imposições do setor financeiro e traduziram-se na subscrição de um Memorando de Entendimento (é bom que nos lembremos) ao qual o Partido Socialista também está vinculado. Vêm também da chegada ao poder de uma coligação de direita.

O Governo Regional dos Açores até pode olhar para alguns indicadores, designadamente o do desemprego, e afirmar que antes da crise, do pré-período

ao Memorando, do pré-período da entrada no poder da coligação de direita, tinha a taxa de desemprego mais baixa do país na Região Autónoma dos Açores e que hoje é a mais alta. Até pode atribuir essa responsabilidade às políticas de austeridade, ao Memorando de Entendimento. Enfim... Como muito bem entender!

Mas a verdade é esta: há também fatores internos que são causadores da situação económica e social que se vive na Região. Esse fatores internos são a pré-crise, são as opções políticas e económicas que foram sendo tomadas ao longo dos anos pelo Governo Regional, isto é, um desinvestimento no setor produtivo, um forçar da terciarização da economia e um desinvestimento ao nível dos setores sociais, como a educação e a saúde. Desinvestimento não nas infraestruturas, porque essas foram fáceis de fazer, até porque milhões “eram a rodos”.

Portanto, cimento e betão, tudo isso é muito fácil de fazer quando há muito dinheiro. Mas o problema dos cidadãos não se resolve com cimento, nem com alcatrão. É necessário outras opções políticas no sentido de valorizar aquilo que são as pessoas e sobretudo ter coragem para fazer opções políticas e económicas que de alguma forma tornem a nossa economia menos dependente para que isso possa ter efeitos nos indicadores sociais.

A verdade é esta: se se pode atribuir responsabilidades externas, há responsabilidades que são nossas, são do Governo Regional, são deste Parlamento e das opções políticas que se fazem. É necessário ter coragem para as alterar, porque estarmos a aplicar velhas e dogmáticas receitas políticas e económicas ao longo de sucessivos anos, com resultados que entretanto estamos a obter e que o Governo Regional está a obter, não me parece que esse seja o caminho.

É preciso arrepiar caminho, Sr. Presidente do Governo Regional. É preciso V. Exa. ter a coragem de romper com algumas opções políticas e económicas que têm vindo a ser feitas ao longo dos anos, sob pena de nós nos mantermos com os indicadores sociais e económicos que temos e que não são bons, Sr. Presidente do Governo Regional. Não são efetivamente bons e uma melhor

avaliação que se pode fazer da situação social e económica que se vive na Região são as famílias, os trabalhadores que mesmo tendo trabalho, o seu salário não lhes permite ter uma vida digna.

Quando falo em ter uma vida digna é satisfazer ao menos as suas necessidades básicas. Não estou a falar em quem está privado do direito ao trabalho. Estou a falar de quem ainda tem direito ao trabalho, mas que tem um salário de miséria que não lhe permite sequer satisfazer as suas necessidades básicas, as suas e as da sua família.

Portanto, é necessário arrepiar caminho. É preciso encontrar outras soluções.

A verdade é esta: o Partido Socialista nos Açores, talvez porque esteja amarrado a compromissos que não são da Região, são do país...

**Deputado José San-Bento (PS):** O senhor é que está amarrado às suas políticas!

**O Orador:** Chegou o Deputado José San-Bento. Muito bom dia! Como está, Sr. Deputado?

Sras. e Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados:

É necessário ter coragem para alterar estas políticas.

Nós, ainda no mês passado, aprovámos aqui mais um programa de incentivo às empresas. Sim, senhor. Mas aquilo é a repetição de uma receita.

Ao fim de 170 milhões a economia regional está no mesmo marasmo,...

**Deputado José San-Bento (PS):** Isso não é verdade!

**O Orador:** ... mas no entanto V. Exas. insistem no mesmo e recusam-se a fazer uma coisa que me parece que é essencial e que qualquer cidadão percebe: é preciso que haja um aumento do rendimento disponível das famílias. Isso só é possível, não com apoios sociais, não com esmolas.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Ah! Até que enfim!

**O Orador:** É com trabalho!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Bem-vindo ao clube!

**O Orador:** E é com trabalho justamente renumerado, que é exatamente isso que Vs. Exas. reconhecendo para os trabalhadores da Administração Pública Regional, e muito bem (reconhecem para os trabalhadores da Administração

Pública Regional que é necessário compensar os cortes, que é necessário encontrar mecanismos para garantir o mesmo nível de rendimento), entretanto recusam-se a aumentar o acréscimo regional ao salário mínimo nacional, sabendo-se que isso, em termos do custo para as empresas, não representa um acréscimo de custos significativo. É perfeitamente irrelevante.

Mas o aumento do salário mínimo para um trabalhador garante-lhe mais rendimento e garante mais dinheiro a fluir na economia, porque as empresas têm que cumprir o seu objeto. O seu objeto é vender produtos...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** É preciso criar emprego!

**O Orador:** ... vender serviços, mas para isso é necessário que os trabalhadores e as famílias tenham rendimento disponível.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Essas diabólicas empresas!

**O Orador:** É isto que Vs. Exas., reconhecendo para os trabalhadores da Administração Pública, são incapazes de reconhecer para o setor privado.

O PCP virá de novo, logo que regimentalmente seja possível, apresentar o acréscimo regional ao salário mínimo nacional. O PCP virá de novo apresentar uma proposta digna de aumento do Complemento Regional de Pensão. Queremos ver a resposta do Partido Socialista e queremos ver a resposta do Governo da Região Autónoma dos Açores.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Isso é um *déjà vous!*

**O Orador:** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

O caminho tem que ser por aí, senão continuamos a ter milhares e milhares de açorianos, mesmo aqueles que continuam a manter o seu direito ao trabalho, a não ter dignidade e a não ter acesso àquilo que são as suas necessidades básicas. Portanto, o desafio do PCP, não só ao Governo Regional mas a todas estas bancadas da oposição, é que esse caminho seja feito.

**Deputados Paulo Estêvão (PPM) e Artur Lima (CDS-PP):** Isso é a cassete!

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Blu-ray!

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** É a mesma coisa!

**Presidente:** Agradeço que termine, Sr. Deputado.

**O Orador:** V. Exas. relativamente a isso, há muito...

**Presidente:** Tem que terminar, Sr. Deputado.

**O Orador:** ... que herdaram a cassette. O PCP há muito que utiliza as novas tecnologias.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Não se nota!

**O Orador:** Portanto, Vs. Exas., designadamente o CDS, é que continuam a utilizar esses instrumentos museológicos como sejam as cassetes.

O desafio fica feito.

Se o Sr. Vice-Presidente ou se o Sr. Presidente do Governo Regional quiserem já começar a responder a esse desafio, o PCP agradecia.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado Paulo Mendes.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Vice-Presidente, o seu tom paternalista não me apazigua.

Aqui, quem está a interpelar o Governo Regional, é o Bloco de Esquerda, assim como toda a oposição.

Não me compete a mim responder a questões do Governo Regional.

**Deputado Francisco César (PS):** Ah!

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** É porque não sabe!

**O Orador:** Mas vou adiantar-lhe.

Eu tive acesso a toda a regulamentação e sei muito bem que tudo bem espremido, bem espremido, para a reabilitação urbana não sai quase nada. Sai alguma coisa, claro que sai, mas sai muito pouco,...

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** O senhor está a falar de Bruxelas?

**O Orador:** ... não aquilo que seria necessário para concretizar as medidas, no âmbito da reabilitação urbana, a que tanto se comprometeram.

Relativamente ao PSD, ao PPM e ao CDS, e às acusações de incompetência ou seja lá o que for, incompetente foi quem esteve nas várias governações da Região e esteve sempre subserviente ao Estado Norte-Americano e à sua instalação militar na Base das Lajes.

Mesmo através de sucessivas reduções no contingente de trabalhadores, permaneceram impávidos e serenos e sempre com a mesma atitude e sempre com a mesma estratégia, apesar de estarem a assistir à destruição de emprego na Base das Lajes de ano para ano. Continuam impávidos e serenos e sempre a seguir a mesma lógica de subserviência ao Estado Norte-Americano, aos interesses norte-americanos e às forças belicistas.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** O que é que o senhor acha do Presidente Chinês?

**O Orador:** Assumiram a mesma atitude.

A isso chamo irresponsabilidade, quando nem tiveram a atitude de criar um Plano B para a Base das Lajes.

Aliás, até como está a ocorrer, poderia ser por opção dos norte-americanos a sua retirada ou redução de tal forma que iriam destruir ainda mais emprego e reduzir a Base das Lajes a uma mera Base adormecida que irá servir (o quê?) interesses norte-americanos quando quiserem e quando tiverem interesse em projetar as suas forças, em qualquer parte do globo, para promover um qualquer conflito. A isso eu chamo irresponsabilidade.

O Sr. Deputado está há 18 anos (orgulha-se e bem de estar há 18 anos) nesta Casa...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Há 18 anos nesta Casa, não! Há 6 anos!

**O Orador:** Há 6, mas falou que há 18 anos tem acompanhado partidariamente. Mantém-se sempre de braços cruzados perante aquilo...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** De braços cruzados?!

*(Risos dos Deputados da bancada do PS)*

**Orador:** ... que foi a destruição de emprego na Ilha Terceira.

Depois, para o Governo Regional.

Estou ou não a falar em negócios para amigos quando na Terceira financiaram, apoiaram todo um processo para a instalação de um parque eólico da Serra do Cume? No espaço de um ano...

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Mendes...

**O Orador:** ... foi atribuída toda e qualquer ajuda para que...

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Mendes...

**O Orador:** ... se fizessem negócios com o apoio da Região em setores estratégicos.

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Mendes...

**O Orador:** Falam, não em negócios para amigos...

**Presidente:** Sr. Deputado... Desculpe, mas vou ter que lhe desligar o microfone.

**O Orador:** Como?!

**Presidente:** Estou aqui a chamá-lo há quase 1 minuto.

Sr. Deputado, no início da sua interpelação foi-lhe dada alguma liberdade...

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Criativa!

**Presidente:** ... porque naturalmente não nos podemos intrometer no conteúdo da interpelação, mas percebeu claramente, até pela reação das outras bancadas, da abrangência da sua interpelação.

O tema da sua interpelação é o debate sobre a situação económica e social da Região e eu peço-lhe que se centre nessa temática...

**O Orador:** Falei da Base das Lajes.

**Presidente:** ... e também lhe peço alguma atenção, porque (é a emoção do debate, compreendo) quando é chamado deve parar a sua intervenção e ouvir a chamada de atenção que lhe é feita.

Peço-lhe que efetivamente se centre no debate, na matéria que estamos aqui hoje a debater, e não em matérias divergentes que de facto não têm nada a ver com a situação.

**O Orador:** Sra. Presidente, eu simplesmente chamei a atenção do Sr. Vice-Presidente que isto se tratava de uma interpelação. Portanto, compete ao Bloco de Esquerda, assim como a toda a oposição, colocar questões aos membros do Governo Regional...

**Presidente:** Sobre a temática.

**Deputado Francisco César (PS):** É preciso que coloque!

**O Orador:** ... e não ao contrário.

**Presidente:** Sobre a situação económica e social.

**O Orador:** De seguida também falei sobre a Base das Lajes...

**Presidente:** E agora está a falar sobre a questão de negócios e de questões ambientais que efetivamente não têm a ver com a situação económica e social. Pode até chegar lá, mas pelo menos por enquanto...

**O Orador:** Então não está? Se é a Região que está a desbaratar dinheiro público com apoios a incentivos à iniciativa privada para investir em setores estratégicos?

**Deputado Francisco César (PS):** Sr. Deputado, tem direito. Isso é SIDER!

**Presidente:** Sr. Deputado...

**O Orador:** Tem direito, porquê? Devido a uma opção política do Governo Regional.

Estou aqui a questionar opções políticas...

**Presidente:** Sr. Deputado, fiz-lhe a chamada de atenção. Naturalmente vai continuar a sua intervenção.

**O Orador:** Acho que faz todo o sentido. Não estou a fugir ao âmbito.

**Presidente:** E a Mesa estará atenta e se for necessário interrompe novamente.

**O Orador:** Já vi aqui exemplos e casos de fugirem ao âmbito, muito mais do que eu.

Eu acho que me estou a cingir ao âmbito.

**Presidente:** Pode continuar a sua intervenção tendo em atenção aquilo que lhe disse. Está bem, Sr. Deputado?

**O Orador:** Está bem.

Gostaria também de questionar se não são negócios para amigos o que está a acontecer no caso da radioterapia...

**Deputado Francisco César (PS):** Também é SIDER!

**O Orador:** ... quando o hospital de Angra foi construído já com um *bunker* para a instalação do equipamento de radioterapia e agora, porque interessa ao Governo Regional se calhar favorecer algumas entidades, instalam a

radioterapia em São Miguel onde vão ter que construir novamente um *bunker* para instalar toda a maquinaria da radioterapia?

Não estamos aqui perante um caso de duplicação de investimentos, de má gestão?

Obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem a palavra a Sra. Secretária Regional para uma interpelação à Mesa.

(\*) **Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares** (*Isabel Almeida Rodrigues*): Obrigada.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Apesar de pretender fazer uma interpelação, mas sendo a primeira vez que uso da palavra nesta qualidade nesta câmara, queria reassumir perante vós o compromisso que ali assinei ontem, prometendo que tudo farei para honrar o meu lugar.

**Deputada Marta Couto e Deputado José Ávila** (*PS*): Muito bem!

**A Oradora:** A interpelação que pretendo dirigir a V. Exa. (eu sei que a Sra. Presidente acabou por fazer um esclarecimento ao Sr. Deputado, mas penso que ele não entendeu) vai no sentido de que julgo que seria conveniente a Mesa explicar qual é o âmbito da interpelação, se calhar relembrando ao Sr. Deputado o requerimento que ele entregou nesta Casa.

Muito obrigada.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

De facto, a Mesa já tinha chamado a atenção ao Sr. Deputado Paulo Mendes.

No início da sua interpelação não foi feita qualquer chamada de atenção precisamente para permitir que pudesse enquadrar o âmbito da sua interpelação, mas penso que o Sr. Deputado Paulo Mendes já percebeu o âmbito da sua intervenção.

Penso que pede a palavra para uma interpelação à Mesa. Tem a palavra, Sr. Deputado.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu falo aqui de financiamento público.

Quando eu falo aqui em gestão pública, eu estou a falar de quê? Não estou a falar da situação política económica e social da Região?

Queriam o quê? Que eu falasse sobre pónéis, dragões, águias...

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Isabel Almeida Rodrigues):** Isto não é digno!

**Deputado Berto Messias (PS):** Sra. Presidente, vamos para intervalo!

**Presidente:** Sr. Deputado, o senhor está a fazer uma interpelação à Mesa.

**O Orador:** Sinceramente não compreendo...

**Presidente:** Sr. Deputado, o senhor está a fazer uma interpelação à Mesa.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Volta Zuraida que estás perdoada!

**Presidente:** Parece-me que esses não são os termos corretos para se dirigir à Mesa.

**O Orador:** Eu cingi-me ao âmbito.

**Presidente:** Sr. Deputado, eu não lhe dei a palavra. Peço desculpa, Sr. Deputado, mas não lhe dei a palavra.

O senhor fez uma interpelação à Mesa que não me parece correta, nem acho que os termos que utilizou foram os mais corretos para se dirigir à Mesa.

A chamada de atenção que lhe fiz... De facto, num debate sobre a situação económica e social, naturalmente não compete à Mesa interferir nos conteúdos que são trazidos a este plenário. Aliás, tenho sido clara desde o início em dar alguma latitude a todas as bancadas, mas naturalmente tem que chegar ao momento em que a intervenção é sobre a matéria em causa.

E independentemente do Sr. Deputado querer chegar a um fim e a um raciocínio, a verdade é que já falou de ambiente, já falou de energias renováveis...

Para podermos ter um debate enriquecedor e esclarecedor, que parece que é o que acima de tudo queremos aqui, tem que haver também um rumo e alguma condução nas matérias que coloca aqui.

Foi nesse sentido que lhe fiz essa interpelação e penso que o senhor percebeu o alcance dessa minha intervenção.

Sr. Deputado Paulo Mendes, para uma interpelação à Mesa?

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Peço desculpa se me excedi, mas penso que a Sra. Presidente também me compreendeu.

O âmbito desta interpelação era muito vasto,...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Volta Zuraida!

**O Orador:** ... e por isso algumas das questões que eu aqui coloco, parecendo que excedem ou saem fora do âmbito, podem ter várias interpretações.

Eu quando falo em energias renováveis, não falo propriamente nas energias renováveis.

Quando me refiro a energias renováveis, são negócios que se fazem com financiamento público em torno das energias renováveis.

Obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Sr. Deputado, a Mesa entende aquilo que diz e de facto permiti, até certo ponto, que pudesse falar de tudo o que entendesse, mas chega a uma altura em que também tem que haver regras.

Foi nesse sentido que lhe foi feita a chamada de atenção.

Penso que estamos esclarecidos. Vamos fazer um intervalo regressamos ao meio-dia.

*Eram 11 horas e 27 minutos.*

**Presidente:** Estava inscrito o Sr. Deputado Domingos Cunha a quem dou a palavra.

*Eram 12 horas e 08 minutos.*

**Deputado Domingos Cunha (PS):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Reconhecemos e assumimos que continuamos a viver num contexto de dificuldades acrescidas nas áreas sociais.

Sabemos que o caminho que percorremos não está isento de contratemplos e dificuldades, porque lidamos com um conjunto de políticas impostas e condicionadas pelo Governo da República, da responsabilidade do PSD e CDS-PP, que mais não tem feito que não seja diminuir o rendimento das famílias, pelas sucessivas reduções nos vencimentos, nas pensões, nas reformas e em outras prestações sociais.

Ainda agora, já está na Assembleia da República, uma proposta de Decreto-Lei que propõe mais uma redução estimada entre os 3 e os 10% nos salários da função pública.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Não conhece nada parecido!

**Deputado Berto Messias (PS):** Já lá vai!

**O Orador:** Ainda agora, também, 38.149 idosos com mais de 66 anos e com poucos recursos perderam o direito ao Complemento Solidário para Idosos, o mesmo é dizer que de maio de 2013 a maio de 2014 este apoio foi cortado a 17% dos beneficiários.

Fazendo fé nos dados publicados pelo Instituto de Segurança Social, desde maio de 2011, 46.000 idosos perderam o Complemento Solidário para Idosos.

Em igual período, 49.000 crianças e jovens com idades inferiores aos 18 anos ficam sem ter acesso ao Rendimento Social de Inserção.

Afinal, impõe-se perguntar, que Governo da República é este, que políticas sociais continua a implementar...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sra. Presidente, uma interpelação à Mesa!

**O Orador:** ... ao arrepio da recomendação da OCDE, recomendação a Portugal e ao atual Governo,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Se chamou a atenção ao Sr. Deputado Paulo Mendes, tem de fazer o mesmo a este senhor!

**O Orador:** ... e cito, “considera fundamentais as políticas sociais que apoiem as famílias para que os problemas da conjuntura não se transformem em desvantagens estruturais”.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Isto é uma vergonha, o que o este senhor está fazendo. A interpelação é ao Governo Regional!

**O Orador:** O Governo da República, contrariando a recomendação, mais não faz que continuar a reduzir as prestações sociais.

Pelo oposto têm sido as políticas sociais implementadas pelos Governos do Partido Socialista, na Região.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Vai ser um protesto!

**O Orador:** O Grupo Parlamentar do Partido Socialista enaltece as medidas e as políticas implementadas pelo Governo, que continua a assumir o compromisso de manter e aumentar os apoios sociais e as ajudas às nossas famílias.

Quero afirmar que para o Partido Socialista e para o Governo as pessoas são e estão sempre no centro das opções políticas.

Temos a consciência que este Governo tudo tem feito e continuará a fazer até ao limite das suas competências e dos seus recursos, para que todas as famílias açorianas continuem a usufruir das medidas e apoios em vigor,...

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... capacitando-as e ajudando-as a ultrapassar as dificuldades impostas pelas medidas antissociais do Governo da República.

Confiança e esperança são duas palavras-chave que todos devemos utilizar, para que cada vez sejamos mais capazes de promover e implementar medidas que garantam o futuro das nossas famílias.

Continuaremos a reforçar uma ação social de proximidade, que identifique, analise, intervenha e ajude o dia seguinte de cada um e de cada família mais vulnerável ou em situação económica débil.

O que é importante e tem de ser reafirmado, é que o Governo dos Açores tudo tem feito e continuará a fazer para manter e aumentar as diversas medidas e apoios já instituídos para salvaguarda dos cidadãos e das famílias em situação de precaridade económica.

Este Grupo Parlamentar regista que, nos Açores, há uma melhoria evidente e progressão nas políticas sociais sob a ação dos Governos do Partido Socialista, mas Senhoras e Senhores Deputados, o que importa é continuarmos a trabalhar para a melhoria das condições de vida de todos os açorianos.

E este Governo assim o fará.

Obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Artur Lima, para uma interpelação à Mesa, tem a palavra.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sra. Presidente, para uma interpelação à Mesa.

Já que foi aqui registada a latitude do Sr. Deputado Paulo Mendes, que estava a desviar-se do assunto, eu queria perguntar à Sra. Presidente qual é o tema da intervenção que foi feita pelo Sr. Deputado Domingos Cunha e onde é que se enquadra na interpelação ao Governo Regional.

Eu não percebi onde é que ela se enquadra na interpelação ao Governo Regional, porque passou o tempo a falar apenas e só...

**Deputado Berto Messias (PS):** Sr. Deputado, é um bom esforço! Isso é um *fait divers!*

**O Orador:** ... de medidas do Governo da República, o que me parece naturalmente excessivo.

Não falou da situação económica e social dos Açores.

**Deputado Berto Messias (PS):** Isso é mais um *fait divers!*

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Não! É *fait divers* para os outros! Até a Sra. Secretária levantou-se!

**Deputado Berto Messias (PS):** Já estamos habituados!

**Presidente:** Fica registada a sua interpelação, Sr. Deputado Artur Lima. Naturalmente tem todo o direito.

A Mesa entendeu, no entanto, que o enquadramento foi o defendido pelo Sr. Deputado e a intervenção do Sr. Deputado Domingos Cunha foi sobre políticas sociais e políticas sociais nos Açores.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Não ouvi!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Vamos continuar o nosso debate. Estava inscrito o Sr. Vice-Presidente do Governo. Tem a palavra, Sr. Vice-Presidente.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Começaria por lamentar que o Sr. Deputado Paulo Mendes não tenha querido seguir o meu conselho. Tem direito de não o seguir, mas acho que o devia ter feito.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Dê conselhos ali, para a sua bancada!

**O Orador:** Por isso só volto a referir a sua intervenção para dizer ao Sr. Deputado Paulo Mendes que o senhor pode ser contra a iniciativa privada, o senhor pode ser contra o investimento privado, o senhor pode ser contra o que achar que deve ser contra.

Agora, o senhor não pode repetir aqui aquilo que já fez em plenários anteriores onde pretende que o Governo não cumpra a lei.

O que o senhor tentou aqui fazer foi o que fez com a resolução, que foi rejeitada por todos os partidos no plenário anterior, de recomendar ao Governo que não cumpra a lei por princípios ideológicos ou por princípios que tem contra a iniciativa privada.

Em relação ao Projeto que referiu, de energia eólica, que já está instalado e em funcionamento, o Governo não fez atribuir nenhum financiamento público.

O Governo limitou-se a cumprir, no âmbito dos sistemas de incentivos, a regulamentação que foi aprovada pela larga maioria deste Parlamento.

Portanto, o Governo não fez nenhum ato subjetivo. O Governo cumpriu a lei nos termos em que ela foi aprovada nesta Assembleia.

Se o senhor não concorda com a lei e com os apoios existentes, o que tem que fazer não é criticar o Governo por cumprir a lei, mas sim apresentar propostas de alteração à lei.

**Deputado José Ávila (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Agora, nunca pode é acusar o Governo de ter cumprido integralmente a lei nos termos do apoio ao investimento privado que foi aprovado aqui, penso que pela generalidade dos partidos políticos.

Segunda questão essencial:

Sobre a reabilitação urbana também já percebemos que o Sr. Deputado não percebe nada da regulamentação comunitária sobre esta matéria, porque se percebesse teria entendido que a legislação regional que propusemos de reabilitação urbana vai ao limite máximo daquilo que em termos de regulamentação comunitária é permitido, explorando todas as hipóteses nessa matéria. Aquilo que não está lá contemplado é exatamente aquilo que não é permitido em termos de regulamentação comunitária.

Por isso o Sr. Deputado fugiu à pergunta que lhe coloquei.

Só para concluir, em relação ao Sr. Deputado Aníbal Pires, gostaria de lhe dizer, que o Sr. Deputado referiu que alguma degradação de alguns indicadores, nomeadamente do emprego e outros, começou a ocorrer quando houve o novo Governo da República, que alterou essas políticas e que isso teve reflexo nos Açores.

Quero dizer-lhe, Sr. Deputado, que registo a sua observação sobre esse facto, mas ao Governo dos Açores o que interessa não é escondermo-nos atrás de condicionalismos externos.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Ora!.. Ouça! Fale ali para o Sr. Deputado Domingos Cunha!

**O Orador:** O Governo da República os açorianos vão avaliar no tempo certo e terão oportunidade de se pronunciar sobre o Governo da República no momento certo.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem! Sr. Deputado Domingos Cunha, ouça!

**O Orador:** O que os açorianos contam é que o Governo dos Açores, apesar dos constrangimentos externos existentes, faça tudo (tudo!) e que trabalhe no limite das nossas competências, no limite dos nossos recursos, no limite das nossas capacidades, para fazer face a esses constrangimentos.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem, Sr. Vice-Presidente!

**O Orador:** O que os açorianos pretendem deste Governo é que tenha a capacidade de os minimizar, é que tenha a capacidade de os ultrapassar e que não se fique nas desculpas dos constrangimentos dos outros, mas faça conjuntamente com os açorianos tudo ao seu alcance, em termos do nosso trabalho,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Parole, parole, parole!

**O Orador:** ... das nossas competências e dos nossos recursos, para exatamente, apesar dos constrangimentos externos, ultrapassar a dificuldade que os Açores têm!

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**O Orador:** É para isso que contam com o Governo dos Açores, é isso que os açorianos confiam.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

Por isso os açorianos sabem que o Governo dos Açores não enfrenta as dificuldades com desculpas. O Governo dos Açores enfrenta as dificuldades com trabalho, enfrenta as dificuldades com vontade e sabem que juntos vamos conseguir ultrapassar e vencer as dificuldades que neste momento se registam nos Açores, independentemente da sua origem e de quem é a sua responsabilidade.

Estamos aqui...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Em permanente comício!

**O Orador:** ... para resolver os problemas. Não estamos aqui para encontrar culpados externos para os problemas que também se fazem na Região.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Para o Deputado Domingos Cunha não precisava tanto, podia ser menos uma coisinha!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Tem agora a palavra a Sra. Deputada Graça Silva.

(\*) **Deputada Graça Silva (PS):** Muito obrigada.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Gostaria de, em primeiro lugar, e uma vez que é a primeira vez que intervenho depois da tomada de posse dos novos membros do Governo, desejar aos novos membros do Governo um bom trabalho neste seu desafio que ontem iniciaram.

Vou começar a minha intervenção por concordar com os Srs. Deputados Bruto da Costa e Félix Rodrigues quando dizem que o desemprego e a pobreza são dos maiores flagelos que uma pessoa pode viver, mas também por referir que acho admirável a vossa capacidade, a capacidade do PSD e do CDS, de agirem e de falarem como se não tivessem qualquer responsabilidade nas causas que atiraram as pessoas para as dificuldades em que vivem.

**Deputado Ricardo Cabral (PS):** Muito bem!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não vai contradizer o Sr. Vice-Presidente, pois não?

**A Oradora:** Reconhecemos que as condições de vida em Portugal se agravaram e, conseqüentemente, na Região.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** A crise ia passar ao lado!

**A Oradora:** Que se acentuou o risco da pobreza para crianças, jovens, famílias e portugueses em geral;

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Tem os dados da crise!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** A pobreza não aumentou!

**A Oradora:** Que aumentou a intensidade da pobreza no país (os dados são do INE);

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Nos Açores não aumentou?

**A Oradora:** Mas foi com o Governo do PSD e do CDS que se acentuou o agravamento das condições de vida.

Isto aconteceu porque se reduziram os salários, as pensões e os apoios sociais.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Como é que explica que já é maior?

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Para que é que temos um Governo Regional? Para que serve a autonomia?

**A Oradora:** Foram estas as medidas que levaram ao empobrecimento das famílias e, naturalmente, a diminuição dos rendimentos dos portugueses levou à conseqüente diminuição do consumo e à retração da economia no país e na Região.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Como é que explica que já eram maiores?

**A Oradora:** Mas o que realmente vos incomoda é que apesar do contexto de dificuldades, nos Açores as pessoas são realmente a razão de ser da ação do Governo.

Na Região, o Governo complementa e reforça os apoios às famílias, aos trabalhadores e aos trabalhadores desempregados.

Por muito que vos custe essa é a verdade.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** A Sra. Deputada tem a certeza que pertenceu à CGTP?

**A Oradora:** Na Região o Governo complementa e reforça os apoios, enquanto o Governo do PSD e CDS na República cortam.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E a CGTP? Há dois anos não dizia bem isso!

**A Oradora:** Na Região o Governo trabalha em proximidade com as populações, implementando complementos salariais, nomeadamente a remuneração complementar para os trabalhadores da função pública, particularmente para aqueles que têm menores rendimentos.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E o salário mínimo? Há dois anos não dizia isso!

**A Oradora:** Posso exemplificar que um trabalhador da função pública com o salário mínimo nacional recebe no continente menos cerca de 58 euros...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Aí está a CGTP-IN!

**A Orador:** ... do que um trabalhador na Região, na mesma função e com o mesmo salário.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E aqui também e os senhores não querem pagar!

**A Oradora:** E no salário mínimo relativo aos trabalhadores do setor privado,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Nos hospitais também!

**A Oradora:** ... na Região, recebem cerca de mais 25 euros do que um trabalhador do continente.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Aqui é igual!

**A Oradora:** Mas o Governo não se limita a esses apoios.

Aplicou o Complemento Salarial para os funcionários públicos que foram afetados pela redução salarial imposta pelo Governo da República...

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Plenário ao qual a Sra. Deputada convenientemente faltou!

**A Oradora:** ... e o apoio às famílias através de programas de apoio aos trabalhadores desempregados que perderam os respetivos subsídios de desemprego, muitos por via das alterações à legislação laboral feita pelo Governo do PSD e do CDS.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** De referir ainda os apoios através dos programas de inserção profissional como o Recuperar, o Integra, o Estagiar L e T, que neste momento na República o Governo se prepara para alterar e reduzir o tempo de estágio dos estagiários.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** A Sra. Deputada está com tanta dificuldade em ler o que está escrito aí que vê-se logo que não é que escreveu!

**A Oradora:** Programas, como o Programa FIOS para beneficiários do RSI.

Estes programas têm a dupla função de apoiar as pessoas e as empresas ao mesmo tempo.

Temos ainda na Região os programas de formação e qualificação para os açorianos sem habilitações ou para os desempregados sem qualificação, como a rede Valorizar e cursos Reativar.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Se nos perguntarem se estamos satisfeitos, não, não estamos.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E a CGTP- Açores?

**A Oradora:** Não estamos satisfeitos e a prova disso é o continuado trabalho do Governo também no apoio às empresas de que ainda recentemente vimos mais um exemplo e que são prova do exemplo do empenho que o Governo tem em melhorar a situação das açorianas e dos açorianos.

Disse.

**Deputados Berto Messias e António Parreira (PS):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** A CGTP-Açores está satisfeita?

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Não me parece!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Não estava a pensar voltar a este debate, penso que disse tudo o que era relevante na minha primeira intervenção, mas sou obrigado a voltar ao debate tendo em conta as últimas declarações do Sr. Deputado Paulo Mendes.

Quero aqui referenciar o seguinte:

Começo por dizer que referenciei a Base das Lajes não na questão geopolítica ou militar, mas naquele que é o contexto social que a evolução da situação da Base das Lajes pode provocar na Ilha Terceira.

Nesta matéria devo-lhe dizer o seguinte:

Aponte uma contradição a V. Exa..

V. Exa. está contra a redução progressiva do contingente militar norte-americano. Nós também!

V. Exa., na sua intervenção, imputou algum tipo de responsabilidade ao Partido Popular Monárquico.

Eu quero lembrar um bocadinho da história deste país. Infelizmente o Partido Popular Monárquico não está no poder desde 1983. Portanto, essa responsabilidade não nos pode ser imputada.

Quero dizer-lhe também que eu não estou há 18 anos no Parlamento. Eu estou há seis anos.

O que eu lhe disse foi que estava na vida política há 18 anos. É bastante diferente.

Também o Sr. Deputado disse que eu estava de braços cruzados.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Essa sua intervenção é reveladora!

**O Orador:** Eu convido-o a ler o Diário das Sessões...

**Deputado André Bradford (PS):** Sr. Deputado, não faça isso! É uma tortura!

**O Orador:** ... e olhar para os Projetos de Resolução que o PPM aqui apresentou a respeito da Base das Lajes, as interpelações que o PPM aqui apresentou a respeito da Base das Lajes e as posições que temos assumido em termos da Base das Lajes.

Mas sabe qual é a nossa posição?

A nossa posição é de apoio institucional ao Governo Regional nesta matéria, de estar ao lado das forças políticas responsáveis, de estar ao lado dos interesses dos Açores, de ter uma posição de responsabilidade.

Essa posição de responsabilidade, Sr. Deputado, não é pedir que os americanos possam sair da Base das Lajes, ou pedir a saída da Base das Lajes.

Isso, sim, é que significaria uma catástrofe económica e social para a Ilha Terceira, que é a ilha onde o Sr. Deputado reside.

Essa é que era uma medida irresponsável e é, porque teria um impacto tremendo.

Nós, diversas forças políticas regionais, e também o Governo Regional, temos tido um papel relevante nesta matéria e estamos a fazer o que nos é possível para defender os interesses dos Açores.

Digo-lhe já que estamos a fazer isso melhor do que o Bloco de Esquerda está a fazer, porque o Bloco de Esquerda em relação a essa matéria o que está a defender é contraproducente e vai contra os interesses dos Açores e contra os interesses de centenas de famílias na Ilha Terceira. Teriam um impacto tremendo as vossas políticas sem qualquer tipo de alternativa.

Qual é a vossa alternativa?

A vossa alternativa é nenhuma!

Qual é a alternativa?

Já vi que há aí uma alternativa de outras forças políticas. Por que é que vamos negociar com os chineses (dizem-me!)?

Olhem, digo já uma razão. Há uma razão fundamental. É porque o PPM nunca estará a fazer da presença militar de uma potência totalitária, não democrática, comunista...

**Deputado André Bradford (PS):** Sr. Deputado, isso não tem nada a ver com o assunto!

**O Orador:** ... nos Açores, uma presença militar de uma potência deste tipo.

Nunca estaríamos a favor da presença de uma potência não democrática, de uma potência totalitária...

**Presidente:** Agradeço que termine.

**O Orador:** ... nos Açores. Nunca estaríamos a favor dessa presença.

Mas estamos a favor da presença de uma força militar dos Estados Unidos no quadro da NATO ...

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** O que é que isso tem a ver com a matéria?!

**Presidente:** Tem que terminar, Sr. Deputado.

**O Orador:** ..., no quadro de uma aliança entre nações...

**Deputado André Bradford (PS):** O senhor já está na estratosfera!

**O Orador:** ... que partilham ideais democráticos, que partilham uma história...

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Estêvão...

**O Orador:** Termino, Sra. Presidente.

... na defesa da liberdade dos direitos humanos, uma presença que tem sido eficaz para a defesa dos interesses de Portugal e dos Açores e da defesa da democracia e da liberdade no mundo.

Isso é que é fundamental, Sr. Deputado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Luís Maurício tem a palavra.

(\*) **Deputado Luís Maurício (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Quem ouviu falar os Srs. Deputados Domingos Cunha e Graça Silva, em contraposição ao discurso do Sr. Vice-Presidente, deve ter ficado estupefacto, porque na verdade aquilo que os Srs. Deputados Domingos Cunha e Graça Silva aqui trouxeram a esta câmara foi sempre o discurso oficial do Governo. Isto é, tudo o que corre mal na Região é por culpa da República; tudo o que corre bem na Região é ação do Governo Regional.

**Deputados Luís Rendeiro e Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Mas vamo-nos recentrar no debate que aqui hoje o Bloco de Esquerda nos trouxe.

A Região apresenta, como todos nós sabemos e com base no inquérito às despesas da família do Instituto Nacional de Estatística, o maior índice de pobreza do país.

Sabemos também que este índice de pobreza é maior nas famílias mais numerosas, atinge particularmente as famílias que têm um maior número de crianças e um maior número de idosos à sua conta.

Mas também sabemos que a pobreza está associada ao desemprego.

Aqui é que entram as responsabilidades do Governo Regional.

Não podemos esconder que o desemprego aumentou em todo o país, mas o que é certo é que o desemprego na Região é o mais alto de todo o país.

E por conseguinte, Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo, estando a pobreza associada ao

desemprego, é sem dúvida responsabilidade do Governo Regional os índices agravados de pobreza nos Açores que, embora tendo vindo a diminuir nos últimos anos, apresentam ainda o índice mais elevado de todo o país.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Se é certo que a taxa de desemprego é um flagelo nacional, e o é maior nos Açores em função dos resultados ainda não obtidos de uma Agenda para o Emprego que estando 67% das suas medidas concretizadas apresenta, desde o seu início, um agravamento de 4 mil desempregados aquando do início dessas medidas, o que é facto é que é a própria atuação do Governo Regional, afogando a pequena economia regional, que contribui para o desemprego e para a situação social que se vive nos Açores.

Senão, vejamos:

É ou não responsabilidade do Governo Regional pagar a quem deve?

É o Governo da República que paga aos fornecedores locais ou é o Governo Regional que tem essa responsabilidade?

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Sente-se, V. Exa., Sr. Presidente do Governo, à vontade quando a comunicação social refere que na Ilha de São Miguel faltam medicamentos nas farmácias porque um grande grupo económico não é capaz de os adquirir?

**Deputado José Ávila (PS):** Em São Miguel?! Em São Miguel falta medicamentos?!

**O Orador:** Sente-se à vontade?!

Eu não me sentiria, Sr. Presidente. Sabe porquê?

Porque o Governo Regional deve a esse grande grupo económico milhões de euros, afogando essa empresa, fazendo com que ela não tenha liquidez para pagar aos seus fornecedores e não tenha condições para ter os medicamentos nas suas farmácias.

**Deputado António Ventura (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Não há medicamentos, é certo, em algumas farmácias da Região e em particular em algumas das farmácias da Ilha de São Miguel, mas essa

responsabilidade é maioritariamente atribuída, imputada, ao Governo Regional que não paga o que deve.

**Deputados Duarte Freitas e Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Nestas circunstâncias, porque estamos perante uma interpelação, eu gostaria de vos perguntar para quando (não é para amanhã ou para a semana) concretamente, é que os senhores vão pagar aos fornecedores locais de medicamentos da Ilha Terceira mais de 6 milhões de euros que lhes devem?

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Não é verdade!

**O Orador:** Para quando é que os senhores vão pagar aos fornecedores de medicamentos locais de São Miguel mais de 6 milhões de euros que lhes devem?

Para quando?! Exatamente quando?!

Sr. Presidente, não é pagar uma fatura passada quando se apresenta uma fatura de um novo mês!

É quando é que paga aquilo que deve ao longo deste ano!

Há ano e meio que os senhores não pagam, através dos hospitais, nomeadamente da Ilha Terceira, um único cêntimo aos fornecedores de medicamentos locais, apenas e só aqueles que a pronto de pagamento os senhores são obrigados a fazê-lo no momento em que requerem novo fornecimento, mas os pagamentos passados, há ano e meio, os senhores não pagam a ninguém.

A pergunta é esta e é muito concreta: quando é que os senhores vão pagar?

Quando é que os senhores vão pagar os mais de 2 milhões e meio de euros que devem às Casas de Saúde de São Rafael e de São João de Deus, em São Miguel, e que motivou um despedimento coletivo de sete trabalhadores da Casa de Saúde de São Miguel, por falta de liquidez para pagar aos seus trabalhadores e pela opção errada, não justificada, que os senhores tiveram de concentrar o tratamento de toxicodependentes de baixo limiar na Associação ARRISCA?

Para quando é que os senhores vão pagar?

Queria também perguntar e dirigir-me à Sra. Secretária da Solidariedade Social, a quem pessoalmente já tive oportunidade de manifestar as maiores felicidades no desempenho das suas funções, se pretende manter ou não este modelo de financiamento das Instituições Particulares de Solidariedade Social?

A nós, Sra. Secretária, parece-nos que este, sendo um modelo feito ou construído de forma matemática, não teve em conta a realidade de cada uma das Instituições Particulares de Solidariedade Social.

Como V. Exa. bem sabe, até porque é dirigente de uma Instituição Particular de Solidariedade Social, há instituições que não assinaram os acordos com o Governo e que o Governo continua a pagar e a transferir mensalmente aquilo que pagava pelos anteriores acordos, porque se encontram sufocadas no seu funcionamento.

O que lhe queria perguntar, Sra. Secretária, muito diretamente, é se pretende manter este modelo atual ou se o pretende modificar, adaptando às características próprias de cada uma das valências que são exercidas pelas Instituições Particulares de Solidariedade Social?

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Como veem essas são responsabilidades que estão na dependência direta do exercício do poder regional e que não são atribuídas à República. É ao Governo Regional que compete responder.

Já que as pessoas estão sempre no centro das opções políticas do Governo, como disse o Sr. Deputado Domingos Cunha e a Sra. Deputada Graça Silva, gostaria de perguntar ao Sr. Secretário Regional da Saúde, porque esta é uma interpelação sobre questões sociais e económicas, e esta é também uma questão social, se pretende ou não manter o modelo de convenções que V. Exa. apresentou sob a forma de projeto de Portaria?

Se pretende ou não manter o projeto de reembolsos, nomeadamente na área das análises clínicas que o senhor apresentou, que diminui de forma substancial o direito dos utentes aos reembolsos, limitando o número de reembolsos e

limitando o valor desses mesmos reembolsos? Isto é, quando vivemos a realidade social e económica que vivemos, o Governo Regional prepara-se, pela calada, aí pelo Verão, para introduzir maiores dificuldades às pessoas, para lhes criar maiores dificuldades e aumentar-lhes aquilo que os senhores dizem pretender combater, a pobreza!

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Félix Rodrigues tem agora a palavra.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Quando falamos nesta Casa da democracia açoriana da República estamos a menosprezar o papel da autonomia, estamos a menosprezar a importância do Governo Regional para resolver os problemas específicos...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** ... da nossa Região.

Existe autonomia para tomarmos decisões diferentes.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Se os indicadores da República são cruéis, mais cruéis são alguns indicadores no arquipélago dos Açores.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Compete-nos a nós, nesta Assembleia, dar contributos para a resolução dos nossos problemas, como defendi daquela tribuna há pouco.

Daquela tribuna há pouco eu colocava algumas perguntas muito concretas e vou repeti-las:

Como é que o Governo pensa garantir um acesso equitativo à saúde a todos açorianos com as políticas que tem implementado nos últimos tempos, especialmente nas ilhas pequenas?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Segundo a sua cartilha!

**O Orador:** Afinal qual é o conceito de coesão que está permanentemente na cabeça dos socialistas açorianos?

Quanta pobreza extrema existe no arquipélago dos Açores?

Que contributos espera o Partido Socialista e o Governo, que a oposição lhe dê para contribuir para a crise?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** São perguntas muito concretas e tenho que dar os parabéns ao Sr. Vice-Presidente pelo discurso que teve, em que assume as responsabilidades (e todos nós aqui temos que assumir as responsabilidades), aquelas que lhes são devidas.

Eu não aceito nenhuma responsabilidade das decisões da República. Eu não tomo decisões na República! Eu sou Deputado Regional!

**Deputado Berto Messias (PS):** Está ouvindo, Sr. Deputado Artur Lima!

**O Orador:** Eu voto contra alguns aspetos da República.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** O senhor não aceita a responsabilidade, mas é vítima dela!

**O Orador:** Assim sendo, o CDS-PP (se os senhores não sabem ficam a saber!) é um partido autónomo e, como tal, toma decisões autónomas.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Mas é vítima!

**O Orador:** Centrar a discussão na República é fugir à responsabilidade e é fugir à discussão. E a discussão é extremamente importante fazê-la,...

**Deputado Berto Messias (PS):** Então hoje o Sr. Deputado Artur Lima vai-se demitir!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Se o Paulo Portas sabe disso?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Já sabe há muito tempo!

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não faz é o que os senhores fazem ao Seguro!

**O Orador:**... porque há problemas graves na Região no que respeita à coesão social, no que respeita à situação económica e social da Região.

O Governo tem a obrigação de nos dar respostas para ajudarmos também a apresentar propostas que consigam resolver alguns dos flagelos que assolam a Região Açores.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

O Sr. Deputado Aníbal Pires tinha pedido a palavra mas já não dispõe de tempo.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Como assim?

**Presidente:** Esgotou-se, Sr. Deputado!

Não tem mais tempo, pelo que vou passar a palavra ao Sr. Vice-Presidente do Governo.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Eu disse-lhe: olhe o tempo. Eu é que vou ter que defender a CGTP-Açores!

**O Orador:** Sr. Deputado Artur... Obrigado.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Peço desculpa!

**O Orador:** De nada.

Foi aqui referida a questão dos pagamentos aos fornecedores. Pois bem!

Eu tenho comigo, na minha posse, um documento oficial do Governo da República, que com certeza merece toda a credibilidade, que diz que o prazo médio de pagamentos nas Regiões Autónomas, no final de 2013, era 743 dias. É um prazo extremamente elevado.

Mas, em vez de duas regiões, diz que na Região Autónoma da Madeira o prazo médio de pagamentos, de acordo com os dados do Governo da República, no final de 2013, era 1276 dias e nos Açores 56 dias.

**Deputado António Marinho (PSD):** Ah! Já não é 27? O senhor dizia que era 27!

**O Orador:** São esses os dados oficiais do Governo da República.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Seja sério!

**O Orador:** Em relação ao ano anterior, na Região Autónoma dos Açores, com os mesmos dados da mesma entidade, os Açores tinham no total da Região, um prazo médio de pagamento no final de 2012, de 62 dias e no total da Região passou para 56 dias no final de 2013...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Isso é só das faturas conferidas!

**O Orador:** ...sendo que o prazo de pagamento do total das empresas públicas regionais era, no final de 2012, 172 dias, o que era bastante elevado, tendo reduzido para um terço, para 65 dias, em média no final de 2013.

São os dados oficiais sobre esta matéria.

Agora a questão é: está tudo resolvido?

Não, não está!

Existe problemas de pagamento a fornecedores?

Existe, como nós identificámos oportunamente em alguns setores, nomeadamente no setor que referiu, da saúde, concretamente nos três hospitais.

**Deputado Francisco César (PS):** Um discurso de verdade!

**O Orador:** Pergunta-me o Sr. Deputado quando é que vou pagar essa componente.

No exato dia, como já tivemos oportunidade de dizer, em que o Governo da República, os subsistemas da República...

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Mas o PS não ia assumir as responsabilidades? Já vai recorrer à República?!

**O Orador:** ... pagarem exatamente aquilo que devem aos hospitais.

O PSD fala dos fornecedores, das empresas, mas depois nos casos concretos concentra-se exatamente nos três hospitais, que é um problema real, que afeta realmente as empresas fornecedoras deste setor, mas aquilo que os hospitais, como foi demonstrado,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Por uma proposta aqui aprovada!

**O Orador:** ... têm ainda por pagar aos fornecedores da saúde dos hospitais corresponde exatamente àquilo que têm para receber de subsistemas em relação àquilo que faturaram esses subsistemas.

Mas também como foi muito bem lembrado agora pelo Sr. Deputado Artur Lima, foi aprovada aqui uma Resolução, com o apoio do PS e o apoio explícito do Governo, no último plenário. Como referi na minha intervenção anterior, nós não queremos que, pelo facto do Governo da República e os subsistemas da República não estarem a cumprir com as suas obrigações, no setor dos hospitais (como fizemos em todos os outros setores) seja esse um problema que afete.

O que se pede ao Governo dos Açores é que, apesar de mais este constrangimento, tenha a capacidade de o ultrapassar e de resolver este problema.

As empresas fornecedoras dos hospitais não têm culpa que os subsistemas nacionais não paguem, agora não se deve, para uma abordagem correta deste assunto, tentar fazer passar que a responsabilidade é do Governo Regional omitindo as responsabilidades do Governo da República.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Ah é, é!

**O Orador:** Nesta, como nas outras matérias, estaremos aqui para resolver os problemas, porque fazemos parte da solução. Não queremos, de maneira nenhuma, continuar apenas a abordar os problemas.

Neste contexto, como nos outros, este problema será resolvido.

**Deputado Ricardo Cabral (PS):** Muito bem!

**O Orador:** O Sr. Deputado Luís Maurício tentou pôr aqui a parte dos medicamentos pelos meios e não existência de fornecimentos nas farmácias para esta matéria.

Quero dizer que o fornecimento de pagamento de medicamentos das farmácias é feito através da Associação Nacional de Farmácias.

O Governo dos Açores tem em dia e cumpre integralmente o pagamento à Associação Nacional de Farmácias que corresponde aos reembolsos dos doentes, não havendo por isso qualquer atraso.

O Sr. Deputado não confunda as dificuldades de uma empresa, que tem a ver com outras questões que não têm nada a ver com o setor da saúde, para tentar incutir que há falta de medicamentos nas farmácias por responsabilidade do Governo, porque o Governo cumpre integral e religiosamente o acordo com a

Associação Nacional de Farmácias pagando todos os reembolsos dos medicamentos, nos prazos devidos e nos prazos certos.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** É, é, mas a mim não me engana!

**O Orador:** Tentar confundir coisas que não têm nada a ver e penso que não são chamadas a este debate, e que têm a ver com opções individuais de uma empresa para a qual eu não acho que seja correto trazê-las aqui...

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Eu não trouxe!

**O Orador:**... para esta situação, para tentar fazer insinuações...

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Não fiz! Veja o diário das sessões!

**O Orador:** ... que têm a ver com falta de fornecimentos de medicamentos, não é correto do ponto de vista de seriedade que se deve ter no debate e não é um contributo sério para a resolução deste problema.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Sra. Deputada Arlinda Nunes tem agora a palavra.

**Deputada Arlinda Nunes (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Nesta que é a minha primeira intervenção após a tomada de posse dos novos secretários regionais, gostaria de lhes dar os meus parabéns e desejar-lhes os maiores sucessos no desempenho das suas funções.

Comprendemos, respeitamos e partilhamos a preocupação subjacente nesta interpelação ao Governo Regional sobre a situação económica e social da Região Autónoma dos Açores. A temática é, de facto, abrangente na sua área de ação. Em comum, temos a preocupação pelo bem-estar dos cidadãos, de zelar para que as pessoas que se encontram numa situação financeira difícil, que se sentem socialmente mais fragilizados, tenham acesso e direito às condições básicas de sobrevivência e de integração social.

Divergimos, democraticamente, na forma como encaramos e interpretamos este problema. Se a razão do que nos reúne nesta Casa são os açorianos e as açorianas, nesta interpelação concentramos a nossa atenção nos cidadãos que enfrentam dificuldades aos mais variados níveis. Se hoje vivemos um presente que fica aquém das nossas expectativas, não nos podemos esquecer que vimos de

um passado; um passado marcado por um caminho difícil e que exigiu uma grande capacidade de criação e de constante adaptação à evolução normal das necessidades e exigências dos cidadãos. E é neste momento presente, tal como sempre fez, que o Governo do Partido Socialista aqui está e aqui se apresenta, com a consciência de que o caminho que tem que seguir é e será sempre fazer mais e melhor.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Tal sacrifício!

**A Oradora:** Se é certo que um todo se faz do conjunto de várias partes, na área social o trabalho realizado deve ser registado pela importância que o Partido Socialista sempre dedicou às famílias açorianas. Mesmo que de uma forma generalizada, é importante não esquecer o passado construído – toda a rede de equipamentos e respostas sociais criadas ao longo destes anos, desde a infância e juventude, na área de ação da invalidez e reabilitação, família e comunidade até à terceira idade e que fazem com que hoje a vasta rede de respostas sociais, sejam elas creches, jardins de infância, ATLS, lares de crianças e jovens, centros de acolhimento a vários níveis, centro de desenvolvimento e inclusão juvenil, amas, ludotecas,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Parece o discurso do Ricardo Cabral!

**A Oradora:** ... centros de atendimento e acompanhamento; centros de formação sócio familiar, centros de atividades ocupacionais, residências para deficientes, serviços de ajuda domiciliária, centros de dia, centros de noite, lares de idosos.

Não é menos importante também, muito pelo contrário, realçar todos os apoios sociais que foram criados pelos Governos do Partido Socialista...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** No Brasil também foram construídos três estádios de futebol e no entanto não impediu de levar 7!

**A Oradora:** ... e que se foram solidificando ao longo dos anos, de forma progressiva e incisiva. Falo e relembro os vários complementos sociais que foram criados a pensar nos açorianos e as açorianas.

E foi neste objetivo de solidificação que o Governo do Partido Socialista reforçou as verbas da Solidariedade Social...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** A Sra. Deputada não tem perguntas a fazer, é só defesa!

**A Oradora:** ... em mais de 2 milhões de euros em 2013.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Despediu a Secretária Regional!

**A Oradora:** O reforço dos complementos regionais de abono de reforma para compra de medicamentos em 30 milhões de euros; aumentou o Complemento Regional de Pensão em mais de 20%, o que equivale a 24 milhões de euros, sem esquecer que desde 2000, ano em que foi criado, já foram pagos mais de 232 milhões de euros.

No Complemento Açoriano ao Abono de Família e no COMPAMID, entre 2009 e 2013, foram investidos mais de 18 milhões de euros e nos subsídios eventuais a famílias carenciadas 7,7 milhões de euros.

Em 2013, o Complemento Açoriano ao Abono de Família...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Grande motivo de orgulho, sim senhora!

**A Oradora:** ... atingiu o montante de 21,1 milhões de euros.

Em 2013, o Complemento Regional de Pensão...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Isso era para ser o discurso da anterior secretária!

**A Oradora:** ... abrangeu 34.319 beneficiários, no montante de 24,2 milhões de euros e o Complemento Solidário para Idosos atingiu cerca de 4.000 idosos, no montante de 9,7.

A evolução da despesa com prestações sociais, em 2013, ascendeu a 117,4 milhões de euros, mais 1.4 do que em 2012.

Para além de todas estas medidas salientamos ainda os apoios no âmbito da habitação.

**E se é verdade realmente que a taxa de pobreza é diretamente associada à taxa de desemprego, a famílias numerosas e aos resultados na área da educação que ainda não atingiram os objetivos desejados,...**

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Nunca atingiu!

**A Oradora:** ... a verdade também é, Sr. Deputado, que a pobreza não é exclusivamente imputável à ausência de recursos financeiros, daí que a luta contra a pobreza que tem sido desenvolvida nos Açores não se resume apenas à prestação de apoios sob a forma de subsídios e apoios pecuniários.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Trata-se de uma batalha pela dignidade, pela promoção da autonomia e pela capacitação dos açorianos.

Nesse sentido, podemos referir aqui algumas medidas:

- os programas de emprego (com destaque para os programas de aquisição de competências e para os programas ocupacionais)
- o acesso à habitação (designadamente através dos Programas de apoio ao arrendamento – Famílias com Futuro (destinado a cidadãos com grave carência habitacional) e o investimento na recuperação de habitação degradada)

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** O que dirá o Tó Zé Seguro disso!

**A Oradora:** As famílias beneficiadas com renda social, pagam em média 40 euros por uma renda de 300 euros ou seja, recebem indiretamente 260 euros mensais de apoio financeiro “indireto”.

Na nossa Região mais de 2000 famílias são apoiadas no pagamento de rendas,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Por alguma razão foi substituída a Secretária Regional!

**A Oradora:** ...900 beneficiam de rendas sociais e 1.100 de apoios ao pagamento da renda.

- A rede de apoios/equipamentos sociais disponível nos Açores, com destaque para o apoio aos grupos mais fragilizados e em maior risco de pobreza e de exclusão;

Na Região, ao contrário do que se verifica no resto do país, **os mais carenciados e em situação de maior vulnerabilidade são apoiados de forma complementar através dos complementos que acabei de referir:**

- Complemento Regional de Pensão, Complemento Regional de Abono de Família e o Complemento para compra de medicamentos, para idosos.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**Deputado Bruno Belo (PSD):** A Sra. Secretária não tem nada para fazer, com tanta coisa boa!

**A Oradora:** Se atendermos aos estudos sobre a pobreza, nomeadamente do professor Fernando Diogo, não podemos negar que a ação direta dos serviços de ação social, as medidas de emprego e o aumento da escolarização,...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Esse discurso foi encontrado dentro da gaveta da antiga Sra. Secretária!

**A Oradora:** ... **contribuíram para a redução significativa da taxa de pobreza: em 1997 a taxa de pobreza era de cerca de 38,7%** (cit. Fernando Diogo, A pobreza nos Açores: dos lugares comuns à investigação científica) e **atualmente (reportamo-nos a dados de 2012) ela situa-se nos 18,6%, ou seja, uma redução de cerca de 20%...**

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não é verdade! Não há estatísticas!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Aumentou!

**A Oradora:** ... **não contando com determinados complementos.**

Para terminar...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Onde é que isso está publicado, Sra. Deputada?

**A Oradora:** Acabei de citar o estudo.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** De 2012.

**A Oradora:** Estão sim senhor!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Aonde? Diga, diga!

**A Oradora:** A realidade não é a mais desejada,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não é capaz? Não me diga que não é capaz de dizer onde é que isso está publicado!

**A Oradora:** ... mas o Partido Socialista e o Governo do Partido Socialista têm a consciência do trabalho que foi criado, com todo o empenho e esforço que têm dedicados à causa social e do dever e obrigação que têm de continuar a agir

e a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para melhorar a qualidade de vida dos açorianos e das açorianas.

Disse.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Considerando o nosso horário vamos encerrar agora os trabalhos. Peço ao Sr. Secretário da Mesa o favor de anunciar os tempos restantes.

**Secretário:** O Governo Regional – 16 minutos;

O Partido Socialista – 14 minutos e 15 segundos;

O Bloco de Esquerda – 8 minutos;

O PSD – 9 minutos;

O CDS-PP – 2 minutos e 15 segundos;

O PCP já não tem tempo e o PPM também já não tem tempo.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Regressamos então às 15 para continuarmos o debate.

*Eram 13 horas.*

**Presidente:** Muito boa tarde a todos, Sras. e Srs. Deputados.

Vamos recomeçar os nossos trabalhos.

*Eram 15 horas e 05 minutos.*

Continuamos no ponto dois da nossa Agenda, Interpelação ao Governo Regional.

Está inscrita a Sra. Secretária Regional da Solidariedade Social. Tem a palavra, Sra. Secretária.

(\*) **Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Caros Colegas:

Em primeiro lugar, para, perante as Sras. e Srs. Deputados, reiterar aquele que foi o compromisso expresso ontem no sentido de servir os açorianos naquilo que são as competências que me foram confiadas.

Foram colocadas aqui essencialmente três questões na área que me diz respeito, a primeira das quais diz respeito ao Apoio aos Idosos, em resposta ao Sr. Deputado Félix Rodrigues que se encontra a chegar à sala (duas questões).

Os idosos são naturalmente uma preocupação deste Governo Regional, porque são um grupo especialmente fragilizado que merece naturalmente a nossa mais dirigida preocupação.

Nesse sentido, o Governo Regional tem vindo a preconizar um conjunto de investimentos no sentido de apoiar os idosos nas diferentes valências de apoio social, criando respostas diferenciadas que o Sr. Deputado com certeza conhece, que vão já muito para além daquilo que é um Lar de Idosos tradicional, incluindo também a Rede de Cuidados Continuados da Região Autónoma dos Açores e também as respostas mais diferenciadas no âmbito dos Centros de Dia, por exemplo, alargando a rede de serviço de apoio ao domicílio, entre outras valências de apoio social.

Para além das respostas sociais a que fiz menção, são também do seu conhecimento medidas específicas, designadamente o COMPAMID e o Complemento de Pensão, que são medidas que incrementam o rendimento mensal dos idosos, cumprindo assim a sua função de complementaridade àquilo que são as típicas pensões de sobrevivência ou de invalidez e outras.

Outra questão que me foi colocada pelo Sr. Deputado Paulo Mendes tem a ver com as ditas creches públicas.

Não existem creches públicas, não existe rede de creches públicas na Região. Existe uma rede de jardins de infância. As creches são dos 0 aos 3 anos, os jardins de infância dos 3 aos 5.

Não existe rede no âmbito das creches públicas. Existiam apenas duas na Região. Eram valências do antigo Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social, no sentido de apoio aos seus funcionários, como existiam no continente

português creches associadas aos jardins de infância, associadas mesmo a empresas privadas.

Neste caso a Segurança Social tinha uma creche e ainda tem de apoio aos funcionários da Segurança Social, dos Centros de Saúde de Angra do Heroísmo e dos funcionários da área da educação.

Foi tomada uma decisão de não aceitar mais inscrições há uns anos atrás, no fundo no sentido de conduzir ao encerramento dessa valência que neste momento nem suporte legal tem no âmbito daquilo que são as competências do atual Instituto de Segurança Social dos Açores.

Nessa medida, esta valência tem neste momento, penso que, se não me falha a memória, seis crianças. No próximo ano, atendendo a que sairão crianças em idade pré-escolar, ficará com duas crianças no ano letivo de 2014/1015.

Penso que era a esse particular que se referia.

Quanto à questão levantada pelo Sr. Deputado Luís Maurício sobre o modelo de financiamento das IPSS e Misericórdias, parceiros do Governo Regional na rede de apoio social dos Açores.

Quanto à questão que me coloca, se o modelo de financiamento é para se manter, sim. O modelo de financiamento é para se manter.

O modelo de financiamento decorre de um diploma aprovado por esta Assembleia Legislativa Regional, penso que há dois anos a esta parte. Esse diploma que instituiu o CASA já previa a instituição deste modelo de financiamento com o Valor Cliente, como é designado. Portanto, os Srs. Deputados estão a par. Esta é uma medida que foi inclusivamente aprovada por vós.

O que digo não é diferente nem contradiz o facto de estarmos atentos àquelas que são as questões levantadas por este modelo de financiamento, sendo que uma das questões mais sensíveis tem exatamente a ver com a área de apoio aos idosos, designadamente nos Lares de Idosos.

Aqui é importante haver uma diferenciação em função daquele que é o grau de dependência dos idosos.

O Governo Regional está atento a essa questão. Está neste momento a estudar a possibilidade de introduzir majorações ao Valor Cliente em função do grau de dependência dos Idosos.

É uma medida, digamos, que visa introduzir mais um nível de diferenciação.

A diferenciação atingiu-se, ou seja, o Valor Cliente não é igual para todas as valências que já foram definidas. É diferente. Mas de qualquer maneira, mesmo dentro dos Lares de Idosos, importa diferenciar o Valor Cliente em função daquilo que é, por exemplo, o grau de dependência dos idosos.

Portanto, estamos atentos a estas questões e a outras que com certeza também são levantadas no âmbito da aplicação deste modelo.

Estamos seguros, contudo, que este é modelo que mantém o aumento ao financiamento a 75% dos acordos que a Segurança Social mantinha com as IPSS e Misericórdias.

Também estamos certos que este é um modelo que vai ao encontro daquilo que eram as preocupações manifestadas pelas próprias Misericórdias e IPSS dos Açores.

Queixavam-se de uma certa ingerência (e já falámos aqui desta palavra ontem) da Segurança Social nas IPSS e Misericórdias, na medida em que para a contratualização, por exemplo, de uma pessoa para uma determinada valência de uma IPSS implicava a anuência prévia da Segurança Social no sentido de garantir o seu financiamento.

Esta é uma gestão que agora é livre. As instituições ajustam os seus funcionários em função daquilo que entenderem que corresponde a uma melhor prestação do serviço para a valência em causa.

Evidentemente que conhecem à partida qual o valor que dispõem para colocar em funcionamento essa valência.

Portanto, estamos atentos às questões pontuais que irão surgir.

Aliás, como o Sr. Deputado sabe e tem conhecimento, o modelo neste momento só se aplica a uma parte da rede de apoio social, a algumas valências sociais. Todas as outras serão vistas e com certeza que teremos aqui uma atenção muito próxima da aplicação de um modelo de financiamento daqui em diante.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Luís Maurício.

(\*) **Deputado Luís Maurício (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu coloquei algumas questões que na verdade não foram respondidas (continuam por responder) por parte do Governo e outras foram parcialmente respondidas.

Aquela que foi parcialmente respondida:

Sr. Vice-Presidente, eu sei distinguir aquilo que são as responsabilidades diretas do Governo, nomeadamente perante a Associação Nacional de Farmácias, na garantia dos pagamentos (o Governo está a fazê-lo até dia 20 do mês seguinte a que diz respeito os consumos), mas sei também distinguir dessas responsabilidades aquilo que são as responsabilidades indiretas do Governo. Era a essas que eu me queria referir.

Abrindo aqui um parêntese, para lhe reafirmar que não fiz nenhuma referência particular, designando nenhum grupo económico (isso poder-se-á constatar nos Diários das Sessões). Não designei nenhum grupo económico na pergunta que lhe coloquei.

**Deputado André Bradford (PS):** Não nomeou?!

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Mas deu a entender quem era!

**O Orador:** Não nomeei, não! Pode ver no Diário das Sessões.

Agora, o que é certo é que os senhores têm responsabilidades indiretas no facto de descapitalizando as empresas, porque os senhores devem às empresas e não pagam, fazem desviar os financiamentos a que elas teriam direito para outras opções. Isso resulta naturalmente, no caso concreto dos medicamentos nas farmácias em São Miguel, numa falta desses mesmos medicamentos nas farmácias.

Portanto, têm responsabilidades.

Sei bem distinguir aquilo que são as vossas responsabilidades diretas e o vosso compromisso perante a Associação Nacional de Farmácias, mas tenho também

consciência daquilo que são as vossas responsabilidades, que não deixam de ser, embora de forma direta, pela descapitalização que provocam nas empresas não pagando aquilo que devem.

Na verdade, Sr. Vice-Presidente, o senhor acabou por não responder às questões que lhe coloquei.

Eu perguntei-lhe quando é que o Governo iria pagar aos fornecedores locais, quando é que o Governo iria pagar às Casas de Saúde de São Rafael e de São João de Deus, em São Miguel, e o senhor não me respondeu.

Sinceramente, se quer que lhe diga, acho estranho, porque em 2013, só em impostos, o Governo dos Açores cobrou mais 126 milhões de euros do que em 2012.

Então, Sr. Vice-Presidente, com o aumento de receita que resultou da aplicação de impostos, naturalmente definidos pela República e que tanto os senhores criticaram mas que resultaram, por via da cobrança regional, numa receita suplementar de 126 milhões de euros, pergunto-lhe por que razão o senhor não paga e quando é que o senhor paga? A isso o senhor não me respondeu.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): Responder, respondi. Mas respondo outra vez!

**Deputado Luís Garcia** (*PSD*): Não respondeu!

**O Orador:** Sr. Vice-Presidente, o senhor sabe muito bem como é que respondeu. Eu entendi bem a sua resposta, agora ela não me satisfaz. Eu quero respostas concretas, precisas, em relação às perguntas que lhe coloquei.

Também relativamente ao Sr. Secretário Regional da Saúde não obtive qualquer resposta. Eu coloquei a V. Exa. duas perguntas.

Dizia eu que no contexto das dificuldades sociais e económicas em que a Região vive, que os açorianos e as açorianas vivem, se o senhor pretendia aplicar o projeto que apresentou na área das convenções e na área dos reembolsos, nomeadamente nas análises clínicas (repito), em que se previa a diminuição dos reembolsos e a diminuição do número de reembolsos em cada ano, situação que a concretizar-se determinará uma diminuição da capacidade económica das famílias, nomeadamente em relação aos doentes crónicos que

veem apenas e só a possibilidade de uma só vez por ano poderem ter acesso aos reembolsos.

O senhor a isso também não me respondeu, razão pela qual insistia nas perguntas que fiz, aguardando naturalmente que o Governo tenha complacência e a humildade de me responder.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado Paulo Mendes.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

É já um hábito que leva seis anos.

Quando o Governo Regional e o Partido Socialista não gostam das posições políticas do Bloco de Esquerda logo surgem os anátemas, esses sim, completamente fora de âmbito nas diversas temáticas a cada momento em discussão.

Passamos da tese da estratosfera para a colagem em regimes ditatoriais que infelizmente existem pelo mundo.

Conversa oca, pois como sempre demonstramos, o nosso apelo à realidade tem sido evidência e a nossa ligação a tais regimes é mais que nula. Combatemos do ponto de vista ideológico e político.

Como é lógico, esses ímpetos não nos afetam.

Mas vamos ao que interessa.

Não foi o Bloco de Esquerda que na campanha eleitoral de 2008 andou por todas as ilhas a dizer “votem em nós, porque com a política do Partido Socialista a crise não chega aos Açores!”.

Nessa altura acusámos o PS de andar a iludir as pessoas, pois as políticas europeias que se começavam a desenvolver na altura, a par da política de austeridade do Governo do PS, vinham mais cedo ou mais tarde a abater-se de forma brutal na Região.

Já nessa altura quem estava do lado da razão, o Bloco de Esquerda ou o PS? Quem tinha aderência à realidade?

Com o reforço dessas políticas na Europa e a entrada em funções do Governo PSD/CDS, que elevou a política de saque sobre os trabalhadores a níveis quase impensáveis, voltámos a colocar a mesma questão.

Paulatinamente o Governo Regional passou a assumir a crise e a implementar medidas de apoio às empresas.

Nesse momento, apoiámos todas essas medidas, mas sempre chamámos a atenção de que não bastavam.

O aumento do desemprego exigia outro tipo de medidas que privilegiassem o mercado interno. Daí propostas como o aumento do salário mínimo, aumento das pensões, políticas ativas de reabilitação urbana pública e privada, dar dinheiro às empresas não tendo estas quem compre os seus produtos, só iria aprofundar o problema e não resolvê-lo como se provou.

Chegados a hoje temos 22.000 desempregados. O aumento da pobreza não permite outra leitura que não seja que o Governo Regional falhou.

Neste pequeno historial fica provado que nunca foi o Bloco de Esquerda que acusou como responsável único o Governo Regional pela crise social crescente que se vive nos Açores.

Acusámos, e acusamos, que as políticas do Governo Regional não foram capazes de minimizar as trágicas políticas do Governo da República.

Lembro-me perfeitamente que em sede de discussão do último orçamento o Sr. Vice-Presidente assumiu que não podia aceitar nenhuma proposta do Bloco de Esquerda, pois elas eram um todo que consubstanciava outra política e com isso o Governo não estava de acordo.

Também a história diz que o Bloco de Esquerda apresenta propostas que são de acordo da maioria, logo esse ímpeto é falso.

Quando chega a situação da crise social gravíssima que hoje se vive nos Açores, o que o Governo não quer é responder pelos péssimos resultados da sua política que foi incapaz de minimizar (e repito minimizar) os efeitos da catástrofe social que o Governo da República nos impõe.

Mas se isto é centro da questão, assistimos ao retroceder dos ataques por parte do Partido Socialista a Membros do Governo contra a austeridade da República, mas o discurso não cola com a prática.

Diz:

“A competitividade das empresas não pode ser feita à custa dos trabalhadores”, mas é o argumento utilizado para não aumentar o salário mínimo.

“Os serviços públicos de proximidade são uma necessidade”, mas o Governo Regional corta nas urgências dos centros de saúde.

“É necessário melhorar os apoios sociais” e corta nos apoios ao arrendamento social.

Estes três exemplos demonstram duas coisas: por um lado, o Governo diz uma coisa e faz outra; por outro, estas políticas contribuem para acentuar a pobreza e o desemprego das pessoas, que têm origem nas políticas europeias e da República.

O dinheiro é sempre curto, todos sabemos, e muito mais no momento que atravessamos. Por isso, por maioria de razão, o Bloco de Esquerda não se calará quando vê dinheiros públicos serem desbaratados, quer em derrapagens, quer no fomento de empresas que não fazem falta à Região ou que os serviços ou empresas públicas têm condições de satisfazer.

Na nossa opinião não se tratam de ilegalidades. Isso seria outra história.

Mantemos é que o mau uso de dinheiros públicos que provoca desconfiças sérias de transparência e que depois para haver dinheiro para esses projetos falta para apoio a verdadeiros projetos que fazem falta à Região ou para a saúde, ou mesmo para a educação ou para apoios sociais.

Obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado João Bruto da Costa tem a palavra.

(\*) **Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Uma intervenção muito breve apenas para fazer referência a dois aspetos que me parecem fundamentais.

Os Srs. Deputados do Partido Socialista, o Sr. Deputado Domingos Cunha, a Sra. Deputada Graça Silva e a Sra. Deputada Arlinda Nunes, pintaram-nos, nestas matérias, o habitual quadro cor-de-rosa da realidade e desculpabilizante daquilo que têm sido as responsabilidades do Partido Socialista nos últimos 18 anos de governação.

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Olhe que não!

**O Orador:** Refugiam-se sempre na questão de atirar culpas para a República.

Eu queria perguntar à Sra. Deputada Arlinda Nunes, que citou o Sr. Professor Fernando Diogo, se conhece o autor deste estudo, cuja notícia saiu no jornal “Açoriano Oriental”, que diz que “um em cada três açorianos vive na condição de pobreza”.

Certamente que se está preocupada com esta realidade, não só conhece esta notícia como conhece também o autor deste estudo, o Professor Fernando Diogo, e sabe que esta notícia data de 27 de outubro de 2011.

Dir-me-á depois se acha que o facto de um estudo feito antes de 2011 dizer que um em cada três açorianos vive na condição de pobreza, se terá alguma responsabilidade teológica no futuro. Portanto, se é uma questão que nós não podemos explicar, certamente a Sra. Deputada saberá explicar por que é que antes da tomada de posse do atual Governo da República a situação era esta e de quem será a responsabilidade?

Nessa medida também os Srs. Deputados do Partido Socialista me saberão explicar por que é que em 2013 a taxa de abandono precoce da educação e formação era no continente de 18,1 e nos Açores de 35,8?

Certamente aqueles que teriam responsabilidade na vossa ótica, fazem melhor serviço em casa do que os senhores conseguiram fazê-lo nos Açores.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** Portanto, também aí há uma dificuldade temporal em conseguir explicar estas realidades.

Por outro lado, a campanha que os senhores fazem relativamente às grandes preocupações e às grandes motivações que têm em apresentar medidas que resolvam os graves problemas do desemprego que se vive nos Açores, levou a

que há cerca de cinco meses apresentassem o prazo de garantia jovem, destinado àqueles jovens que, já não estando a estudar, também não estão empregados.

Sumariamente diziam que em quatro meses todos esses jovens que se inscrevessem no *site* do Governo teriam uma resposta.

Pois segundo notícia da semana passada, passaram quase cinco meses, mas o prazo ainda não começou a contar.

Portanto, quem se inscreve vai esperar mais quatro meses, isto é, se tiver a sorte de ser entrevistado, porque se não tiver a sorte de ser entrevistado vai esperar primeiro pela entrevista e só depois é que vai conseguir ter uma resposta.

Portanto, publicidade enganosa não resolve os problemas, palavras bonitas também não. Realmente governar é que era importante para resolver os problemas da tragédia social que se está a passar nos Açores.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Secretário Regional da Saúde.

(\*) **Secretário Regional da Saúde (Luís Cabral):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Breves palavras apenas para responder de forma direta ao Sr. Deputado Luís Maurício às duas questões que fez.

Sim, iremos implementar a revisão das portarias das convenções e dos reembolsos, tal como está previsto no plano de ação para a reestruturação do Serviço Regional de Saúde. Por isso se o previmos é para cumprir.

Lamento informá-lo, mas não há qualquer sentido de perda associado a essa proposta, porque não só não vamos baixar os preços, como vamos manter o sistema de reembolsos, que é um modelo único no país neste momento, como sabe, tirando obviamente os subsistemas privados.

É uma regalia que é dada aos açorianos a favor dos outros habitantes de Portugal continental e da Região da Madeira.

Por isso não percebo o tom negativo que aponta em relação a esta medida, porque é uma medida que vem melhorar a capacidade e a acessibilidade dos açorianos que, além do seu Serviço Regional de Saúde, têm o sistema convencionado e têm também, caso optem por opção privada, a possibilidade de poder fazer os seus reembolsos.

Estamos na finalização dessas portarias e, como sabe, até ao final deste mês teremos que publicar as portarias para que se estabeleçam os novos regimes convencionados.

Como sabe também, os regimes foram debatidos de forma ampla e alargada com várias entidades, nomeadamente também com as entidades convencionadas, e foi possível chegar a um consenso sobre esta matéria.

Por isso temos que ter alguma fé naquilo que é este processo negocial em que foi possível chegarmos a estes consensos e percebermos que é uma mais-valia para os açorianos.

Em relação à questão dos pagamentos das dívidas dos hospitais da Região e da questão dos medicamentos, tal como o Sr. Vice-Presidente aqui nos explicou, os hospitais da Região contam, no seu orçamento, com uma receita que é a prestação de serviços, neste caso a prestação de serviços aos subsistemas.

Obviamente não havendo essa entrada financeira têm uma dificuldade acrescida no pagamento e na resolução dos seus compromissos que contam, obviamente, com uma entrada decorrente dos subsistemas que não se está a verificar.

Por isso, tal como o Sr. Vice-Presidente disse, no dia em que tivermos esse encaixe financeiro, nomeadamente o pagamento das dívidas dos subsistemas aos hospitais da Região, iremos proceder ao pagamento dos fornecedores.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Esse dinheiro vai duplicar-se para servir para isso tudo!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Sr. Deputado Luís Maurício, tem apenas dois minutos.

(\*) **Deputado Luís Maurício (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Sr. Secretário Regional da Saúde, muito diretamente: é falso que tenha um acordo com as entidades envolvidas no processo de convenções.

O senhor já teve três reuniões com essas entidades. Elas aguardam uma resposta da sua parte.

É falso que haja acordo. O senhor está em falta perante essas entidades.

Não pode aqui dizer que chegou a acordo com essas entidades. É falso aquilo que o senhor acabou de dizer.

Em segundo lugar, relativamente à questão dos reembolsos, não se trata de um aumento da acessibilidade, ...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** ... porque aquilo que o senhor disse publicamente, e o que consta nas portarias, é que os doentes, optando por um regime privado, só podem ser reembolsados, em cada ano, uma só vez no âmbito das análises clínicas. Todas as outras vezes têm que pagar do seu bolso.

O senhor acha que isso é aumentar a acessibilidade aos cuidados de saúde? Sim ou não? Responda-me!

Terceira questão, Sr. Secretário:

Relativamente ao pagamento dos subsistemas, foi o seu partido, o que suporta o Governo do qual o senhor faz parte, que abriu a “caixa de Pandora”, quando suscitou a inconstitucionalidade de uma norma de Estado relativamente ao pagamento dos cuidados de saúde prestados a doentes açorianos no continente.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Quis abordar a questão do ponto de vista jurídico quando devia abordar do ponto de vista político e não teve capacidade para o fazer, porque o Tribunal Constitucional não deu razão ao pedido de inconstitucionalidade apresentado pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** O desafio que lhe coloco, a si e ao seu Governo, é para que se sente com o Sr. Ministro da Saúde. Ele está disponível para chegar a um acordo e

fazer um encontro de contas em relação àquilo que o Serviço Nacional de Saúde deve à Região por via dos subsistemas, mas também em relação àquilo que os Açores devem, por via dos mesmos subsistemas, ao Serviço Nacional de Saúde. É esse o desafio que lhe coloco, o desafio à sua capacidade política de negociação e de diálogo.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

A bancada do PSD esgotou assim o seu tempo e a Mesa não tem mais inscrições.

O Sr. Secretário Regional da Saúde tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Saúde** (*Luís Cabral*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo Regional, Sras. e Srs. Membros do Governo Regional:

O Sr. Deputado Luís Maurício parece saber mais das reuniões em que eu estou presente do que propriamente o Secretário Regional da Saúde, o que é algo estranho. Certo?

Se fui eu que estive na reunião, se fui eu que falei com os convencionados, não percebo por que é que há de aparecer agora aqui o Sr. Deputado Luís Maurício a dizer que é falso qualquer tipo de conversa ou entendimento que eu tenha tido na reunião.

Que eu me lembre, o Sr. Deputado Luís Maurício não esteve presente em nenhuma dessas reuniões...

**Deputado Manuel Pereira** (*PS*): Nunca se sabe!

**Deputado André Bradford** (*PS*): Pode ter estado por uma entreposta pessoa!

**O Orador:** ... pelo que não acredito que saiba mais do que eu ou qualquer um dos convencionados sobre esta matéria.

Foi apresentada uma proposta desses convencionados. Aquilo que foi posto em discussão foram as duas portarias em conjunto. Foram apresentadas várias propostas, de várias entidades, com as quais foi debatido algumas destas questões.

Quando falo aqui em consensos e em acordos não estamos aqui a dizer que foi assumida, quer a posição inicial do Governo Regional, quer a posição dos convencionados.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** O senhor não lhes deu resposta!

**O Orador:** Foi encontrado um consenso relativamente às posições que foram apresentadas e, como é óbvio, o Governo Regional, como Governo, irá agora, dentro daquilo que foram os vários contributos, decidir.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Ah! Vai agora! Então não chegou a acordo!

Então tenho razão! Não chegou a acordo. O senhor ouviu e vai agir agora!

**O Orador:** O seu conceito de acordo deve ser provavelmente diferente do meu.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Ah, é, é!

**O Orador:** No conceito de acordo há uma posição, há outra posição, e chegamos ambos a acordo. Não é nem a posição de um lado, nem a posição do outro. É isso o conceito de acordo.

Por isso, é isso que será previsto.

Provavelmente, Sr. Deputado Luís Maurício, os próprios convencionados depois falarão sobre esta matéria.

Em relação à questão dos reembolsos, Sr. Deputado, aquilo que lhe posso dizer de uma forma muito clara é que há uma manutenção dos benefícios aos açorianos. Como o Sr. Deputado disse, e bem, são os açorianos que por opção própria vão ao sistema privado.

Os açorianos continuam a ter toda a acessibilidade, tal como foi demonstrado ontem, tal como continua a ser demonstrado ao longo do dia de hoje, ao Serviço Regional de Saúde.

O Serviço Regional de Saúde não tendo uma capacidade de resposta direta nessa área, faz uma convenção com entidades terceiras para garantir essa resposta.

Estamos aqui a falar de uma terceira possibilidade que os açorianos ainda têm, que não existe em mais lado nenhum do país, em que optando por não usar o Serviço Regional de Saúde, de forma própria, de consciência, vão ao sistema privado e o Estado depois reembolsa. Não é um reembolso na totalidade, mas um reembolso parcial daquilo que são as suas despesas no sistema privado.

Obviamente, Sr. Deputado Luís Maurício, aquilo que nós temos neste momento, tal como qualquer outro subsistema sobre esta matéria, é uma limitação de atos...

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Ah! Então tem limitação de atos reembolsáveis. Era isso que eu estava a dizer!

**O Orador:** ... para que, de uma forma justa, se possa fazer o reembolso ao maior número de açorianos dentro daquilo que são as áreas de opção do Governo Regional sobre essa matéria, e tendo em conta não só o funcionamento do Serviço Regional de Saúde, como também o funcionamento dos convencionados.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Há uma limitação de atos reembolsáveis. Acabou de dizer e era isso que queria que ficasse registado!

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Grande estado social!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Sr. Deputado Paulo Mendes tem a palavra.

**Deputado Paulo Mendes (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Esta interpelação teve e mantém como objeto mostrar que o emprego está a degradar-se rapidamente e a situação social dos açorianos e açorianas a deteriorar-se de forma dramática, ao mesmo tempo a economia está estagnada.

Pese embora, os fatores externos, o Bloco de Esquerda denuncia as políticas erradas do Governo Regional que tem levado a esta situação.

São também concorrentes para esta situação os crescentes, os cada vez mais casos de falta de transparência e de pouca clareza de objetivos nos incentivos ao nascimento de novas empresas. Foi e é o objetivo desta interpelação que se

manteve sempre no quadro no seu âmbito, o qual o Governo Regional não quer, nem pode responder perante a gravidade da situação.

Obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Félix Rodrigues tem a palavra. Também tem cerca de dois minutos.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

O CDS-PP colocou algumas questões que julgo que seriam pertinentes terem sido respondidas pelo Governo Regional, na medida em que houve uma reformulação do Governo, o que nos leva a suspeitar que há alteração de algumas das políticas.

Algumas das políticas, principalmente na área da saúde, necessitavam urgentemente de serem mudadas.

Houve duas perguntas muito concretas que colocamos e às quais não tivemos respostas. Uma delas é como é que o Governo Regional pensa garantir o acesso equitativo à saúde a todos os açorianos com as políticas que tem implementado nos últimos tempos, especialmente nas ilhas pequenas?

Já agora referia, Sr. Secretário Regional da Saúde, que o consenso que o senhor tem obtido nas discussões públicas é do conhecimento geral, porque tem sido um consenso tão beligerante que toda a gente tem tido conhecimento dele.

Sabemos da sua última intervenção na Ilha de São Jorge. Vi com os meus próprios olhos a sua intervenção na Ilha Terceira.

Portanto, o consenso que o senhor tem conseguido com as populações é do conhecimento de toda a gente.

Também tinha feito uma questão que tinha a ver com uma intervenção do Sr. Presidente do Governo Regional nesta câmara (lembro-me perfeitamente que até foi assustador, porque é um homem grande, contrariamente a mim que sou extremamente pequeno), a dizer assim: “e então propostas?”.

Nessa sequência, perguntava eu, que contributos espera o Governo Regional da oposição, para que possamos contribuir pró-ativamente para a resolução da crise?

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sra. Deputada Arlinda Nunes tem a palavra.

(\*) **Deputada Arlinda Nunes (PS):** Obrigada, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Muito rapidamente só para esclarecer aqui de alguma forma o Sr. Deputado João Bruto da Costa em relação às dúvidas que me colocou.

Eu não pretendia, com o estudo que eu referi, que o senhor apenas fixasse os valores. Eu pretendia trazer a esta câmara a perceção de que a pobreza e a taxa de pobreza vão muito além das taxas de desemprego que os senhores referem.

Inserem-se num contexto muito mais profundo que tem que ser analisado de uma forma muito mais séria e tendo em conta diversos fatores.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Ainda é pior!

**A Oradora:** Mas se o senhor pretende fixar valores eu também lhe posso dizer que o inquérito “Condições de vida e rendimento”, realizado em 2013, refere que a taxa de pobreza é 18.7...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Sabe que não estuda os Açores!

**A Oradora:** ... ou seja, a mais alta, não desde 2011, mas desde 2005, Sr. Deputado.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Mas a senhora sabe a diferença entre os dois índices, não sabe?

**A Oradora:** Sei.

Também lhe posso dizer que nesta taxa de pobreza não estão considerados todos os complementos regionais que nós atribuimos, está bem?

Portanto, está esclarecido

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** E sabe que essa taxa era superior nos Açores à do continente!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sras. e Srs. Deputados, a Mesa não tem mais inscrições.

**Deputado André Bradford (PS):** O Sr. Deputado João Bruto da Costa não vai explicar?

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Eu explicava se tivesse tempo. Se o senhor me der um bocadinho do seu tempo eu explico!

**Deputado André Bradford (PS):** Do meu tempo?

**Deputado José Ávila (PS):** Ó André não faças isso!

**Presidente:** Sr. Deputado Félix Rodrigues, não sei se ainda tem tempo. Tem cerca de um minuto, Sr. Deputado. Terá que ser mesmo muito breve.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Muito obrigado, Sra. Presidente. Serei rápido.

Apesar das várias insistências do CDS-PP para algumas das questões que julgo que são pertinentes do ponto de vista pragmático da resolução dos problemas sociais no arquipélago dos Açores, lamento que não tenha recebido resposta de alguns Membros do Governo.

Agradeço à Sra. Secretária Andreia Cardoso a sua resposta. Não tive resposta de mais nenhum dos Membros do Governo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado. O CDS também esgotou o seu tempo.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sr. Secretário Regional da Saúde tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Saúde (Luís Cabral):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Félix Rodrigues, não queria deixar de lhe responder, mas penso que a questão do acesso equitativo dos açorianos ao Serviço Regional de Saúde é de tal maneira lato e abrangente que provavelmente nos poucos minutos que me restam não teria aqui a possibilidade de explanar todas estas ideias, mas devo dizer-lhe que tem sido política do Governo Regional. Acho que em momento algum, relativamente a esta matéria, demos alguma indicação diferente sobre esta questão. Há, obviamente, uma preocupação enorme.

Devo dizer-lhe que é das nossas principais preocupações, na definição das políticas, que todos os açorianos tenham o mesmo tipo de acesso aos cuidados de saúde.

Por isso, nesta nossa política, não só de implementação dos cuidados primários, mas de implementação dos cuidados de saúde hospitalares, pode haver aqui essa acessibilidade através da rede do Serviço Regional de Saúde e através da participação, por exemplo, de todos os transportes que, como sabe, existe na Região Autónoma dos Açores, para que todos os açorianos se possam deslocar às unidades de saúde onde tenham um cuidado definitivo.

Todos concordamos que não é possível ter um hospital em cada uma das ilhas e por isso, havendo essas opções, temos que encontrar aqui formas alternativas de compensar os açorianos que vivam nas ilhas que não têm hospital.

Acho que, em relação à questão da acessibilidade, é o que me apraz dizer sobre esta matéria.

Em relação ao consenso, Sr. Deputado, tal como disse ao Sr. Deputado Luís Maurício, a questão dos consensos implica não uma decisão autoritária por parte do Governo Regional, nem um assumir de todas as posições, porque seria impraticável do ponto de vista de gestão e política de governação na Região Autónoma dos Açores.

Aquilo que nós fazemos é ouvir todas as partes.

Como sabe, naquelas reuniões que refere, foi posto à discussão um plano de reestruturação do Serviço Regional de Saúde, que foi amplamente debatido por várias entidades. Acho que foi dos processos mais debatidos, do ponto de vista democrático, na reestruturação do Serviço Regional de Saúde dos Açores, e que teve as suas consequências, que é um Plano de Ação para a Reestruturação do Serviço Regional de Saúde. Pode não agradar a todos, mas é o Plano definido pelo Governo após ouvir todas as entidades.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

A Mesa não tem mais inscrições. Vamos então encerrar esta interpelação. Pergunto ao Governo se vai usar da palavra para o encerramento? Sendo assim, Sr. Deputado Paulo Mendes, pretende encerrar a interpelação?

Está então encerrado este ponto e avançamos para o ponto quatro da nossa Agenda: **Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 33/X – “Revoga o artigo 43.º do Decreto Legislativo Regional n.º 2/2014/A, de 29 de janeiro”**.

Tem a palavra o Sr. Vice-Presidente do Governo para apresentação do diploma.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Esta proposta que o Governo traz à Assembleia visa repor a remuneração complementar existente na Região nos exatos termos em que existia à data em que neste momento é processado os vencimentos e os índices remuneratórios na Administração Regional.

Com a decisão do Tribunal Constitucional de considerar inconstitucional a norma referente aos valores impostos pelo Orçamento de Estado para 2014, foram repostos automaticamente os níveis remuneratórios existentes em 2010.

Por essa via, e na sequência mesmo dessa situação, é entendimento do Governo dos Açores que a esse valor deve acrescer, para os funcionários públicos da Região, o valor da remuneração complementar que existia na altura, assegurando assim a manutenção da estabilidade das remunerações dos funcionários públicos.

Efetivamente, para uma parte substancial, quase para a generalidade dos próprios funcionários, a remuneração complementar que introduzimos este ano assegurava a manutenção da remuneração base que os mesmos funcionários tinham.

Desse ponto de vista, o efeito deste acórdão do Tribunal Constitucional foi muito residual, mas efetivamente importa também acrescer ao nível remuneratório, que é resposto de 2010, o benefício complementar e a complementaridade da Região em relação à remuneração complementar assegurando assim a reposição integral dos níveis remuneratórios existentes à data.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Estão abertas as inscrições.

Sr. Deputado Aníbal Pires tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Sr. Membros do Governo:

Há pouco, durante a interpelação, não tive tempo de contrariar algumas afirmações do Sr. Vice-Presidente...

**Deputado André Bradford (PS):** Agora não pode!

**O Orador:** ... mas a oportunidade chega sempre, mais tarde ou mais cedo.

Um exemplo de que o Governo Regional nem sempre faz tudo aquilo que está ao seu alcance, ou melhor, faz, mas faz aos bocadinhos (não faz tudo!), é exatamente isto que estamos aqui a fazer agora, que é repor a remuneração complementar na sua matriz original, aliás, onde ela nunca deveria ter saído.

Como V. Exa. muito bem sabe, é essa a opinião do PCP, porque a nossa opinião foi sempre que se encontrassem outros mecanismos para fazer a compensação que o Governo Regional tentou fazer através desta remuneração complementar.

Mas o Governo Regional quando aqui apresentou em sede de Orçamento esta remuneração complementar que está a vigorar ainda, e que hoje vai voltar à sua matriz inicial, fez uma coisa, que foi retirar rendimento aos trabalhadores da Administração Pública Regional quando introduziu um artigo que deduzia, ao valor da remuneração complementar, o trabalho extraordinário que por eles era prestado.

Sr. Vice-Presidente, o Governo Regional não pode fazer a afirmação que faz para compensar e para contrariar aquilo que são as influências externas das políticas de austeridade na Região Autónoma dos Açores, antes pelo contrário, até aproveita determinada situação para subtrair (para não utilizar outra designação) dinheiro do trabalho dos trabalhadores da Administração Pública.

Daí o facto da Representação Parlamentar do PCP estar a propor aqui uma proposta de aditamento no sentido em que seja pago todo o dinheiro que foi subtraído à remuneração complementar e que advinha do trabalho extraordinário.

Sr. Vice-Presidente, é uma questão de justiça e o argumento que V. Exa. utilizou há alguns meses atrás foi que era preferível fazer a contratação de

novos trabalhadores para a Administração Pública. Na altura lembro-me perfeitamente que o único exemplo que conseguiu foi mesmo o dos enfermeiros. Não sei se já algum enfermeiro foi contratado depois disso, mas a verdade é que não é só nesse setor que houve prestação de trabalho extraordinário.

Houve prestação de trabalho extraordinário na generalidade dos setores da Administração Pública e esse trabalho extraordinário foi deduzido na remuneração complementar. Aliás, só não foi deduzido mais, porque os trabalhadores entretanto iniciaram diversas formas de luta de modo a evitar que essa subtração ao seu rendimento fosse efetivada.

Portanto, Sr. Vice-Presidente, é uma questão de justiça esta proposta de aditamento que o PCP faz a esta iniciativa do Governo e que pretende devolver à sua matriz inicial a remuneração complementar.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Continuam abertas as inscrições.

Sr. Deputado Félix Rodrigues tem a palavra.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Sr. Membros do Governo:

Esta proposta do Governo Regional relativamente à remuneração complementar resulta, no fundo, da verificação da inconstitucionalidade aos cortes nos salários e vem, de facto, também aqui a “talhe de foice” a discussão daquilo que era um ponto três, em que o Vice-Presidente do Governo Regional dizia que era injusto estar-se a pagar horas extraordinárias a pessoas quando havia gente no desemprego.

Dizia que nesta altura teríamos certamente o número dos empregados resultantes deste balanço e da inventariação das situações anormais que existiam, isto porque a oposição, apesar de ter apresentado uma proposta, não soube ler devidamente uma das alíneas do Decreto Legislativo Regional de 2014, que tinha a ver exatamente com a remuneração complementar.

Fico na dúvida quando leio a proposta do Governo Regional relativamente ao artigo 3.º e quando comparo com aquele que é definido, em 2014, para o Setor Público Empresarial.

Diz o documento referente ao Orçamento de 2014:

“1 – A atribuição da remuneração complementar aos trabalhadores do Setor Público Empresarial Regional e respetiva tabela faz-se nos termos da resolução do Governo Regional”.

Ora muito bem, Sr. Vice-Presidente, eu temo que possa estar a ler, mal-intencionado, a sua proposta que, para os trabalhadores do Setor Público Empresarial Regional, diz o seguinte:

“A atribuição de uma [não é **da**, mas **de uma**] remuneração complementar aos trabalhadores do Setor Público Empresarial regional e respetiva tabela faz-se nos termos a determinar em resolução do Governo Regional”.

A pergunta que lhe faço é, porquê esta subtil alteração?

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Alteração em relação a quê?

**O Orador:** É que deixa de haver a atribuição **da** remuneração complementar...

Não deixa de haver!

Ou seja, está publicado no Orçamento Regional para 2014, e de acordo com a lei, o ponto dois diz o seguinte (há aqui uma *nuance* muito simples que gostaria que o senhor me esclarecesse): “a atribuição **da** remuneração complementar aos trabalhadores do Setor Público Empresarial Regional...” (**da**). Na proposta que o senhor apresenta o artigo 3.º diz: “a atribuição **de uma** remuneração complementar aos trabalhadores”.

Não é **da** é **de uma**. Pressupõe-se que pode não haver; pressupõe-se que pode ser variável e dependendo da empresa.

O senhor diga-me se é esse o espírito da lei para eu saber exatamente o que é que tenho que votar.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Mendes tem a palavra.

**Deputado Paulo Mendes (BE):** Obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A decisão do Tribunal Constitucional não só declarou a inconstitucionalidade dos cortes salariais aos trabalhadores da Administração Pública, como também reconfirmou a sua conclusão quanto à constitucionalidade do alargamento da remuneração complementar, decorrente da aprovação do Orçamento da Região para este ano.

Salientamos as declarações do Vice-Presidente quanto ao reconhecimento de que todos os esforços para aumentar o rendimento disponível dos trabalhadores é que permitiram aumentar o poder de compra e, conseqüentemente, a dinamização do mercado interno.

Acompanhamos o Governo Regional quando justificou o alargamento da remuneração complementar como uma medida que compensou aquilo que com as medidas de austeridade duplicou o custo associado à insularidade.

Portanto, com a decisão recente do Tribunal Constitucional relativamente aos cortes salariais na Administração Pública, é lógico que se volte aos moles pré-Orçamento da Região para 2014.

Contudo, alertamos para a necessidade de sermos cautelosos relativamente ao futuro, pois o Governo da República tudo fará para continuar a fazer o seu ajustamento orçamental à custa de quem trabalhou, de quem trabalha ou de quem está desempregado.

Alertamos que o Governo da República continuará, sempre que possível, a optar por medidas que coloquem o setor privado contra o público; quem trabalha contra quem trabalhou e quem está empregado contra quem está desempregado.

Por isso, e para atingir toda a coerência e justiça consideramos que esta seria uma oportunidade para incluir, sem margem para qualquer dúvida e dependência da boa vontade do Governo Regional, os trabalhadores do Setor Público Empresarial, o que justifica a proposta de alteração que apresentámos e que penso que os Srs. e Srs. Deputadas já a devem ter disponível.

Obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Continuam abertas as inscrições.

Sr. Deputado Joaquim Machado tem a palavra.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O diploma que agora estamos a apreciar é verdadeiramente demonstrativo das hesitações, da errância, das divergências e da propaganda que tanto caracterizam a governação regional.

Apesar da discussão pública e das audições feitas em sede de comissão parlamentar, este diploma continua a suscitar dúvidas. Está envolto numa grande confusão, vem ferido pelo vício processual, impõe dualidade de critérios e disfarça tudo isto com muita propaganda.

Vamos por partes e, como convém, pelo princípio.

Em novembro, o Presidente do Governo Regional anunciou o alargamento da remuneração complementar querendo com isso, e cito:

“Minimizar o aumento dos custos de insularidade que se irão verificar em 2014 por via do agravamento fiscal. Com esta medida pretende-se minimizar o impacto do aumento do imposto sobre o consumo”.

Na mesma linha de orientação se pronunciou este Parlamento aquando do seu pronunciamento sobre a apreciação preventiva da constitucionalidade do Orçamento para 2014.

O parecer então emitido pela Comissão de Economia refere que, e cito:

“As alterações introduzidas na remuneração complementar procedem tão só ao alargamento do universo de beneficiários mantendo-se assim inalterados quer o espírito, quer os objetivos do instituto” (fim de citação).

Mais adiante acrescentava o mesmo parecer da Comissão de Economia:

“Não colhe o argumento de que a nova modelação da remuneração complementar regional pretendeu anular ou neutralizar as reduções remuneratórias nacionais imperativas para a função pública”.

Portanto, não era essa a função da remuneração complementar.

A 11 de abril tudo isto foi negado pelo Vice-Presidente do Governo.

Imperturbado, convencido da sua verdade, sempre pronto a atirar a primeira pedra, o Vice-Presidente do Governo disse aqui neste mesmo espaço (e vou citar):

“A remuneração complementar, e como todos nós dissemos e como é efetivamente, visa repor, em termos de remuneração base, aquilo que foi o corte do Governo da República.

A remuneração complementar consegue efetivamente repor na íntegra os cortes que o PPD e o PP impuseram aos funcionários.”

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** O PPD?! O senhor ainda é do tempo do PPD!

**O Orador:** Precisamente passados dois meses, o Conselho do Governo fez aprovar este diploma e logo no primeiro parágrafo diz esta coisa curiosa:

“A remuneração complementar regional sempre visou atenuar a diferença do nível do custo de vida nos Açores em relação ao continente, designadamente os derivados dos custos de insularidade”.

Creio que o autor deste parágrafo é o Sr. Presidente do Governo, Vasco Cordeiro.

Mas dois parágrafos abaixo, e julgo que agora o autor deste parágrafo é o Sr. Vice-Presidente Sérgio Ávila, dá o dito por não dito.

E o que é que ali vem dito?

“A decisão do Tribunal Constitucional repõe aquilo que o Governo Regional já tinha decidido atribuir desde o início do ano” (fim de citação).

O que é que o Tribunal Constitucional decidiu repor? O chamado subsídio de insularidade? A remuneração complementar? Ou a reposição dos cortes feitos na função pública?

A confusão não podia ser maior. Uns dizem uma coisa; o outro diz o seu contrário e o contrário do seu contrário.

Vá-se lá saber quem diz a verdade e quem realmente manda neste Governo!

E se esta é uma dúvida inultrapassável, outra mais imediata se põe e impõe que seja esclarecida. Afinal o que é e para que serve a remuneração complementar?

Se se destina a repor os cortes feitos pelo Governo da República, o Vice-Presidente Sérgio Ávila tinha razão e este diploma faz sentido. Agora, se os cortes foram declarados inconstitucionais e os vencimentos da função pública repostos para os valores que vigoravam a 31 de dezembro de 2010, de facto faz sentido este diploma.

Mas se a remuneração complementar se destina a fazer face aos custos de insularidade, então é preciso que o Governo Regional nos esclareça que custos foram eliminados. Que milagre se operou aqui que fez aproximar o nível do custo de vida nas ilhas do verificado no continente e que por isso mesmo justifica o corte que o Governo Regional agora aqui faz, o chamado subsídio de insularidade?

Mas ainda que estas confusões e dúvidas se mantenham, uma outra pergunta aqui merece resposta. É tempo e dever do Governo Regional dizer às Sras. e aos Srs. Deputados quantos postos de trabalho foram criados com a norma introduzida no Orçamento que determinava a dedução dos suplementos remuneratórios derivados do trabalho suplementar extraordinário ao valor da remuneração complementar.

Se o Governo se recusar, como fez na Comissão de Economia, a prestar esse esclarecimento, violando a sua obrigação em relação à verdadeira Casa da Autonomia, que é o nosso Parlamento, ainda sobra outro problema neste diploma.

Com efeito, esta Proposta de Decreto Legislativo está ferida de uma eventual ilegalidade, de um vício processual, por não cumprir o estipulado na Lei 23/98, a qual determina que “são objeto de negociação coletiva as matérias relativas à fixação ou alteração dos vencimentos e demais prestações de carácter remuneratório”.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** O Sr. Deputado acaba de contradizer aqui o que disse o Sr. Deputado Costa Pereira!

**O Orador:** Ora, o Governo Regional não cumpriu essa imposição legal e isso, Sra. Presidente, do nosso ponto de vista devia ser condição para negar a admissibilidade desta proposta, pois a audição pública da responsabilidade da

Assembleia não corresponde nem à forma, nem às finalidades do que dispõe esta Lei 23/98.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** O senhor está indo contra o que disse o Deputado Costa Pereira. O PSD o mês passado defendeu uma coisa e agora defende outra?

**O Orador:** Finalmente, a propaganda, ou melhor dizendo, acima de tudo a propaganda.

Ficámos a saber que o Tribunal Constitucional decidiu fazer (e vou citar) “aquilo que o Governo Regional já tinha decidido fazer desde o início do ano e que o mesmo Governo Regional decidiu adicionar, à reposição integral dos vencimentos (porque foi o Governo Regional que decidiu repor os vencimentos), a remuneração complementar”. É mesmo notável!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Vocês entendam-se! Um dia dizem uma coisa e outro dia dizem outra?

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** O Jorge Costa Pereira o que é que disse?

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** O Deputado Pedro Gomes!

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** O Deputado Pedro Gomes pode ter dito, mas o Jorge o que é que disse?

**O Orador:** Como diz o povo “muita cera queima o santo”.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Rogério Veiros tem a palavra.

(\*) **Deputado Rogério Veiros (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

O Partido Socialista quer manifestar aqui o seu total apoio a esta iniciativa e ao diploma aqui apresentado pelo Governo Regional.

Gostaria aqui de manifestar e fazer algumas observações àquilo que consideramos importante.

Primeiro, fazer referência que esta iniciativa é perfeitamente justa e equilibrada em relação àquilo que é a política e àquilo que tem sido anunciado pelo Partido Socialista.

Também para responder que a remuneração complementar é uma iniciativa dos Governos nas oposições, que sempre contou com o Partido Socialista. Em tempos idos, foi o próprio PSD, quando voltou a ter maioria, que anulou a remuneração complementar aos açorianos.

É preciso que isso fique sempre registado, porque isso faz parte da história da nossa democracia...

**Deputados André Bradford e Berto Messias (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... e é preciso que os açorianos saibam quem é que está sempre do lado dos açorianos, quem é que retira e quem é que repõe rendimento às famílias açorianas.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** Foi dito em campanha eleitoral, pelo candidato do Partido Socialista, que ia estar ao lado das famílias e das empresas.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Mas também é verdade!

**O Orador:** Estando aqui defendendo a remuneração complementar, defendendo sempre o equilíbrio do rendimento das famílias, estamos a defender também a nossa economia.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** E é isso que o Deputado Rogério Veiros se esquece! O Deputado Rogério Veiros tem a memória curta!

**O Orador:** Mantendo o poder de compra dos nossos funcionários públicos, estamos a manter o equilíbrio de consumo na nossa economia, que é fundamental para proteger as nossas empresas e proteger o emprego, coisa que lamentavelmente, neste país, este Governo Central tem-se esquecido de fazer.

Gostaria também de voltar aqui a dizer que, face àquilo que é a realidade da justiça que o Tribunal Constitucional voltou a colocar para o rendimento dos funcionários públicos,...

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Continue, Sr. Deputado. Está a ir muito bem!

**O Orador:**... o Governo do Partido Socialista está muito bem e tem uma boa iniciativa em relação àquilo que nós consideramos que é importante: manter o rendimento das famílias e dos funcionários públicos!

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Esperemos que também haja disponibilidade para os trabalhadores do Setor Público Empresarial!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Vice-Presidente do Governo.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Acabámos de ouvir – e duvido que alguém tenha percebido – a intervenção do Sr. Deputado Joaquim Machado.

**Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Ele vai fazer-lhe um desenho!

**O Orador:** A confusão é total!

Eu pergunto: o Sr. Deputado Joaquim Machado é do mesmo partido que apresentou no dia três deste mês a Proposta de Lei 239/2012?

O PSD/Açores é o mesmo partido que votou na generalidade a favor desta proposta na Assembleia da República?

Estamos a falar de quem?

É bom lembrar, para quem não sabe, que foi apresentada agora na Assembleia da República uma nova proposta, votada pelos Deputados do PSD, de novos cortes nos vencimentos dos funcionários da Administração Pública.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Novos, que por acaso são velhos. São do tempo que o senhor aprovou, no tempo de José Sócrates!

**O Orador:** O Sr. Deputado Joaquim Machado pode fazer o que fizer.

Os açorianos sabem exatamente com o que contam.

Os açorianos sabem exatamente que o PSD no Governo corta nos vencimentos dos funcionários públicos...

**Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... e que o PS no Governo repõe os vencimentos que foram cortados pelo Governo da República, seja do PS ou seja do PSD.

**Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

**O Orador:** É isso que distingue!

Os funcionários públicos dos Açores sabem que o Governo dos Açores repõe aquilo que na República foi cortado...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Como é que os Deputados do PS votaram em 2011 na República esses cortes?

**O Orador:** ... com a remuneração complementar, com a remuneração compensatória, com os instrumentos que têm, do ponto de vista legal, para assegurar aquilo que é essencial.

O que é essencial é assegurar a estabilidade e manutenção dos vencimentos dos funcionários públicos. Foi isto que assegurámos sempre, que estamos a assegurar e que iremos continuar a assegurar, sejam quais forem as decisões de corte que sejam efetuadas.

**Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Portanto, a nossa coerência é absoluta e aquilo que os açorianos sabem, para além dessas manobras de diversão que o Sr. Deputado pretende fazer e para as quais ficará sem resposta, é que nos Açores os funcionários públicos dos Açores têm, através do Governo dos Açores e do Partido Socialista, a estabilidade dos seus vencimentos sem os cortes que foram feitos pela República desde 2011.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Muito bem!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Em 2011 votaram a favor, não foi?!

**O Orador:** É esta a realidade dos Açores, é esta a estabilidade que pretendemos manter com esta proposta.

Connosco o vencimento dos funcionários públicos deve ser mantido e, por essa via, é isso que asseguramos neste momento com esta mesma proposta.

O resto pode ficar aí para divagações. E as divagações chegam ao ponto de, neste momento, o Sr. Deputado Joaquim Machado (com uma nova interpretação do PSD sobre esta matéria, com certeza mais atualizada do que aquela que havia na anterior legislatura, e aquele que tinha sido o procedimento seguido nesta Casa até hoje, mas mudam-se os tempos, as opiniões podem mudar) ter identificado uma nova interpretação do PSD sobre esta matéria.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** O senhor muda todos os dias, todos os minutos!

**O Orador:** É que como foi e muito bem defendido várias vezes pelo Deputado dessa bancada Pedro Gomes, enquanto Presidente da Comissão de Política Geral,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não sei para que é que aumentaram o número de membros do Governo, se o senhor sabe tudo!

**O Orador:** ... esta matéria é uma matéria cuja competência da audição e de negociação é da Assembleia Regional...

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Com a qual o PCP discorda!

**O Orador:** ... porque é uma matéria de competência exclusiva legislativa da Assembleia Regional, e não é uma matéria da competência do Governo.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Mas V. Exas. é que têm que fazer!

**O Orador:** O Governo tem a competência para propor. A competência legislativa é da Assembleia e isso foi muito bem explicado pelo Sr. Deputado Pedro Gomes.

Era essa a posição do PSD. Pelos visto agora não é, mas isso não é o relevante nesta matéria.

O que interessa para os açorianos é que o PSD corta os vencimentos dos funcionários públicos, o Governo dos Açores tem a coragem, a capacidade financeira para repor esses vencimentos.

Fê-lo no passado, em 2011. Voltou a repetir em 2012, em 2013 e em 2014.

O objetivo é claro, é manter os vencimentos dos funcionários públicos ajustando a remuneração complementar ou compensatória, consoante as circunstâncias, ao corte que for efetuado.

O que nós fazemos aqui é exatamente isso, ou seja, é assegurar que o vencimento e a remuneração base que os funcionários públicos tinham em 2013 se mantivesse em 2014 com a remuneração complementar e agora estamos exatamente a assegurar, por esta via, a manutenção desses níveis de vencimento sem cortes. Como fizemos no passado estamos a voltar a fazer.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Muito bem!

**O Orador:** É isso que interessa aos açorianos. É isso que os açorianos veem quando recebem o seu recibo de vencimento e é isto que nós nos comprometemos, é isto que estamos a fazer.

O resto, o que o Sr. Deputado pretende, é pura e simplesmente desviar a atenção do essencial e desviar a atenção de pedir desculpas aos açorianos por estar num governo que cortou substancialmente os níveis de remuneração dos funcionários. Neste momento prepara-se novamente, com o apoio dos Deputados do PSD/Açores, na Assembleia da República, para voltar a cortar esses mesmos vencimentos.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** O senhor já pediu desculpa pelo Memorando que assinou e que disse que era bom para os Açores?

**Presidente:** Obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Sr. Deputado Joaquim Machado tem a palavra.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta resposta do Sr. Vice-Presidente do Governo dá boa nota das dificuldades e dos embaraços que esta matéria representa para o Governo Regional.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Embaraços?

**O Orador:** Tanto assim é que se refugiou numa técnica *goebbeliana* de repetir muitas vezes a mesma frase, tentando com ela convencer os mais desprevenidos.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Quem recebe no fim do mês sabe o que significa!

**O Orador:** Vamos por partes, Sr. Vice-Presidente.

Eu sou do PSD que tem três Deputados na Assembleia da República que votaram essa lei, como julgo que o senhor é do mesmo PS que em 2010, votou o orçamento de 2011, que fez cortes nos vencimentos dos funcionários públicos em todo o país.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Eu sei que às vezes o senhor tenta constituir à sua volta, mesmo que não haja mais ninguém, um pequeno partido dentro do PS. Mas esse é problema seu.

Agora, se eu sou do mesmo PSD?! Julgo que o senhor tem tantas ou mais responsabilidades do que eu quando os Deputados do seu partido na Assembleia da República também votaram o Orçamento de 2010 que impôs cortes aos funcionários públicos de todo o país.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Menos nos Açores!

**O Orador:** E a propósito desses cortes, eles afinal repetiram-se mais vezes no tempo.

Os novos cortes que o senhor referiu, aprovados há poucos dias, afinal mais não fazem do que utilizar os mesmos valores dos cortes que os seus Deputados dos Açores, na Assembleia da República, aprovaram em 2010.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Mas o seu incómodo não é sobre estas matérias, porque sobre isto o senhor anda como “gato sobre brasa”.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Sobre este não é, mas já lhe respondo!

**O Orador:** O seu incómodo é sobre as questões que eu coloquei e para as quais o senhor, com uma certa desfaçatez política, ignorou e recusou-se responder,

como é seu dever, perante esta Assembleia, nomeadamente, quantos postos de trabalho foram criados desde o dia 17 de abril, depois do Governo Regional ter concluído o levantamento das necessidades em toda a Administração Pública Regional, na sequência da dedução que fez da remuneração complementar do valor por trabalho extraordinário? Quantos postos de trabalho?!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Esse documento continua a ser um documento do Governo que o senhor nega à Assembleia, ao Parlamento, às Sras. e aos Srs. Deputados, como disse na Comissão de Economia?

Quantos postos de trabalho foram criados?

Em segundo lugar, este diploma está sujeito à negociação coletiva, Sra. Presidente.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Era o entendimento do PSD!

**O Orador:** Eu não posso deixar de interpelar a Sra. Presidente sobre esta matéria, porque o Sr. Vice-Presidente disse aqui uma coisa que eu julgo que é notável, de que o poder de negociação coletiva é da exclusiva competência desta Assembleia.

Pergunto à Sra. Presidente (estou a interpelar a Mesa neste momento) se é seu entendimento, esta Assembleia ter competência para fazer negociação coletiva, porque foi isso que disse o Sr. Vice-Presidente do Governo.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Era o entendimento do PSD! O Sr. Deputado é um excelente jurista e revogou a lei!

**O Orador:** Pergunto a V. Exa., Sra. Presidente, se esta Assembleia tem competência, se entra no âmbito das suas competências e funções, fazer negociação coletiva com os sindicatos?

O resto não é interpretação minha. É o que diz a lei.

A Lei 23/98 diz tão simplesmente isto no seu artigo 6.º: “são objeto de negociação coletiva as matérias relativas à fixação ou alteração dos vencimentos e das demais prestações de carácter remuneratório”.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): O Sr. Deputado Joaquim Machado é um brilhante jurista!!!

**O Orador:** Faço notar que na República todas as matérias que tratam de vencimentos e de outras prestações de carácter remuneratório, os governos, incluindo os Governos do Partido Socialista,...

**Deputada Graça Silva** (*PS*): Menos na 239!

**O Orador:** ... fazem previamente negociação coletiva, ao envio dessas propostas de lei...

**Deputada Graça Silva** (*PS*): Como fez!

**O Orador:** ... para a Assembleia da República. Aliás, seria interessante ouvir a Sra. Deputada Graça Silva, que até há pouco tempo militava nos sindicatos e exigia a negociação coletiva...

**Deputada Graça Silva** (*PS*): A 239 não foi imposta!

**O Orador:** ... saber o que é que diz sobre esta matéria.

Os sindicatos exigem, e bem, o cumprimento da lei e esta lei não foi cumprida pelo Governo Regional.

Sra. Presidente, repito o que já disse na primeira intervenção:

**Deputada Graça Silva** (*PS*): O senhor é que devia pronunciar-se sobre a proposta de lei!

**O Orador:** Com todo o respeito, mas acho que o incumprimento desta lei devia ter sido motivo suficiente para V. Exa. não permitir a admissibilidade deste diploma.

**Presidente:** Posso responder, Sr. Deputado?

**O Orador:** Sobre o resto vou ficar à espera das perguntas que formulei ao Sr. Vice-Presidente do Governo, nomeadamente saber quantos postos de trabalho foram criados ao abrigo da tal disposição que está no nosso Orçamento para 2014.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

A Mesa da Assembleia admitiu esta Proposta de Decreto Legislativo Regional e cumpriu com a tramitação processual para a qual tem competência.

Portanto, não tinha motivo para não admitir.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Houve negociação coletiva?

**Presidente:** Nós, Assembleia, fizemos toda a tramitação processual que temos competência para fazer. Portanto, não tínhamos motivo para não admitir esta iniciativa.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Muito bem!

**Presidente:** O Sr. Deputado Joaquim Machado pede a palavra para uma interpelação? Tem a palavra.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, aceito e não há nada a objetar à explicação que a senhora deu. Está corretíssima. Não suscita qualquer dúvida.

Mas a minha interpelação tinha mais uma parte, que era saber se esta Assembleia tem competência e se cabe, nas suas funções, fazer a negociação coletiva como o Sr. Vice-Presidente do Governo disse que era nossa competência exclusiva.

**Presidente:** A competência que nós temos, Sr. Deputado, é de pôr à discussão pública...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Ah!

**Presidente:** ... este tipo de matérias e foi o que fizemos. Foi a Comissão que fez naturalmente.

Sr. Deputado Joaquim Machado, para uma interpelação à Mesa? Tem a palavra.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Então, Sra. Presidente, posso concluir da sua explicação que a esta Assembleia cabe fazer as audições públicas, que naturalmente nós fazemos, e mais uma vez foi cumprida, mas que a negociação coletiva não compete ao Parlamento. Portanto, o Governo Regional esteve em falta nesta matéria, para cumprir o que está determinado na Lei 23/98.

Muito obrigado.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Está a ouvir, Sra. Deputada Graça Silva?

**Deputada Graça Silva (PS):** Os senhores não cumpriram o 239!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Nós quem?

**Deputada Graça Silva (PS):** O PSD!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

O Sr. Vice-Presidente pediu...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** O Sr. Deputado fez-lhe uma pergunta!

**Presidente:** Eu já respondi.

A tramitação processual da Assembleia foi cumprida. A Comissão de Economia, que é quem tem esta competência, colocou em audição pública este diploma. Foi o que fizemos. Foi a resposta que já tinha dado.

Aliás, o Sr. Deputado Joaquim Machado repetiu o que eu disse e acrescentou-lhe mais duas ou três coisas.

Vamos continuar o nosso debate. O Sr. Vice-Presidente pediu a palavra para uma interpelação?

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Para me inscrever.

**Presidente.** Então está inscrito.

Sr. Deputado Félix Rodrigues tem a palavra.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. Governantes e Sr. Governante:

O Sr. Vice-Presidente não respondeu a uma questão...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Já vou responder!

**O Orador:** ... que era pertinente, até porque foi muito teatral, representando assim: “disto, o que é que os senhores não entenderam?”.

Eu quero que me explique cabalmente qual é a diferença entre a atribuição **de uma** remuneração complementar e a atribuição **da** remuneração complementar. Quero que fique claro, e que toda a gente perceba exatamente o que é que estamos a votar.

Por outro lado, Sr. Vice-Presidente, não lhe fica bem utilizar a República para tudo.

A República cortou os salários e todos nós sabemos. É evidente que quem tem deputados na República é o Partido Socialista e o PSD. O CDS não os tem.

**Deputado André Bradford (PS):** E quem tem governantes é o CDS!

**O Orador:** No entanto, quando o Governo Regional da Região Autónoma dos Açores (porque somos uma Região Autónoma) propõe uma remuneração complementar aos trabalhadores da função pública, não viu certamente o CDS a votar contra. Votou a favor porque vivemos numa Região Autónoma.

Atirar-nos com a República é, de facto, demagogia, é não responder às questões.

O senhor perde legitimidade quando estamos de acordo com as propostas do Partido Socialista na Região Autónoma dos Açores.

Sendo assim, e se o senhor está preocupado com os salários e a perda de rendimento dos trabalhadores da função pública da Região Autónoma dos Açores, faço-lhe outra pergunta:

Além daquele **de uma** e **da**, que gostaria de ver esclarecido, o senhor está ou não na disposição de devolver as horas extraordinárias extras que retirou.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Não retirei nada!

**O Orador:** Retirou a Assembleia, na tal cláusula que não soubemos ler.

A pergunta é se está ou não preocupado em devolver essas horas extraordinárias aos trabalhadores?

Aqui vamos ver quem é que corta ou não corta salários aos funcionários.

O senhor está ou não na disposição de devolver aos trabalhadores essas horas extra, aceitando o aditamento feito pelo Partido Comunista Português?

Agradecia que me respondesse, quando puder, a essas duas questões.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Mendes tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Vice-Presidente, eu tenho algumas dúvidas relativamente àquilo que está plasmado no artigo 3.º, trabalhadores do Setor Público Empresarial Regional,

isto considerando o historial do alargamento da remuneração complementar que foi aprovado nesta Casa, em 2013, e que afinal de contas acabou por sair uma coisa totalmente deturpada, chegando a prejudicar os trabalhadores e justamente aqueles trabalhadores que mais trabalham e fazem horas extraordinárias.

Tendo isso em conta, gostaria de saber o que é que o Governo Regional se prepara para fazer, caso isto venha a ser aprovado da forma como está.

Será que pretende não atribuir a remuneração complementar a alguns trabalhadores do Setor Público Empresarial, ou será que pretende, às tantas, criar uma nova tabela de remuneração complementar para trabalhadores do Setor Público Empresarial...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Como é atualmente?

**O Orador:** ... e assim teremos trabalhadores de primeira e de segunda?

Teremos trabalhadores públicos numa tabela e trabalhadores do Setor Público Empresarial com outra tabela de remuneração complementar. Gostava que me desfizesse essa dúvida.

Outra questão tem a ver com a devolução daquilo que foi retirado aos trabalhadores da Administração Pública Regional entre janeiro e junho deste ano, aqueles que fizeram horas extraordinárias e foram prejudicados com a remuneração complementar devido a isso.

Gostaria saber se tenciona devolver o valor dessa retribuição complementar que foi retirado ou se pretende simplesmente passar à frente e continuar tudo tal e qual como estava em 2013, esquecendo-se dos valores que foram retirados a estes trabalhadores, justamente aqueles que mais trabalham e se calhar aqueles que também usufruem de rendimentos, ou melhor, de salários bem menores.

Obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Devo dizer que a paternidade das medidas orçamentais, das medidas que foram introduzidas para compensar os cortes salariais que foram realizados pelo

Governo da República, nunca, melhor dito, essa paternidade pertence a um conjunto de partidos que apoiou essas políticas.

Como é óbvio, o Partido Popular Monárquico não está disponível para sofrer um chorrilho de críticas junto de alguma opinião pública e de alguns populistas que agitaram o papão de se criar aqui uma classe, um grupo, de privilegiados no seio da sociedade açoriana. Não estamos disponíveis para apanhar com esse conjunto de críticas e depois na hora de distribuir o mérito e de reivindicar a medida, somos, pura e simplesmente, esquecidos.

Queremos estar como no casamento, nos bons momentos e nos maus momentos.

Devo dizer que da nossa parte seguimos sempre aquela que é a estratégia política do PPM para esta matéria e aquilo em que acreditamos profundamente.

Nós não acreditamos que os cortes salariais, a perda do poder de compra dos portugueses em geral e a perda do poder de compra dos trabalhadores da Administração Regional e do Setor Público Empresarial Regional, que essas medidas sejam medidas eficazes, sejam medidas justas e que contribuam para a recuperação económica do país.

Também consideramos que a Administração Regional não deve ser o “bode expiatório” da crise do setor bancário (o Sr. Deputado Aníbal Pires gosta de ter a paternidade desta crítica). É preciso dizer que a falta de regulação do setor bancário provocou um problema grande nas economias ocidentais e também na economia portuguesa e açoriana.

Não estamos disponíveis para aceitar este tipo de políticas. Discordamos profundamente das políticas restritivas, das políticas que produzem a redução do poder de compra dos trabalhadores portugueses em geral e dos trabalhadores açorianos.

Acreditamos que o nosso contexto insular disperso, com problemas do ponto de vista económico que são incrementados pela nossa particular situação geográfica, também explica que aqui sejam adotadas medidas específicas no âmbito do autogoverno de que dispomos.

Por isso, assumimos a paternidade das medidas que foram implementadas.

Por isso agora estamos disponíveis para apoiar esta proposta com uma única condição.

A condição é esta: o Governo da República já anunciou que já está a implementar novos cortes salariais. Nesse sentido eu quero ter a certeza absoluta de que a implementação da remuneração complementar não prejudica a construção de outras respostas em relação a futuros cortes salariais implementados pelo Governo da República, que aliás tem como base de referência os cortes efetuados pelo Governo Socialista.

Meus senhores, a votação favorável do PPM a esta iniciativa está dependente da garantia de que vamos aqui encontrar e aprovar, nesta Assembleia, outros mecanismos que permitam compensar futuros cortes salariais.

Se assim for, se esta medida não prejudicar a nossa capacidade de novamente fazer a compensação e tomar decisões diferentes em relação às que estão a ser tomadas pelo Governo da República, nós votamos favoravelmente.

Se existir uma resta de dúvidas de que esta medida pode colocar em causa a nossa capacidade de reação a futuros cortes, o PPM votará contra.

Votamos a favor, com a garantia política por parte do PPM de que estamos aqui para continuar a apoiar, a promover medidas que impeçam a ocorrência de cortes salariais na Administração Regional nos Açores por via das decisões políticas que venham a ser tomadas pelo Governo da República.

Esta é a nossa garantia e este é também o nosso condicionalismo.

Muito obrigado.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Vice-Presidente tem agora a palavra.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Começaria pela intervenção do Sr. Deputado Paulo Estêvão. Para saudar a intervenção do Sr. Deputado Paulo Estêvão e para dizer que colocou a questão essencialmente no essencial.

O Governo dos Açores compensou, primeiro através da remuneração compensatória e depois de uma remuneração complementar mais abrangente, os cortes na remuneração base feitos pelo Governo da República.

Fizemos isso no passado quando o Governo da República era do PS; fizemos isso no passado quando o Governo da República era do PSD e do CDS-PP e voltaremos a fazer, conforme já foi nosso compromisso e como já tivemos oportunidade de anunciar.

Reafirmamos aqui que, havendo novos cortes por parte do Governo do PSD/CDS-PP sobre o ordenado dos funcionários públicos, o Governo dos Açores irá tomar todas as medidas legislativas para compensar esses cortes salariais nos mesmos termos em que fez no passado.

**Deputada Graça Silva (PS):** Muito bem!

**O Orador:** É este o compromisso que já assumimos, é esse compromisso que reafirmamos aqui e é esse o compromisso que irá acrescer à reintrodução desta remuneração complementar, porque como referi, o nosso objetivo, a nossa prática e aquilo que os açorianos sabem que é a nossa ação, é manter a estabilidade e o rendimento dos funcionários públicos.

Quando o Governo da República corta, nós repomos. No âmbito da nossa autonomia repomos essa estabilidade de vencimentos por duas ordens de razão: porque consideramos que é essencial para os funcionários públicos da Região ter essa estabilidade de rendimento; é essencial para a economia da Região que o rendimento das famílias se mantenha, e porque felizmente temos as condições financeiras, temos as condições orçamentais, para repor esses níveis de vencimento.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Se dúvidas houvesse sobre as condições financeiras da Região, está aqui a resposta.

Mas o mais extraordinário, o mais perfeitamente indiscutível de tudo isto, é que os mesmos que dizem que os Açores têm uma situação financeira muito má, os mesmos que dizem que os Açores não têm capacidade financeira, são os

mesmos que depois vêm exigir que o Governo dos Açores tome as medidas de compensação.

Se tivesse a capacidade financeira que os senhores diziam, não teria condições para tomar. Aí está mais uma das vossas incoerências.

Por um lado, são incoerentes quando apoiam na República os cortes e nos Açores querem a reposição.

São incoerentes quando dizem que os Açores não têm uma situação financeira estável, mas depois acham que os Açores têm capacidade para fazer o que o resto do país não consegue fazer.

A nossa matéria sempre foi coerente sobre esta matéria.

Vamos assumir e assumimos o compromisso hoje com esta proposta, confirmamos esse compromisso e confirmaremos, sempre que houver uma redução de vencimentos nos funcionários públicos, que iremos tomar as medidas de reposição desses cortes na intensidade e no nível que o fizemos no passado, porque os funcionários públicos nos Açores sabem que têm no Governo dos Açores e no Partido Socialista um aliado...

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... e que para o Partido Socialista e para o Governo Regional os funcionários públicos não são um problema, são um ativo que deve e merece ser valorizado a bem dos Açores.

**Deputados José Ávila e Rogério Veiros (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Não somos nós que encaramos os funcionários públicos como um peso, como um custo e como uma despesa. Para nós os funcionários públicos são famílias, são vidas que merecem ser respeitadas,...

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... cujo rendimento merece ser estabilizado. Foi essa a nossa prática no passado, é essa a nossa prática no presente e é essa a confiança que os funcionários públicos têm no Governo dos Açores no futuro, porque sempre cumprimos esta matéria.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

Face a esta realidade todos percebemos o nervosismo, a tentativa de distrair, de trazer questões que não são centrais neste debate, Sr. Deputado Joaquim Machado.

Essa tentativa de criar artifícios em relação à discussão, que o Sr. Deputado Joaquim Machado acabou de fazer neste plenário, foi ao ponto de contradizer exatamente aquilo que era a antiga posição do PSD sobre a mesma matéria.

Aliás, eu não lhe vou responder à questão se foram ou não exercidas as competências do ponto de vista da audição e da negociação.

Remeto-o – e está nas atas desta Assembleia a mesma pergunta, feita pelo Sr. Deputado Aníbal Pires na legislatura anterior – para a resposta que o Sr. Deputado Pedro Gomes deu exatamente à questão que o senhor levantou.

Portanto, se me permite, leia a resposta do Sr. Deputado Pedro Gomes, da sua anterior bancada, e tem exatamente a resposta à questão que me colocou. Não temos mais nada a acrescentar em relação àquilo que o Sr. Deputado Pedro Gomes afirmou, então como Presidente da Comissão de Política Geral, sobre esta matéria.

Se calhar reconheço-lhe méritos jurídicos superiores àqueles que tenho e que o Deputado Pedro Gomes tem, mas é essa a nossa firme convicção da forma como é abordada essa matéria.

Outro aspeto essencial que eu gostaria aqui também de deixar de ficar sobre as questões aqui colocadas, nomeadamente em relação ao Setor Público Empresarial Regional.

Se me permite, Sr. Deputado Paulo Mendes, e respondendo também ao Sr. Deputado do CDS-PP Félix Rodrigues, acho que ...

**Deputado António Marinho (PSD):** Toda a gente está confundida!

**O Orador:** ... o Sr. Deputado Paulo Mendes está aqui a fazer uma confusão.

Não sei se o Sr. Deputado sabe, mas a remuneração complementar que estamos aqui a repor, não era a remuneração complementar atribuída aos funcionários das empresas do Setor Público Empresarial Regional.

Ou seja, a remuneração complementar que foi introduzida em 2014 aos funcionários das empresas públicas visava compensar o corte que havia em 2014.

Ao repormos o nível de vencimento de 2011, temos que repor a remuneração complementar de 2011. Isto é, se acrescentássemos a isso a aplicação dessa remuneração complementar aos funcionários do Setor Público Empresarial, o que aconteceria era que os funcionários das empresas públicas não teriam a manutenção dos seus vencimentos, mas teriam um aumento muito significativo dos seus vencimentos, o que iria implicar, na prática, uma discriminação em relação aos funcionários públicos.

O Sr. Deputado se calhar estava distraído e não se apercebeu que só foi introduzida a remuneração complementar aos funcionários das empresas públicas, em 2014, curiosamente para os níveis remuneratórios acima daqueles que aqui estão reintroduzidos, precisamente porque foi um instrumento para compensar o corte. Ou seja, não havendo corte, não faz sentido repor aquilo que não foi cortado, porque o que isso implicaria era, por um lado, um aumento significativo dos seus vencimentos e, por outro lado, um tratamento discriminatório em relação aos funcionários públicos. Com certeza não é isso que o Sr. Deputado pretende. Se calhar foi uma distração sua.

Depois de explicar esta parte ao Sr. Deputado Félix Rodrigues, o que está aqui sobre a remuneração complementar, pretende precisamente criar os instrumentos legais para que também o Setor Público Empresarial, se for efetivamente para a frente esta proposta da Assembleia da República de novos cortes e esses cortes abrangerem, esses sim,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não são novos cortes. É a repriminção dos cortes de Sócrates!

**O Orador:** ... os funcionários das empresas públicas, possa repor aquilo que for cortado. É isso, no fundo, que nós pretendemos.

Agora não podíamos aplicar já essa remuneração na intensidade da remuneração, porque efetivamente neste momento os funcionários das empresas

públicas não têm qualquer corte e têm exatamente o mesmo nível de vencimento que tinham há data de dezembro de 2010.

Para que os funcionários da administração direta da Região, da Administração Pública, tivessem essa, era necessário acrescentar esta remuneração complementar. Penso que assim expliquei essa mesma matéria.

Em relação à questão que o Sr. Deputado Joaquim Machado referiu sobre a componente das horas extraordinárias e o impacto que teria em relação aos funcionários públicos, como tive oportunidade de referir, é nossa opção clara apostar, não em que os funcionários trabalhem mais horas do que aquelas que a lei assim o define, mas que essas horas que alguns têm que trabalhar acima do que está estipulado na lei não sejam compensadas com recurso aos mesmos trabalharem mais horas, mas a mais pessoas a trabalhar.

Posso informar-vos que do levantamento feito, que conjuga efetivamente essas necessidades decorrentes dessa matéria e outras necessidades de recursos humanos da Administração Pública Regional, estaremos em condições de, durante os próximos meses, abrir, no âmbito da Administração Pública Regional, mais 298 vagas, sendo 16% para assistentes técnicos, 41% para assistentes operacionais, 20,6% para técnicos superiores, 17% para pessoal de enfermagem, 3,2% para técnicos de diagnóstico e terapêutica e algumas para outras áreas, isto não incluindo os professores, pessoal docente e o pessoal da carreira médica que será à parte.

Ou seja, da inventariação dessas necessidades resultantes de horas extraordinárias acrescidas a outras necessidades permanentes, iremos ter um reforço, uma admissão, no âmbito da Administração Regional, de cerca de 309 trabalhadores e assim cumprir exatamente aquilo que foi o nosso compromisso por um lado, mas também cumprir exatamente aquilo que foi objetivo desta matéria, que é ter mais açorianos a trabalhar em vez de ter os açorianos a trabalhar mais horas do que a lei permite.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Joaquim Machado.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

De facto, estas intervenções do Sr. Vice-Presidente Sérgio Ávila são, e têm que ser, politicamente notáveis. Começava exatamente pelo fim dessa intervenção.

Foi aqui anunciado que o Governo Regional está em condições de abrir 298 novas vagas para a Administração Pública Regional. Daí decorre uma primeira conclusão. É de que a aplicação daquela norma do orçamento que deduzia na remuneração complementar o trabalho feito em horas extraordinárias não gerou um posto de trabalho e nunca teve relação direta com a criação de novos postos de trabalho.

Tanto é que, salvo erro, a 13 de maio, em Santa Maria, o Conselho do Governo conseguiu fazer o milagre que foi aprovar uma Proposta de Decreto Legislativo Regional que revogava exatamente essa norma do Orçamento Regional e que agora esta Proposta de Decreto Legislativo que estamos a apreciar também revoga.

Portanto, se a norma do Orçamento impedia a realização de trabalho a mais, com isso gerando mais postos de trabalho, como é que vamos criar postos de trabalho, agora que revogamos a norma que dava origem a ela? É uma coisa brilhante!

**Presidente do Governo Regional (Vasco Cordeiro):** O senhor está de acordo ou não está?

**O Orador:** Só mesmo um milagre!

Como milagre também é acreditar, porque só uma questão de fé consegue resolver isto, que o Governo Regional de facto está muito empenhado em garantir o rendimento das famílias açorianas.

**Deputado Berto Messias (PS):** Mas qual é o sentido de voto do PSD?

**O Orador:** Se assim é, e já aqui o desafio foi feito, pois o Governo Regional que faça a reposição das deduções feitas à remuneração complementar pela dita norma do Orçamento.

Mas mais. O Governo Regional tem também oportunidade de confirmar esse seu empenho na garantia do rendimento das famílias açorianas, por exemplo,

remunerando os professores contratados pelo mesmo valor que eles são pagos no resto do país, incluindo a Região Autónoma da Madeira.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Não ser pagos!

**O Orador:** Estes dois pequenos exemplos demonstram exatamente o contrário daquilo que o Sr. Vice-Presidente aqui nos andou a dizer de forma repetida (repito também), com isso querendo convencer os mais distraídos.

Relativamente à questão do SPER – Setor Público Empresarial Regional, eu julgo que na discussão na especialidade nós teremos a oportunidade de voltar a este assunto. Mas também tentando explicar esta matéria, o Sr. Vice-Presidente acabou por desdizer a própria Proposta de Decreto Legislativo que temos presente.

O primeiro parágrafo, o tal que eu estou convencido que foi escrito pelo Sr. Presidente do Governo, diz que “a remuneração complementar regional sempre visou atenuar a diferença do nível do custo de vida dos Açores em relação ao continente”.

O Sr. Vice-Presidente acabou de dizer, contrariando o Sr. Deputado Francisco César e o que ele escreveu em nome da Comissão no parecer enviado ao Tribunal Constitucional, de que não se tratava de repor os cortes feitos pela República.

A explicação que aqui acabámos de ter foi de que efetivamente os trabalhadores do Setor Público Empresarial Regional não podem ser compensados por uma remuneração complementar, porque não têm corte no seu vencimento.

Os senhores têm que se entender.

Para que é que serve esta remuneração complementar? É para compensar os custos de insularidade? Se é, e nós estamos de acordo com ela, porque há custos acrescidos na nossa vida arquipelágica, então faz sentido que todos recebam a remuneração complementar. Coisa contrária, que contradiz o parecer desta Assembleia e aquilo que o Sr. Presidente do Governo dizia na apresentação do Orçamento para 2014, é de que isto se trata de compensar os cortes feitos pela República. Entendam-se!

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Rogério Veiros.

(\*) **Deputado Rogério Veiros (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

No decorrer deste debate já podemos facilmente (quem acompanha o debate) tirar daqui algumas conclusões.

A primeira conclusão é que este PSD, pelos vistos, é contra tudo.

É contra o Governo da República, é contra o Governo dos Açores, é contra a contratação de funcionários públicos, é contra tudo. É contra os açorianos!

Não temos um PSD de propositura, de trabalho no alcance de novas soluções.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Isso não é cassete, é bobine!

**O Orador:** Temos um PSD que é pura e simplesmente contra tudo e contra todos.

A prova disso é a forma como se desenrola este debate.

Estamos aqui perante uma Proposta de Decreto Legislativo Regional que visa manter o rendimento das famílias açorianas e, por essa via, princípios de equilíbrio orçamental, princípios de justiça relativa que estão aqui perfeitamente ao dispor daqueles que prestarem atenção àquilo que é a política do Governo Regional.

Por outro lado, o Sr. Vice-Presidente está a explicar muito bem aquilo que é importante verdadeiramente para os Açores: a estabilidade do rendimento das nossas famílias.

O PSD que outra hora já foi e revogou a remuneração complementar, é o mesmo PSD que hoje, aqui está reservado em questões administrativas, em questões processuais, em questões jurídicas, e que não está a favor daquilo que verdadeiramente importa...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Quem é que disse isso?

**O Orador:** ...que é o rendimento das famílias dos Açores, a remuneração complementar. É isso que para aqui importa, é isso que o Governo e o Partido Socialista defendem, é a manutenção do rendimento das nossas famílias, ao

contrário do PSD que pura e simplesmente se refugia em questões processuais e não está verdadeiramente preocupado com as açorianas e com os açorianos.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Haja paciência!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Aníbal Pires tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Obrigado, Sra. Presidente:

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Relativamente a algumas das questões que têm estado aqui à discussão, gostaria de reconfirmar (para ver se eu percebi bem a explicação que foi dada por V. Exa. Senhor Vice-Presidente, relativamente à questão do **de uma** ou **da**) se efetivamente isto é para prevenir os cortes que possam vir a ocorrer, ficando, digamos, o problema dos trabalhadores do Setor Público da Região resolvido, mas entretanto fica por resolver o problema dos restantes trabalhadores.

Tanto quanto percebi há um compromisso também assumido aqui por V. Exa,...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Reafirmado!

**O Orador:** Diga, diga!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Reafirmado!

**O Orador:** Reafirmado por V. Exa.

... de que, tal como foi feito no passado, será feito no futuro essa compensação. Agora, relativamente a essa compensação, gostaria de perceber se essa compensação será de facto apenas para um determinado nível salarial, como foi feito no passado, ou se os níveis salariais serão mais alargados como foi feito também num passado mais recente. Gostaria que V. Exa. pudesse precisar este ano.

Quer que repita?

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Não senhor!

**O Orador:** Ok. Sim senhor.

Relativamente a outras questões, já agora permitam-me a questão da negociação coletiva.

Sr. Deputado Joaquim Machado, eu gostaria de lhe dizer o seguinte: bem-vindo a esta luta! É uma luta que trago da legislatura passada...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Em compensação, a sua colega já o abandonou!

**O Orador:** ... porque entendo que o Governo Regional deve fazer uma negociação coletiva, mas não faz.

**Deputado Francisco César (PS):** Qual era a posição do PSD?

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** E qual é a posição do PS?

**O Orador:** A posição do PSD foi efetivamente como foi dito, e aliás tive aqui algumas questões com o Deputado Pedro Gomes, mas isso é passado.

Bem-vindo a essa luta, Sr. Deputado!

Há aqui entretanto uma outra questão que me parece que ainda não foi dado nenhum sinal, nem por parte do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, nem por parte do Sr. Vice-Presidente, que tem estado a tratar desta questão e deste diploma e que tem a ver com a questão da retroatividade.

Julgo que o valor (até considerando, como ainda há poucos minutos o Sr. Vice-Presidente considerou, que a situação financeira da Região permite, e muito bem, fazer este tipo de compensações) que foi deduzido à remuneração complementar, por via do trabalho extraordinário, não tem assim um significado tão grande que não possa ser devolvido aos trabalhadores, pois ao longo de cinco meses foi subtraído a alguns trabalhadores o valor do trabalho extraordinário à sua remuneração complementar.

Portanto, não vejo nenhum motivo para que isso não seja efetivamente feito e gostaria de perceber qual é que é a posição do Grupo Parlamentar do Partido Socialista relativamente a esta questão.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Félix Rodrigues.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Muito obrigado pela sua resposta, Sr. Vice-Presidente. Esclareceu-me parcialmente a questão do **de uma**...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Na próxima intervenção vou esclarecer o resto!

**O Orador:** ... e da.

O **de uma** pode implicar exatamente aquilo que disse, mas também pode implicar a existência de várias, ou seja, para cada empresa haver uma regra diferente.

Isso quer dizer que quando aparece aqui **de uma** podemos ter aqui várias interpretações. Compreendo o seu ponto de vista mas também quero que me esclareça relativamente a isto, que é esse **de uma** se diz respeito a ser a mesma regra para todas as empresas, com a lógica que aqui apresentou, ou se dá azo a termos critérios distintos para empresas distintas.

Isso é importante, porque esta Assembleia, como sabe, enganada por V. Exa., acabou por tirar horas extraordinárias aos trabalhadores da função pública, por uma pequena *nuance* no artigo apenas.

Fazia-lhe a seguinte pergunta:

O senhor está ou não está na disposição de devolver as horas extraordinárias que foram retiradas, porque houve uma leitura baseada num princípio que a oposição fez e tentou retificar nesta Casa dando a mão à palmatória, dizendo que se tinha enganado...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Ah! Tinha-se enganado!

**O Orador:** Sim. Pronto, tudo bem!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Não! O senhor tem que corrigir, porque uma coisa é se enganar, outra coisa é ser enganado!

**O Orador:** Pronto. Admitiu que se tinha enganado.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Quem?

**O Orador:** A oposição!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Ah! Então não foi enganado! É muito diferente!

**O Orador:** Admitindo que se tinha enganado...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** As palavras têm que ser ditas!

**O Orador:** ... porque leu mal...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Ah!

**O Orador:** ... porque havia uma *nuance*, porque aparecem agora outras *nuances*, convém esclarecer muito bem o que é que o senhor quer dizer.

Por isso, estou a fazer a pergunta muito concreta e falta aqui um pormenor que eu preciso que me esclareça. É que este **de uma** se dá azo ou não dá azo a termos critérios diferentes para empresas diferentes.

Por outro lado, uma vez que foi declarado inconstitucional os cortes salariais, também me parece ser pelo menos imoral que não se devolvam as horas extraordinárias que foram feitas ao abrigo de um regime que cortava salários que eram considerados inconstitucionais.

Portanto, há aqui pelo menos um problema moral que se coloca na devolução das respetivas horas extraordinárias.

O Sr. Vice-Presidente está ou não está na disposição de devolver as horas extraordinárias que foram retiradas a estes trabalhadores durante este período? É uma questão muito concreta, Sr. Vice-Presidente.

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Tendo em conta os esclarecimentos e os compromissos políticos aqui assumidos, o PPM votará favoravelmente esta iniciativa.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Falta as horas extraordinárias!

**O Orador:** Devo dizer no entanto, que algumas intervenções que foram aqui realizadas no sentido de verificar que a argumentação que desenvolvemos para o âmbito da remuneração compensatória fica de alguma forma fragilizada (a verdade é essa, fica fragilizada!), é evidente que nos temos que preparar para

uma batalha, tendo em conta que temos o Representante da República que temos...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): Ele já disse.

**O Orador**:... e tendo em conta que temos problemas graves de futuro.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): E tendo em conta o Presidente da República que temos!

**O Orador**: Eu não tenho nenhuma dúvida que, tendo em conta a adoção desta medida, isto significa que para compensarmos os salários daqui para a frente, para compensarmos os cortes salariais que vamos ter que compensar na Região, se essa for a nossa opção política (e da parte do PPM eu já assumi esse compromisso), a verdade é que vamos ter aqui provavelmente mais uma batalha com o Representante da República e é evidente que vamos ter uma batalha no âmbito do Tribunal Constitucional.

Só espero que a leitura do Tribunal Constitucional continue a ser diferente e muito mais flexível do que foi, por exemplo, a leitura feita pela Sra. Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma quando aqui censurou, por motivos constitucionais, um Projeto de Resolução do PPM.

Eu fico muito aborrecido quando sou censurado.

Eu devo dizer que espero (tenho essa esperança) que a leitura constitucional seja uma leitura democrática e uma leitura muito mais aberta em relação às competências do autogoverno dos Açores.

Espero que da parte do Tribunal Constitucional exista essa perceção, e já agora do Sr. Representante da República, em relação a esta questão. Que, depois do que aconteceu no Tribunal Constitucional, daquilo que passou por cima do último acórdão do Tribunal Constitucional, o Sr. Representante da República já tenha alguns cuidados em relação à argumentação que desenvolve.

Mas, pronto, não quero fazer futurologia, mas a aprovação desta iniciativa e o compromisso político que lhe é adjacente anunciam aqui uma batalha do ponto de vista constitucional com alguns órgãos centralistas, nomeadamente o Representante da República.

**Presidente**: Muito obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Vice-Presidente tem a palavra.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Foi levantada aqui a questão de que o Governo dos Açores não procedeu ao processo de negociação e o que o Governo da República procedia a esse mesmo processo de negociação coletiva quando era matéria de carácter laboral no âmbito da Administração Pública.

É preciso, pois, dizer que o Parlamento não faz negociação coletiva...

**Deputado Joaquim Machado** (*PSD*): Ah, não faz. Disse há pouco que era competência da Assembleia!

**O Orador:** ... nos termos da própria lei que a define, a Lei 23/98, de 26 de maio.

“É preciso lembrar que este diploma nacional, esta Lei 23/98, está estruturado numa lógica nacional em que o poder legislativo é exercido pelo Governo da República, quer pela Assembleia da República, circunstância que não ocorre nas Regiões Autónomas, como os senhores sabem (...) porque nas Regiões Autónomas o poder legislativo está constitucionalmente apenas consagrado e atribuído às Assembleias Legislativas e não ao Governo dos Açores que tem apenas um poder regulamentar”, por isso o Governo dos Açores não tem competência para a negociação coletiva.

Acabei de ler a intervenção, nesta Assembleia, do Sr. Deputado do PSD, Pedro Gomes, no dia 22 de setembro de 2010.

O que quer dizer que o PSD entrou aqui nesta matéria numa enorme incoerência entre o que sempre defendeu nesta Assembleia e está aqui expresso no Diário das Sessões desta Casa.

Portanto, se alguém está totalmente desorientado é o Partido Social Democrata.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Sr. Deputado Joaquim Machado tem a palavra. Tem apenas dois minutos.

(\*) **Deputado Joaquim Machado** (*PSD*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A posição do PSD é muito clara. A Lei 23/98 obriga à negociação coletiva das matérias que nós aqui já anunciamos e que a própria lei determina.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Já se contradizem eles próprios!

**O Orador:** Quem está desorientado, e a desorientação é tão grande que até se refugia numa posição anterior do PSD, é o Governo Regional, que já disse aqui uma coisa e o seu contrário. Já disse que a Assembleia tinha competência para fazer a negociação coletiva e acabou por dizer exatamente o contrário.

Tudo isso, porque há um problema de consciência: o Governo não cumpriu a Lei 23/98 e isso é um vício processual do qual este Governo não se livra.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Vocês entendam-se! Qual é a vossa posição? Esta agora ou a outra antes?!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

A Mesa não tem mais inscrições.

Sr. Deputado Paulo Mendes tem palavra.

**Deputado Paulo Mendes (BE):** Sra. Presidente, para solicitar à Mesa um intervalo regimental.

**Presidente:** É regimental. Regressamos às 17 e 20.

*Eram 17 horas e 05 minutos.*

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos recomeçar os nossos trabalhos.

*Eram 17 horas e 43 minutos.*

Sras. e Srs. Deputados, tínhamos concluído o debate sobre este ponto.

Vamos então passar à votação na generalidade desta Proposta de Decreto Legislativo Regional.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** A Proposta de DLR foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora à votação na especialidade.

Está à votação o artigo 1.º da proposta.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Para o artigo 2.º coloco à votação uma proposta de alteração apresentada pelo PSD.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

A Sra. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de alteração anunciada foi rejeitada com 29 votos contra do PS, 17 votos a favor do PSD, 1 voto a favor do PCP, 1 voto a favor do PPM, 3 abstenções do CDS-PP e 1 abstenção do BE.

**Presidente:** Vamos então votar o artigo 2.º da proposta.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

A Sra. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado com 29 votos a favor do PS, 3 votos a favor do CDS-PP, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PCP, 1 voto a favor do PPM e 17 abstenções do PSD.

**Presidente:** Para o artigo 3.º existem duas propostas de alteração.

A primeira que está à votação é a do Bloco de Esquerda.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

A Sra. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de alteração foi rejeitada com 29 votos contra do PS, 17 votos a favor do PSD, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PCP, 1 voto a favor do PPM e 3 abstenções do CDS-PP.

**Presidente:** Está então agora à votação a proposta de alteração para este mesmo artigo apresentada pelo PSD.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

A Sra. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de alteração anunciada foi rejeitada com 29 votos contra do PS, 18 votos a favor do PSD, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PPM, 3 abstenções do CDS-PP e 1 abstenção do PCP.

**Presidente:** Está então agora à votação o artigo 3.º da proposta.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado com 29 votos a favor do PS, 3 votos a favor do CDS-PP, 1 voto a favor do PPM, 18 votos contra do PSD, 1 voto contra do BE e 1 voto contra do PCP.

**Presidente:** Está agora à votação a proposta de aditamento apresentada pelo PCP, artigo 3.º-A.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de aditamento foi rejeitada com 29 votos contra do PS, 19 votos a favor do PSD, 3 votos a favor do CDS-PP, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PCP e 1 voto a favor do PPM.

**Presidente:** Está agora à votação o artigo 4.º da Proposta de DLR.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Votação final global.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** Em votação final global a Proposta de DLR foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

O Sr. Deputado Aníbal Pires pede a palavra para?

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Para uma declaração de voto.

**Presidente:** Tem a palavra, Sr. Deputado.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A Representação Parlamentar do PCP deu o seu apoio a esta iniciativa do Governo, uma vez que ela cumpre o facto de se regressar à matriz original da remuneração complementar, mas fica por resolver uma questão que para o PCP é fundamental. Tem a ver com a oportunidade perdida de repor uma injustiça que se teve em vigor durante cinco meses. Isto é, o facto daquilo que hoje acabamos de revogar ter sido motivo de subtrair aos trabalhadores da Administração Pública o valor correspondente aos ganhos em trabalho extraordinário no valor da remuneração complementar.

A Representação Parlamentar do PCP vai continuar a utilizar todos os instrumentos regimentais que tem à sua disposição para que esta injustiça, que foi feita aos trabalhadores da Administração Pública Regional, possa ser corrigida e que o dinheiro que lhes foi subtraído possa vir a ser pago, repondo assim justiça e pondo fim àquela que foi uma discriminação entre quem trabalhou a mais e não recebeu pelo seu trabalho.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Joaquim Machado para uma declaração de voto tem a palavra.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PSD votou favoravelmente a fixação de uma remuneração complementar enquanto instrumento para atenuar a diferença do nível do custo de vida nos Açores em relação ao continente, os chamados custos de insularidade.

Tanto assim é que trouxemos aqui uma proposta de alteração a qual fixava muito claramente o universo dos beneficiários, isto é, para além dos trabalhadores em funções públicas na Administração Regional e Local, também os trabalhadores do Setor Público Empresarial Regional, do Setor Empresarial Local e Intermunicipal.

Infelizmente o Partido Socialista, apesar de em sede de comissão o Sr. Deputado Francisco César se ter comprometido a apresentar uma proposta que suprisse a falta, nomeadamente das empresas do Setor Empresarial Local e Intermunicipal, o certo é que, tendo a proposta do PSD sido chumbada, esses trabalhadores do Setor Empresarial Local, bem como das Empresas Intermunicipais, ficam excluídos desta remuneração complementar.

Além disso, nos termos em que o artigo 3.º foi aprovado, também fica na alçada discricionária do Governo a possibilidade de atribuir ou não a remuneração complementar aos trabalhadores do Setor Público Empresarial Regional, bem como do seu valor, das empresas abrangidas e do momento em que entrará em vigor esta remuneração complementar para os trabalhadores de todos esses setores.

Não podíamos também, apesar do nosso voto favorável, deixar de sublinhar que o Governo Regional não cumpriu a lei na parte em que estava obrigado a fazer a negociação coletiva.

Em síntese, o PSD é a favor da remuneração complementar, mas é contra a discriminação de trabalhadores e a passagem do “cheque em branco” ao Governo como aqui aconteceu.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Rogério Veiros para uma declaração de voto tem a palavra.

(\*) **Deputado Rogério Veiros (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Partido Socialista apresenta aqui esta alteração que tem por objetivo manter a estabilidade e o rendimento das nossas famílias e, sobretudo, dos nossos funcionários públicos na Região.

Enquanto em Lisboa se retira rendimento às famílias, nós, aqui, repomos.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Não é verdade!

**O Orador:** É para isso que nós utilizamos a autonomia, é para proteger a nossa economia, para proteger os açorianos.

Relativamente àquilo que foram os compromissos assumidos em sede de Comissão de Economia, foi de se estudar a eventual necessidade de se proceder a alterações.

O Partido Socialista entendeu que não eram necessárias alterações ao diploma inicial.

Obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Vamos então avançar com os nossos trabalhos.

Entramos no ponto cinco da nossa Agenda: **Projeto de Resolução n.º 19/X – “Estudo sobre as potencialidades da Base das Lajes”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Para apresentação do diploma tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

**Deputado António Ventura (PSD):** Exma. Senhora Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A localização dos Açores no planeta assume uma condição que tem despertado a atenção da “política geográfica” global, motivo pelo qual estamos referenciados no mapa-mundo por grandes potências, blocos ou grupos de Países, como fazendo parte de uma atual ou futura estratégia.

Desta constatação, também nasceu o Acordo de Cooperação e Defesa entre a República Portuguesa e os Estados Unidos da América, Técnico e Laboral que tem proporcionado nos Açores e, em particular, na Ilha Terceira, a criação e manutenção de várias centenas de postos de trabalho.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E ainda o é!

**O Orador:** Uma presença militar que tem 70 anos de idade e que se caracteriza por uma relação amigável e de bem-estar entre povos, tendo, inclusive, influenciado modos e hábitos culturais e desportivos na Ilha Terceira.

Este acordo, acima de tudo, materializa as vantagens do papel estratégico que os Açores desempenham no quadro transatlântico, afirmando Portugal e projetando os Estados Unidos no mundo.

Os Açores configuram, assim, um relevante e insubstituível epicentro na geopolítica internacional.

Sras. e Srs. Deputados, os Estados Unidos da América comunicaram a Portugal a sua intenção de alterar a forma como tem vindo a ser utilizada a Base das Lajes, designadamente, com a redução dos contingentes de trabalhadores Portugueses e de forças militares norte-americanas.

Esta disposição tem merecido grande preocupação da população da Ilha Terceira, sobretudo no que se refere às consequências sociais e económicas locais.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Consequências que já se fazem sentir pela diminuição do número de civis norte-americanos e, como tal, verifica-se uma quebra significativa no aluguer de casas, na aquisição de serviços e no consumo de bens o que tem implicado o desaparecimento de muitos postos de trabalho diretos e indiretos.

A deliberação unilateral dos Estados Unidos da América desperta-nos e alerta-nos para a forte dependência socioeconómica da Base militar e impele-nos a procurar e diversificar vias alternativas.

Importa, a este momento, reconhecer que a maior parte dos partidos políticos desta Casa, através do seus líderes e o próprio Governo Regional têm estado articulados e direcionados para uma “diplomacia ativa” perante a República, mas principalmente, no Senado dos Estados Unidos na tentativa de inverter ou mitigar esta decisão.

Todos rejeitamos a decisão como irreversível e por isso encontramos apoio político que já produziu, pelo menos, algum compasso de espera essencial neste processo.

O travão diplomático conseguido resulta de uma sensibilidade política de alguns protagonistas externos que evoluiu para a procura de justificações e ganha contornos de relacionamento históricos.

O PSD/Açores, consciente das virtudes e problemáticas da Base das Lajes tem vindo a envolver este Parlamento neste tema de superior interesse, mesmo antes de ser conhecida a determinação dos Estados Unidos.

Recordo, por exemplo, a proposta de criação de uma Comissão Eventual, na última legislatura, para avaliar o real impacto do acordo, mas igualmente o Grupo Parlamentar do PSD/Açores apoiou outras iniciativas de outras forças políticas para que esta Assembleia se manifestasse na defesa de tão importante tema.

O Parlamento Regional continua a acompanhar a situação da Base das Lajes através da Comissão de Política Geral, procedendo a diversas audições e contactos e, em todas as ocasiões, sempre manifestando a sua preocupação e exercendo a sua influência.

Agora é, preciso, dar um passo em frente, ir ao encontro de soluções pela compreensão de novas potencialidades para a Base das Lajes. Um passo conjunto e inadiável, mas proposto por esta Assembleia, como suprema atitude política na defesa dos Açores.

Isto não significa que não estejam a ser procuradas alternativas ou programas que possam atenuar a vontade dos Estados Unidos, isto significa que a Assembleia assume uma nova responsabilidade na sua envolvimento.

É, pois, neste sentido, imprescindível estudar novas possibilidades de valências e funcionalidades para a Base das Lajes, e toda a estrutura que lhe é inerente, como o respetivo porto marítimo, de modo a constituir um polo de emprego na Ilha Terceira, contribuindo assim para o desenvolvimento económico dos Açores.

Potencialidades que podem resultar de novas inquietudes e carências a uma escala global adotando dimensões como a humanitária, as científicas, as ambientais, as de segurança e vigilância do atlântico, as económicas, como seja a abertura do canal do Panamá e o previsível aumento de tráfego marítimo, e na esfera da NATO e da ONU.

Identicamente podem surgir possibilidades no âmbito da União Europeia, aliás, naquela que deve ser a “identificação prática” e não apenas formal dos Açores

como fronteira da Europa, designadamente nos vários acordos comerciais multilaterais e bilaterais.

Em especial, depositamos grandes expectativas no acordo de Livre Comércio que está a ser negociado entre os Estados Unidos da América e a União Europeia.

A este propósito, interessa não esquecer que a Base das Lajes é o centro de uma Zona Económica Exclusiva (ZEE), onde circula, atualmente, cerca de 53% do comércio externo da União Europeia.

Não menos verdade é o facto da instabilidade existente nalguns pontos do globo poder vir a devolver o interesse militar na Base das Lajes, como na Ucrânia, na Síria, no Iraque, nas questões de segurança no Norte de África, entre outras.

Certo é que devemos procurar soluções alternativas independentemente da evolução militar da Base das Lajes, até porque os Açores garantem uma multiplicidade de espaços e ligações que não podem cair no subaproveitamento.

Certo é também, que para além das evidências de circunstância e de “oportunidades de hora” devemos ser capazes de agir na construção de um Conceito Regional Estratégico que proporcione uma linha de orientação e atuação.

A centralidade atlântica do Arquipélago materializada nos benefícios do tempo e do espaço, fundamenta uma maior atenção da política regional.

Temos para o efeito, as prerrogativas da Autonomia para criar um posicionamento político próprio de futuro, que evite o isolamento e permita estabelecer as nossas vantagens geopolíticas e geoestratégicas.

Participamos na primeira globalização, fomos capital administrativa dos oceanos, centro de abastecimento do Atlântico e proteção militar das rotas marítimas. Seguiram-se e seguem-se outras globalizações, e para não perdermos a chamada necessitamos de previsibilidade e diplomacia.

Sra. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

É de todo útil compreender as novas oportunidades internas e externas que a Base das Lajes pode proporcionar, tendo em conta as capacidades estruturais que detém.

Para isso estamos todos convocados para permanecermos dinâmicos e presentes: Governo da República, Governo Regional, Autarquias Locais, Fundação Luso Americana e demais parceiros sociais.

Convocados de forma esforçada, permanente e douradora para fazer uso de todos os instrumentos e meios institucionais para a defesa dos interesses da Região.

Disse.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

Sr. Deputado Paulo Mendes tem a palavra.

**Deputado Paulo Mendes (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Saudamos a abertura do PSD relativamente ao futuro da Base das Lajes.

*(Risos do Deputado Paulo Estêvão)*

Um futuro que não está limitado ao dogma da exclusividade belicista e aberto à utilização civil/comercial. Razão que nos leva a votar favoravelmente esta proposta.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** Da perspetiva do Bloco de Esquerda, a grande mudança operada, nos últimos anos, pelas designadas ‘forças vivas’ está na deslocação do paradigma da exclusividade belicista para uma utilização mista.

Apesar de tal mudança, consideramos que não é, de forma alguma, sustentável. A nossa suposição não se prende, somente, com a nossa posição de princípio de rejeição da utilização da Base como plataforma de agressão a outros países, mesmo em situações de total ilegalidade internacional, mas também com a impossibilidade prática de termos uma valência civil com presença militar.

Mais uma vez, estamos perante uma posição que procura a coexistência de duas realidades contraditórias: a presença militar/belicista ‘adormecida’ dos norte-americanos e a exploração comercial da Base das Lajes, apetecível pela sua posição geoestratégica.

É contraditório, pois a utilização militar/belicista ‘adormecida’ obedece, entre vários princípios, à garantia de não ocupação de um espaço, que há muito que deixou de ser soberano, para que outra potência militar o ocupe e à possibilidade de, a qualquer momento, possibilitar a projeção de forças militares, num cenário com interesse para os norte-americanos. É este último princípio que impedirá a exploração geoestratégica comercial da Base das Lajes.

Quem defende este paradigma, sabe que é uma forma de adiar uma solução, e por isso, contribuirá para o agravamento do problema.

Só assim se compreende, o porquê de logo no início das várias reuniões da Comissão de Política Geral, se ter partido do princípio, e passo a citar: ‘O Acordo de Cooperação e Defesa entre a República Portuguesa e os Estados Unidos da América, Técnico e Laboral, tem proporcionado aos Açores e, em particular, na Ilha Terceira, a criação e manutenção de várias centenas de postos de trabalho.’

Um princípio que não corresponde à verdade há pelo menos duas décadas. Porque desde aí, tem sido subvertido e transformou-se numa fonte de destruição de várias centenas de postos de trabalho.

Só assim se compreende a total subserviência, outrora mais explícita, mas agora mais implícita relativamente aos interesses belicistas da Administração norte-americana.

A subserviência é implícita, quando a Região enceta todos os esforços para se tornar apetecível, geoestrategicamente, aos olhos dos norte-americanos.

A subserviência é implícita, quando, por exemplo, o Deputado José San-Bento presta o seu apoio moral e solidariedade aos açorianos e açorianas e, especialmente, aos terceirenses, quanto à redução de trabalhadores na Base das Lajes e concentra toda a sua atenção na possibilidade, há muito desmontada, de termos um campo de treinos para caças na Base das Lajes. Já não é uma cassette, é uma grafonola.

Esperamos que este estudo contribua para a clarificação de soluções reais e que aponte caminhos fundamentados para aquilo que há muito, deveríamos ter. Um Plano B para a Base das Lajes. Em vez de, até para um Plano B, estarmos dependentes de grupos de empresários patrocinados pelos norte-americanos.

Obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Continuam abertas as inscrições. Sr. Deputado Félix Rodrigues tem a palavra.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta proposta do PSD confunde-se um pouco com uma proposta quase similar de estudo geoestratégico da importância da Base das Lajes. Portanto, é impossível distinguirmos uma coisa da outra.

Um estudo desta natureza é um estudo que deve ter um foco, deve ter uma preocupação e deve, por outro lado, ter uma discussão muito abrangente e uma tomada de decisão política que se quer ser pertinente.

É pena que na Região Autónoma dos Açores a Base das Lajes seja vista do ponto de vista de interesse apenas como sendo local onde se tem alguns postos de trabalho na Região.

Toda a gente sabe que já foram feitos vários estudos que demonstram que a Base das Lajes vale, em termos económicos, entre 8 a 12% da economia da Terceira.

Há uma pergunta que se coloca de imediato: qual é o valor exato da Base das Lajes no contexto nacional?

Curiosamente, quando fazemos essa pergunta, qual é o valor da Base das Lajes no contexto nacional, chocamos com limites materiais, à semelhança da constituição. Os limites materiais que aqui aparecem são a impossibilidade de termos acesso a informação que é militar.

Portanto, quando o nosso país decide que a Base das Lajes tem uma utilização militar, quando os Açores permitem que a Base das Lajes tem uma utilização militar, cinge-se quase exclusivamente aos postos de trabalho e há muito pouco para estudar.

No fundo, o que podemos estudar é a evolução ou a perda de postos de trabalho na Base das Lajes.

Também poderíamos estudar um pouco do comércio de consumo e quais são as estratégias adequadas para o comércio e consumo e aumentarmos esse comércio e consumo pelos americanos na Ilha Terceira e, por consequência, na Região Autónoma dos Açores.

Também era importante que a gente percebesse quanto ganhamos com a presença americana, quanto perdemos e o que é que fazemos quando perdemos, nomeadamente no que respeita à questão da poluição, em que não acreditamos nos resultados dos estudos americanos, porque não são credíveis, e gastamos dinheiro para fazer estudos mais credíveis que vêm demonstrar exatamente aquilo que os estudos americanos já demonstraram.

Ou seja, esse estudo, esse pensamento já devia ter sido feito pelo Partido Socialista. Não era necessário nenhuma recomendação para um estudo desta natureza. Isso quer dizer que o Partido Socialista, perante a alteração...

**Deputado José San-Bento (PS):** O Partido Socialista tem ideias claras sobre isso!

**O Orador:** ... sucessiva do que tem acontecido na Base das Lajes, quer em termos de postos de trabalho, quer em termos de negociações, em que evidentemente acontece que o utilizador da Base das Lajes desvaloriza o produto, só um estudo, só o conhecimento da nossa realidade e da nossa importância, permite criar valor acrescentado à Base das Lajes.

Já devíamos ter pensado num estudo, mas um estudo orientado para aquilo que queremos e balizado, evidentemente, pelas decisões políticas que tomámos, quer a nível nacional, quer a nível regional. Essas balizas são a ocupação militar ou não militar.

Não podemos de forma alguma dizer que não queremos militares na Base das Lajes, porque essa decisão não nos cabe em exclusivo.

Portanto, há aqui, de facto, tutelas que não podem ser retiradas da Base das Lajes sem uma decisão nacional.

Portanto, há, de facto, competências que são desta Assembleia Legislativa e há competências que são do Governo da República e que dificilmente...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Temos de dar graças a Deus pelos juristas não terem verificado qualquer inconstitucionalidade aí!

**O Orador:** ... conseguimos retirar porque não temos, que eu saiba, qualquer competência em termos autonómicos no que respeita à defesa. Não temos tutela nesta área!

Sendo assim, o estudo devia ser enquadrado entre os seus limites materiais e, por outro lado, é um estudo que já devia ter sido feito, apontando para cenários e evoluções.

A única coisa que podemos fazer aqui é efetivamente criar cenários e evoluções: se acontecer A, o que é que sucede? E o que é que é o B? Quais são os caminhos alternativos para que possamos reagir e possamos negociar?

Acho estranho que o Partido Socialista concorde com um estudo desta natureza quando teve oportunidade em 2008, quando teve vários relatórios ao seu dispor, que deram informações no sentido a seguir para encontrar argumentos que valorizassem a Base das Lajes e que não ficasse a Região apenas com o contributo económico dos postos de trabalho que são criados.

O que acontece é que não houve visão e permitiu-se, inclusivamente, que os americanos construíssem as suas próprias casas, provocando prejuízo à economia da Ilha Terceira.

Está na altura de pensarmos seriamente acerca da Base das Lajes e de termos bem presente por onde é que queremos ir e com que cenários é que jogamos. É

que não basta saber por onde queremos ir. É preciso perceber as evoluções nacionais e internacionais e a política nacional e internacional.

Entra aqui também um pouco de geoestratégia que é difícil de equacionar e de perceber a proposta do PSD quando tem também outra proposta de geoestratégia. Ou seja, isto podia ser perfeitamente agrupado nos dois projetos, em que um estudo e o outro se complementam.

Todavia, o conhecimento é fundamental se valorizarmos devidamente a Base das Lajes.

A pergunta mantém-se: quanto é que vale para Portugal a Base das Lajes?

Suponho que não vamos saber responder a esta pergunta com nenhum estudo.

**Deputado José San-Bento (PS):** Pergunte ao Sr. Vice-Primeiro-Ministro!

**O Orador:** O Sr. Primeiro-Ministro está sujeito...

**Deputado José San-Bento (PS):** Vice-Primeiro-Ministro!

**O Orador:** ... ao segredo do Estado e o que é militar é militar, como os senhores sabem. Está sujeito a segredo, a não ser que alteremos a Constituição e passe a deixar de haver segredo de Estado.

Isso quer dizer que as questões militares nos ultrapassam. Não temos competência para as discutir.

Portanto, é pertinente que se equacionem cenários e que tenhamos pelo menos presente um valor mais ou menos real, semi-virtual, da Base das Lajes que não são só postos de trabalho e poluição.

É preciso fazer o balanço disto com um estudo que precisa de equacionar essas várias perspetivas.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PPM vai apoiar e vai votar favoravelmente esta iniciativa, apesar de considerarmos que o estudo deve demorar para aí 3 ou 4 anos.

Consideramos que este não é o melhor *timing* para divulgarmos, junto das autoridades norte-americanas, que afinal até temos muitas alternativas e que conseguimos criar muitas alternativas.

Quando estamos num processo de negociação tão complexo, em que é necessário confrontar os americanos com as suas responsabilidades, tendo em conta aquela que é a pretensão norte-americana de reduzir o contingente militar, penso que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores não defende os nossos interesses se viermos a valorizar alternativas que diminuam a nossa posição negocial.

Por isso acho que sim, acho que se devem realizar estes estudos, mas estes estudos devem demorar o seu tempo e devem ser realizados com o *timing* adequado.

Considero que essa é a posição mais avisada e mais inteligente para respeitarmos aquela que é a inteligência que se deve ter na análise, na abordagem destes assuntos, porque a nossa preocupação aqui tem que ser defender os interesses da Região acima de tudo.

Segunda questão relacionada com este estudo da Base das Lajes. Eu também não tenho nenhuma dúvida e estou completamente à vontade,...

**Deputado José San-Bento (PS):** Não parece, Sr. Deputado!

**O Orador:** ... porque apoiei a eleição do Presidente Obama.

*(Risos dos Deputados das bancadas do PSD e do PCP)*

**O Orador:** Sim!

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Eu por acaso não!

**O Orador:** Tinha grandes expectativas em relação ao Presidente Obama. Considerei que foi um marco histórico na história dos Estados Unidos. Quem conhece a história dos Estados Unidos sabe que foi importante a eleição do Presidente Obama.

Agora, como evidentemente uma grande parte dos norte-americanos, estou profundamente desiludido.

Estou perfeitamente desiludido, porque a presença do Presidente Obama tem significado um desastre do ponto de vista da política externa, que é o que aqui nos interessa.

Do ponto de vista da política externa o Presidente Obama conseguiu destabilizar vários cenários internacionais.

Hoje, o mundo é muito menos seguro do que quando o Presidente Obama chegou ao poder.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** É verdade!

**O Orador:** Hoje, temos inclusivamente um califado medieval na Síria e no Iraque.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** É verdade!

**O Orador:** Tem tudo a ver, Sra. Presidente.

Temos a África do Norte absolutamente destabilizada, temos diversos cenários internacionais destabilizados (como por exemplo, até o próprio Afeganistão) neste momento, devido à forma como evolui o processo eleitoral.

Ou seja, neste momento os americanos já perceberam que a retirada parcial da projeção militar norte-americana criou o caos em muitas zonas do mundo.

Por isso eu considero que esta é a interpretação que se está a fazer também nos Estados Unidos e em muitos setores dos Estados Unidos.

É expetável o regresso de uma maioria republicana ao Congresso dos Estados Unidos. É expetável, meus senhores!

Daqui a uns meses vamos ter uma nova política externa nos Estados Unidos. Ninguém tenha, em relação a esta matéria, nenhuma dúvida.

As questões da defesa, as questões da política externa estão a ser reequacionadas nos Estados Unidos e uma nova maioria no congresso terá uma perspetiva diferente sobre a Base das Lajes, exatamente porque o cenário internacional demonstrou que a Base das Lajes continua a ter um papel fundamental, enquanto meio de projeção militar dos Estados Unidos da América.

A evolução do cenário internacional demonstrou claramente que a Base das Lajes continua a ser um local absolutamente fundamental, seguro e estável para a projeção do poder militar norte-americano.

Devo dizer, para terminar, o seguinte:

É incrível a posição do Bloco de Esquerda e do Partido Comunista nestes debates.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Eu não disse nada, Sr. Deputado!

**O Orador:** É incrível a projeção do PCP e do Bloco de Esquerda que, por um lado, quando recebem os sindicatos dos trabalhadores da Base das Lajes, se mostram muito preocupados com a redução dos trabalhadores portugueses na Base das Lajes. Por outro lado...

**Deputado André Bradford (PS):** Querem fechá-la!

**O Orador:** ... no dia seguinte, dizem aos americanos: os senhores têm que sair daqui e têm que despedir todos os trabalhadores da Base das Lajes.

Esta posição é absolutamente maniqueísta, é uma posição que os açorianos têm que obviamente condenar.

Meus senhores, a vossa posição de estar contra a diminuição, mas a favor do despedimento de todos os trabalhadores, porque as vossas ações implicariam isso, é algo que tem que ser dito nesta Assembleia e a vossa posição absolutamente hipócrita sobre esta matéria tem que ser desmascarada.

**Deputado André Bradford (PS):** Hipócrita, politicamente!

**O Orador:** Estamos na altura de dizer com frontalidade a verdade, ao PCP e ao Bloco de Esquerda. Acabou o tempo da hipocrisia, meus amigos (meus senhores)!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Amigos?!

**O Orador:** Amigos e adversários políticos, não pode ser?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Amigos?!

**O Orador:** Amigos, amigos! Amigos e adversários!

Devo dizer que em relação a esta matéria a vossa hipocrisia tem que ser desmascarada.

Vou deixar mais alguns segundos para a réplica.

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Aníbal Pires tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Para grande desilusão do Deputado do PPM, o PCP irá votar favoravelmente esta iniciativa do PSD.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** É hipocrisia!

**Deputado Bruno Belo (PSD):** Vai deixar o Partido Socialista sozinho!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Quem diria que o PSD conseguiria congrega toda a gente!

**O Orador:** Aliás, há aqui algum tipo de discurso, que foi ouvido sobre esta matéria, que me parece completamente despropositado.

Diz assim, a iniciativa resolutiva do PSD:

“A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores resolve, nos termos constitucionais e estatutários aplicáveis, alertar e recomendar ao Governo Regional que proceda a um estudo, envolvendo o Governo da República, as Autarquias Locais e demais parceiros sociais, que faça o levantamento e identifique as potencialidades da Base das Lajes principalmente no âmbito do desenvolvimento socioeconómico.”

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E o Obama não está aí?

**O Orador:** É que nem aqui está o Sr. Presidente Barack Obama, nem aqui está nenhuma alusão às questões de ordem militar.

A preocupação do PSD parece-me outra.

Já disse e volto a reiterar que darei o meu apoio a esta iniciativa do PSD.

Agora há aqui uma questão que eu não posso deixar de referir, até porque uma vez mais o Deputado Paulo Estêvão...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sr. Deputado!

**O Orador:** ... veio fazer uma demonstração da sua incomensurável ignorância sobre o que é o PCP e sobre aquilo que são as posições do PCP.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não me diga que não defende a saída da NATO, senão eu li os manuais todos errados. Afinal não li os *dossiers* todos!

*(Risos do Deputado Artur Lima)*

**O Orador:** V. Exa. nunca leu os manuais.

Depois, V. Exa. tem uma memoriazinha assim...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não, não tenho! Tenho é muita memória!

**O Orador:** É assim a sua memória! Porque V. Exa. esqueceu-se que na Legislatura anterior foi consensualizada uma posição, a partir inicialmente de uma iniciativa do PCP, sobre a Base das Lajes, que depois foi secundada por uma proposta sua, e que depois houve mais propostas e entretanto foi consensualizada. Não foi unânime, mas foi consensualizada.

É engraçado, Sr. Deputado Paulo Estêvão, que foi consensualizada entre o PSD, o CDS, o PCP e o PS.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** O PPM ficou de fora!

**O Orador:** Ficou de fora! É verdade, Sr. Deputado.

Veja-se! A sua memória nem sei se é assim... se é assim.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Vou-lhe dizer como é a minha memória!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Defesa da honra!

**O Orador:** Mas, Sr. Deputado, eu gostaria ainda de lhe lembrar outros contributos. É evidente que eu não posso, porque não sou o autor, fazer alteração a este Projeto de Resolução, mas lembraria (está aqui no Diário da República, I<sup>a</sup> Série, de 13 fevereiro de 2013) a Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores nº 6/2014/A, que “Recomenda ao Governo da República a abertura de uma Delegação da Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento na Ilha Terceira e o reforço no investimento da Fundação na Região Autónoma dos Açores”. Foi aprovada por unanimidade.

Quem é que foi o autor?... Quem é que foi o autor?... Foi o PCP!

Portanto, acho que V. Exa. não tem é memória.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, é para um protesto.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Protesto?

**Presidente:** Protesto, às declarações do Sr. Deputado Aníbal Pires.

**O Orador:** Exatamente.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Tem razão!

**Presidente:** Tem a palavra, Sr. Deputado.

**O Orador:** Eu tenho memória, Sr. Deputado. Eu lembro-me do apoio do PCP ao Regime da Coreia do Norte. Alguém se lembra?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Eu lembro-me!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não foi tão longínquo assim!

**O Orador:** Penso que alguém se deve lembrar.

Eu lembro-me do PCP a defender (e defende ainda!) a saída da NATO! Ou será que o Sr. Deputado é que tem falta de memória?

Eu lembro-me do apoio do PCP à invasão da Hungria!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E um Voto de Congratulação ao Kim Yung-Sum!

**O Orador:** Eu lembro-me do apoio do PCP à intervenção na Checoslováquia!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Isso já não é memória, é uma enciclopédia!

**O Orador:** Não! É muita memória.

Sabe que quem estuda História adquire muita memória, mesmo daquilo que não viu, mas daquilo que obteve conhecimento através da História.

Portanto, Sr. Deputado, eu tenho muita memória e tenho memória de que o PCP é contra a presença de Portugal, e portanto, dos Açores, na NATO, que constitui uma aliança a favor da democracia, da liberdade, contra uma ameaça que o senhor apoiava que era o Pacto de Varsóvia, que pretendia exportar o comunismo para as democracias ocidentais.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** E os *gulags*!

**O Orador:** Sr. Deputado, lembramo-nos bem.

Eu tenho memória em relação à ditadura soviética que o Partido Comunista Português queria implementar em Portugal também e que todos estes partidos que aqui estão, com exceção do Bloco de Esquerda, combateram em 1975.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Apoiado!

**O Orador:** Memória quem não tem é o senhor!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Aníbal Pires, para um contraprotesto tem dois minutos.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Obrigado, Sra. Presidente.

O protesto é muito simples. É para contra-protestar pelo facto de um Deputado, eleito na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, protestar relativamente a quem está a defender os interesses da Região.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não, não!

**O Orador:** V. Exa. protestou, porque o Deputado do PCP está a defender os interesses da Região. Para isso, V. Exa. teve de sair do Faial,...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Mas não saí da ideologia do Partido Comunista!

**O Orador:** ... teve de sair dos Açores e de Portugal.

V. Exa. saiu e foi buscar os exemplos mais espúrios. Sabe porquê, Sr. Deputado?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Porque tenho memória!

**O Orador:** É que V. Exa. para além de ter a memória curta...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não me diga que vou ter que protestar outra vez!

**O Orador:** ... faltou-lhe uma outra coisa: faltaram-lhe os argumentos!

Aquilo que estamos a discutir aqui é uma iniciativa do PSD que tem a ver com a defesa dos interesses dos Açores na promoção de um estudo...

**Presidente:** Tem que terminar, Sr. Deputado.

**O Orador:** Vou já terminar, Sra. Presidente.

... que potencie e valorize a Base das Lajes, onde não há sequer na parte resolutiva nenhuma alusão à componente militar.

Mais. O PSD valoriza as questões socioeconómicas.

V. Exa., na intervenção que fez...

**Presidente:** Sr. Deputado, tem que terminar.

**O Orador:** ... pressupôs que a posição do PCP iria ser outra.

Pois, como viu enganou-se redondamente. Não só não sabe prever qual vai ser a posição dos seus adversários políticos, como tem a memória curta e não tem argumentos.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Berto Messias tem a palavra.

(\*) **Deputado Berto Messias (PS):** Muito obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu não quero intrometer-me neste diálogo, sempre interessante, entre o PPM e o PCP. No entanto, gostaria de participar no debate para manifestar aquela que é a posição deste Grupo Parlamentar relativamente a esta proposta do PSD e também tecer algumas considerações sobre a questão que está aqui em discussão e sobre a questão mais abrangente que é o impacto da alegada e anunciada redução do contingente militar norte-americano na Base das Lajes.

Esta é uma questão que não surgiu agora, nem é sequer discutida aqui pela primeira vez.

Como se sabe, a questão da Base das Lajes e desta alegada e possível redução já foi aqui amplamente debatida, já foi aqui amplamente abordada e sobre a qual também já resultaram documentos, na nossa perspetiva, muito pertinentes e muito relevantes, contributos muito importantes sobre esta matéria e sobre as estratégias de amenização do impacto desta redução na Praia da Vitória, na Ilha Terceira e nos Açores.

Já ouvimos sobretudo o Sr. Deputado Paulo Estêvão, o Sr. Deputado Aníbal Pires e também o Sr. Deputado Félix Rodrigues, a abordar (e naturalmente também é importante) a questão militar, mas na nossa perspetiva, o centro e ponto fulcral da abordagem a esta matéria deve ser a questão diplomática e deve ser também a questão relativa ao impacto socioeconómico desta redução na

Praia da Vitória, na Ilha Terceira e nos Açores, que tem, como se sabe, um peso significativo.

Aliás, segundo números recentes da Câmara de Comércio de Angra do Heroísmo, que estou certo são do conhecimento de todos, estaremos a falar de um impacto direto e indireto de cerca de um terço do PIB da Praia da Vitória e de cerca de 10% do PIB da Ilha Terceira.

Esta é, portanto, uma matéria de enorme relevância, que diz muito à Praia da Vitória, à Ilha Terceira, aos Açores e às pessoas que são atingidas diretamente por esta questão devido aos postos de trabalho que têm naquela Base, mas também de toda a economia que é gerada relativamente à aquisição de bens e serviços, à contratação de serviços feitos pela Base.

Tem suscitado, como já disse, uma ampla discussão e um amplo trabalho relativamente a esta matéria, de variadíssimas instituições, da Câmara Municipal, da Assembleia Municipal, da Câmara de Comércio, da Comissão de Trabalhadores, deste Parlamento e de todos os partidos políticos.

Volto a dizer, temos já hoje muito trabalho produzido, também por esta Casa, relativamente a esta matéria.

Recordo-me, por exemplo, do trabalho extenso e muito importante que foi feito por uma Comissão Eventual deste Parlamento; recordo-me também do consenso e do compromisso que foi construído quando surgiram as primeiras notícias relativamente a esta matéria, um trabalho feito por todos os partidos.

Portanto, do ponto de vista daquelas que devem ser as linhas orientadoras a ter em conta para amenizar o impacto desta redução na Base das Lajes, temos já hoje um conjunto de questões que têm sido tidas em conta pelo Governo dos Açores, que têm sido (acredito!) tidas em conta pelo Governo da República.

É certo que o Governo da República teve aqui altos e baixos na abordagem a esta questão.

Quando era Ministro dos Negócios Estrangeiros o Ministro Paulo Portas, reconhecemos o empenho, enfim, permanente sobre esta questão.

Acreditamos e sabemos que depois houve (digamos) uma redução desse empenho quando tomou posse o Sr. Ministro Rui Manchete, porque estaria

preocupado, no âmbito da política externa, com questões mais africanas do que as relações com os Estados Unidos, mas parece-nos que tudo está a ser devidamente recentrado agora e esta questão, na nossa perspetiva, tem tido algumas evoluções positivas, sendo certo que todos nós (os partidos políticos, o Governo dos Açores, e também as forças vivas da Ilha Terceira e dos Açores) temos que continuar vigilantes no trabalho de influência e de *lobby* permanente que tem que continuar a ser feito sobre esta matéria.

Não posso também deixar de referir e de realçar, quando se aborda esta questão, o trabalho diplomático que tem sido desenvolvido e liderado pelo Presidente do Governo dos Açores junto do Congresso Norte-Americano, sobre esta questão, e junto de outras entidades e individualidades com ligações até afetivas, se quisermos, aos Açores, junto das quais tem sido feito uma influência e um *lobby* permanente sobre a importância da Base das Lajes e dos impactos socioeconómicos daquela Base, para a Praia da Vitória, para a Ilha Terceira e para os Açores.

Permitam-me dizer o seguinte:

Julgamos que se hoje não existiram despedimentos na Base das Lajes isso deve-se em grande medida também à ação diplomática que tem sido feita e liderada pelo Presidente do Governo dos Açores.

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Todos se recordarão que foi anunciado em dezembro de 2012 que a primeira leva de despedimentos seria em abril de 2014. Felizmente ainda não aconteceram quaisquer despedimentos.

Portanto, resta-nos continuar com esperança de ser possível bloquear os impactos dessa redução e continuar a trabalhar para amenizar essa situação.

Também devo dizer o seguinte:

Nós vamos aprovar esta proposta,...

**Deputado António Ventura (PSD):** Não parece!

**O Orador:** ... mas parece-nos fundamental que na evolução que tem acontecido nas pronúncias públicas dos partidos políticos dos Açores relativamente a esta matéria, nas tomadas de posição públicas e nos documentos

produzidos pelos órgãos de governo próprio dos Açores, possamos manter e aprofundar a credibilidade que todos temos conseguido no âmbito deste processo.

Recordo-me, por exemplo (e estão aqui vários Deputados que participaram nesse processo), da resolução conjunta que elaborámos nesta Casa na anterior Legislatura. Eu fiz parte da comissão de redação, eu, o Deputado Artur Lima, o Deputado Clélio Meneses (na altura) do PSD, o Deputado Aníbal Pires.

Construímos uma resolução e um documento, com vários pontos muito concretos, que abordam aquelas que devem ser as valências alternativas para a Base das Lajes, também fora do seu âmbito militar, quer ao nível daquilo que pode ser feito através da utilização daquela Base pela NATO, mas também da abordagem e do aprofundamento de possíveis valências, até civis, para aquela Base.

Tivemos nessa altura, também da parte do PSD, um importante contributo do Deputado Clélio Meneses na elaboração desse documento, um documento que me parece pertinente, consistente, programático e politicamente consistente e é fundamental que possamos manter esse registo de consistência política e de credibilidade.

Isto para dizer o seguinte:

Apesar do Partido Socialista ir aprovar esta questão (volto a dizer), temos muito trabalho produzido neste Parlamento sobre esta matéria.

Devo dizer também (permita-me a crítica, a bancada do PSD) que me parece muito abstrato que, numa matéria deste tipo e nesta altura do campeonato, seja proposta uma resolução que diz “resolve recomendar que se faça um estudo “envolvendo o Governo da República, as Autarquias Locais e demais parceiros sociais, que faça o levantamento e identifique as potencialidades da Base das Lajes...””.

Parece-me que estamos já noutra patamar e que todos nós, em conjunto, conseguimos, ao longo dos últimos tempos, construir uma base programática com uma consistência que julgo que não se coaduna com a superficialidade daquilo que é aqui proposto...

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Onde é que está esse estudo estratégico, Sr. Deputado?

**O Orador:** ... com a agravante (porque eles estão também atentos àquilo que nós fazemos e à forma como nós nos pronunciamos, ou nos entendemos ou nos desentendemos, relativamente à questão da Base das Lajes) de, ao mesmo tempo que está esta proposta na Comissão de Política Geral, estar também outra proposta que prevê analisar o posicionamento geoestratégico e geopolítico dos Açores na Comissão de Economia.

Parece-me (é também um contributo que o PS deixa sobre esta matéria), apesar de nós aprovarmos esta proposta, que é fundamental que numa matéria deste tipo, com esta complexidade, numa matéria sobre a qual as autoridades norte-americanas e as autoridades portuguesas estão muito atentas àquilo que se passa na Praia da Vitória, na Ilha Terceira e nos Açores e a todas as discussões que são feitas em torno desta matéria (e todos os partidos têm também a obrigação de construir consensos à volta deste assunto), todos contribuam ativamente para a manutenção e o aprofundamento da credibilidade e da consistência política e programática das nossas propostas.

Disse.

**Deputados José San-Bento e Miguel Costa (PS):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Se eu fiz a intervenção que fiz em relação à posição hipócrita do Partido Comunista e do Bloco de Esquerda, é porque considero que os tempos políticos exigem uma posição de clarificação das consequências das posições que assumem o PCP e o Bloco de Esquerda.

A extrema-esquerda, em toda a Europa, cresce. Em Espanha tem crescido significativamente. O Partido Socialista espanhol passou de 40% para 20%.

Em Portugal o Partido Comunista cresce como nunca nos últimos anos, mas é importante que as pessoas percebam que esse voto de protesto tem consequências e é um voto que significa que há partidos que têm posições absolutamente populistas sobre estes temas e posições absolutamente hipócritas, meus senhores.

Na Base das Lajes eu considerei que este era o momento de desmascarar a posição hipócrita do PCP e do Bloco de Esquerda sobre esta matéria, porque, quando vêm defender os trabalhadores da Base das Lajes, ao mesmo tempo mantêm nos seus programas políticos a saída da NATO e a saída da presença militar norte-americana na Base das Lajes.

**Presidente:** Sr. Deputado, não vamos manter-nos nessa linha de debate.

Peço-lhe que...

**O Orador:** Sra. Presidente, eu vou explicar-lhe a linha de debate.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, isto é inadmissível!

**O Orador:** De acordo com a liberdade de expressão do PPM, consideramos que não faz sentido nenhum fazer qualquer tipo de projeção económica e social sem ter em conta a presença militar norte-americana, Sra. Presidente.

Esta é a minha linha de abordagem deste tema.

**Presidente:** Mas não era isso que o Sr. Deputado estava a dizer.

**O Orador:** Sra. Presidente, eu não posso deixar de falar na posição do PCP.

Eu considero que é fundamental no debate político clarificar as consequências das posições dos partidos. Quando se defende a saída da moeda única, quando se defende o final da presença militar norte-americana na Base das Lajes, essas opções têm consequências.

Por isso é necessário que estes partidos sejam confrontados com a sua hipocrisia, porque o Sr. Deputado Aníbal Pires não me vem aqui dizer que a sua posição irá prevalecer no Comité Central do PCP.

Já estou mesmo a ver. O Sr. Deputado Aníbal Pires chega ao Comité Central (do qual não faz parte,...

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Então pronto!

**O Orador:** ... ou seja, é um líder regional que não faz parte do Comité Central, ao contrário do anterior líder não faz parte, não entra na sala do Comité Central porque não faz parte, fica à porta) e diz assim: “meus senhores (e eu peço à comunicação social para tirar este título) nos Açores o PCP é a favor da presença militar norte-americana na Base das Lajes e da manutenção de Portugal na NATO. Nós temos uma posição diferente. E os senhores aqui no Comité Central...”

**Presidente:** Sr. Deputado, o seu tempo está a terminar.

**O Orador:** É a sua salvação, Sr. Deputado Aníbal Pires.

*(Risos da Câmara)*

Termino só com esta observação.

O senhor dirá: “não, não! Nós aqui, nos Açores, decidimos de uma forma muito independente e autónoma”.

Não é assim que funciona o PCP. Toda a gente sabe isso, Sr. Deputado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Mendes tem a palavra.

**(\*) Deputado Paulo Mendes (BE):** Obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Paulo Estêvão, já que falou de memória, que é necessário ter memória e de estarmos aqui num pingue-pongue entre quem tem pouca memória ou quem tem muita memória, a memória que eu tenho é de uma história de subserviência.

Eu não sei, à semelhança da preocupação demonstrada pelo Deputado Félix Rodrigues, o valor, quanto é que vale a Base das Lajes.

Eu coloco outra questão: quanto custa toda a política de subserviência relativamente à administração norte-americana e aos interesses da administração norte-americana na utilização da Base das Lajes, para satisfazer

os seus caprichos ou as suas políticas belicistas, não propriamente para manter a paz, mas se calhar para criar guerra em prol dos seus interesses económicos?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Mas essa é a luta dos trabalhadores da Base das Lajes!

**O Orador:** Calma! Tenha calma, Sr. Paulo Estêvão.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Eu não tenho calma!

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Deixe falar o Sr. Deputado!

**O Orador:** Tenha calma!

Corrija-me, por favor se eu estiver errado.

Na apreciação inicial ao Projeto de Resolução aqui apresentado pelo PSD, (pelo menos tirei essa conclusão, mas corrija-me se eu estiver errado)...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não posso!

**O Orador:** Sim, mas pode em aparte.

... no seu entendimento, este estudo dever-se-á prolongar no tempo?

Se for feito de imediato, se tivermos uma preocupação de acelerar todo o processo para concluirmos este estudo o quanto antes, e termos alternativas à utilização da Base das Lajes, então se calhar estaremos a incomodar o processo de negociação, se assim o fizermos. Não foi?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não! É muito mais complexo do que isso!

**O Orador:** Ah! Mas eu percebi isso. Eu pelo menos percebi isso.

Para mim isso é a prova de maior subserviência ainda, de querer não incomodar os Estados Unidos da América, nesta negociação com o Estado Português.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Os trabalhadores da Base das Lajes tiram dali o seu sustento e o das suas famílias!

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Deixe falar o Sr. Deputado!

**O Orador:** Mas admito que tenha percebido mal.

Esta política de dependência tem levado, sobretudo nas últimas décadas, à destruição de emprego e à destruição de empresas, enquanto não tivermos uma alternativa.

Acredito que sim, que queiram ter alternativas credíveis e para isso é que servem os estudos, como o estudo que é proposto pelo Grupo Parlamentar do PSD.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Qual é a alternativa?

**O Orador:** Agora, a demonstração de magnânima irresponsabilidade é não ter havido uma preocupação ao longo das últimas décadas de ter um Plano B para a utilização da Base das Lajes. Essa é que é uma demonstração de irresponsabilidade nunca vista.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Aprenda!

**O Orador:** Quanto àquilo que o Bloco de Esquerda defende relativamente à Base das Lajes, nós nunca defendemos que o contrato atualmente existente entre o Estado Português e o Estado Norte-Americano deva ser simplesmente rompido de um dia para o outro. Não é isso que defendemos.

Defendemos, sim, que deve ser estabelecido um período de moratória, em que nesse período de moratória se irá preparar todas as condições para que a Base das Lajes possa ser utilizada com outros fins.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Porquê? Qual o interesse?

**O Orador:** Mantendo, ou melhor, criando mais e melhor emprego.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não existe!

**O Orador:** Não existe Plano B...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** O Plano B é a defesa dos trabalhadores!

**O Orador:** ... porque nunca houve interesse em haver Plano B.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Há que apresentar o Plano B.

**Deputado André Bradford (PS):** Qual é o Plano B?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** O Plano B é a defesa das famílias dos trabalhadores dos Açores! Esse é que é o Plano B!

**O Orador:** A redução do contingente de trabalhadores é claro que não traz qualquer vantagem, antes pelo contrário, estamos a assistir à destruição de emprego, mas também a redução do contingente militar norte-americano na Base das Lajes de forma a manter uma Base adormecida, também não interessa a ninguém. E não é só o Bloco de Esquerda que defende isso.

Eu lembro-me que o Presidente da Câmara Municipal da Praia da Vitória chegou a dizer-me, e acho que também chegou a dizer publicamente, que uma base militar com poucos militares, com pouca utilização, que não dá emprego a quase ninguém, não interessa, que mais vale ser aproveitada para outras utilizações e, assim, criar mais emprego.

Quanto à história da NATO devo lembrar o Sr. Deputado que a NATO, em princípio, é uma aliança do Atlântico Norte, mas que atua se calhar em todo o lado menos no Atlântico Norte.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Oh senhor! O senhor não anda neste mundo!

**O Orador:** Que eu saiba, a NATO não é propriamente um clube de anjinhos e nem quem está fora da NATO ou quem defende a saída da NATO...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** É a China!

**O Orador:** ... deve estar da parte do império do mal.

Não há aqui posições extremas, ou estamos com a NATO ou estamos com a China! Não é assim que funciona o mundo.

Aliás, a retirada de Portugal da NATO não é uma posição exclusiva do Bloco de Esquerda. Há outras personalidades que o defendem, como por exemplo o Dr. Mário Soares.

Obrigado, Sra. Presidente.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** O Dr. Mário Soares?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Não, não. O Dr. Mário Soares foi um grande impulsionador da entrada da NATO!

**Presidente:** Sr. Deputado Aníbal Pires tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Apenas para reforçar a posição do PCP relativamente à questão da defesa dos interesses dos Açores e dos açorianos relativamente à questão da Base das Lajes.

O PCP tem dado os contributos que entende que deve dar na salvaguarda dos interesses da Região.

O PCP tem partido, não tem só líder.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Subsecretário Rodrigo Oliveira tem a palavra.

**(\*) Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas (Rodrigo Oliveira):** Sra. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Relativamente ao objeto desta discussão ao Projeto de Resolução que recomenda ao Governo que elabore um estudo sobre as potencialidades da Base das Lajes, gostaria de transmitir naturalmente a posição positiva por parte do Governo dos Açores e o acolhimento desta proposta, acolhimento este, desde logo, pela importância que este tema tem para a Região, para a Ilha Terceira e para o Concelho da Praia da Vitória, em particular, acolhimento positivo pelo relacionamento próximo que o Governo tem tido com esta Casa, com os líderes dos Grupos e Representações Parlamentares, com a Comissão de Política Geral muito em particular, acolhimento positivo, em suma, por tudo aquilo que nos move e que nos traz aqui, que é a defesa dos trabalhadores portugueses da Base das Lajes, do rendimento das famílias e da economia da Terceira.

O Governo dos Açores, naturalmente, que, a ser aprovado este Projeto de Resolução por esta câmara, como indiciam os debates que acabámos de ouvir, procederá à elaboração deste estudo, não apenas porque é o seu dever institucional, estatutário, regimental, mas acima de tudo pela prioridade absoluta que desde o primeiro momento a questão da reestruturação da Base das Lajes mereceu para o Governo.

Este estudo é perspectivado assim como um contributo, um contributo mais importante para uma ação que tem diversas dimensões, um contributo que tem o valor acrescentado de ter de contar também com a posição e o contributo do Governo da República, das Autarquias Locais e dos demais parceiros.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Com exceção do PPM!

**O Orador:** Esta é, portanto, uma dimensão mais de trabalho, mas que não pode ser entendida, e estou certo que não é essa a intenção dos propositores, nem foi

referido nesta câmara, uma qualquer desvalorização ou diminuição da intensidade e da prioridade absoluta da ação, não apenas do Governo, mas desta conjugação de vontades e de amigos dos Açores na nossa Região, no continente, nos Estados Unidos, em diversas dimensões e instituições e a níveis políticos, académicos e outros, na defesa das potencialidades da valorização da posição da Base das Lajes e do seu contributo.

Não pode ser entendido como uma menor valorização, uma menor intensidade desta ação prioritária no que diz respeito à ação diplomática junto dos decisores políticos dos Estados Unidos da América, no sentido de chamar a atenção para esta questão e, como já foi hoje referido, não fora esta ação diplomática junto dos decisores políticos norte-americanos e certamente que o debate que estaríamos a ter hoje aqui seria de um teor e de consequências absolutamente diferentes.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sr. Subsecretário, menos uma coisinha!

**O Orador:** É por isso fundamental e será continuado este trabalho junto de instituições e dos decisores políticos norte-americanos, junto dos órgãos executivos, junto do Governo da República para manutenção desta questão ao mais alto nível diplomático, mas também na exploração e nas diversas iniciativas que têm sido tomadas para a exploração das potencialidades e de outras valências que possam advir à utilização da Base das Lajes à Ilha Terceira e ao concelho da Praia da Vitória.

Esta é por isso uma ação determinada que conta com diversos intervenientes, que conta com a necessidade e o empenhamento de todos.

O Governo dos Açores naturalmente acolhe positivamente e de um modo empenhado a elaboração deste estudo no contexto de um conjunto de ações que na sua maioria são de teor reservado, mas que se têm manifestado ou têm sido fundamentais para aquele que é o ponto essencial da nossa ação conjunta: a valorização da Base das Lajes, a valorização da relação diplomática e histórica entre Portugal e os Estados Unidos, a responsabilidade norte-americana no caso de uma reestruturação profunda da Base das Lajes, responsabilidade pelas consequências económicas e sociais desta reestruturação, ao fim e ao cabo, o

interesse e a defesa dos Açores, da Ilha Terceira, da Praia da Vitória, dos trabalhadores portugueses, das famílias, do rendimento das famílias e da economia da Terceira.

O Governo dos Açores acolhe assim positivamente este contributo, nesta dimensão de multi ações no âmbito da defesa deste assunto.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Subsecretário.

A Mesa de momento não tem mais inscrições.

Não havendo vamos então passar à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O Projeto de Resolução foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Sr. Deputado António Ventura, para uma declaração de voto, tem a palavra.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Tomo a palavra porque o Grupo Parlamentar do PSD quer sublinhar a unanimidade conseguida à volta deste assunto, inclusive, e muito em particular, do PCP, que reconheceu efetivamente a importância deste assunto a outras dimensões sociais e económicas, que é fundamental alertar e ter em conta neste processo da Base das Lajes.

Este tema resulta de um trabalho que nunca pode parar nesta Casa. Em todas as legislaturas, em todas as sessões legislativas, o assunto é falado.

Este assunto é falado com contributos, com manifestações, com iniciativas, porque este é mais um contributo para um longo caminho que tem que ser feito, porque o processo não vai a meio. O processo está no início e há muito a fazer em termos de diplomacia, em termos de *lobby* e em termos de empenhamento pessoal, quer de cada um dos Deputados desta Casa, quer perante os seus Grupos Parlamentares, quer mesmo o Governo Regional.

É nesse sentido que o PSD congratula-se por aquilo que foi alcançado hoje, aqui, nesta Casa.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Estêvão, tem a palavra para uma declaração de voto.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Partido Popular Monárquico votou a favor desta iniciativa do PSD.

Consideramos que este estudo faz sentido.

A reserva que colocámos vai no sentido de que consideramos que nas atuais circunstâncias, por razões que todos compreenderão e que não vale a pena nesta fase do debate ou neste momento na declaração de voto explicar de forma mais detalhada, não faz sentido que qualquer estudo que venha a ser realizado, venha afinal a desresponsabilizar aquelas que são as responsabilidades das autoridades norte-americanas e dizer-lhes “não faz mal; nós temos aqui um estudozinho e temos muitas alternativas, os senhores podem sair de consciência tranquila, sem nenhum tipo de responsabilidade, porque temos aqui um Plano B”, um Plano B que tem nome, mas não tem conteúdo.

Meus senhores, isso significaria, da parte da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, um mau serviço aos interesses dos Açores e aos interesses dos açorianos.

Por isso, a nossa posição é esta. É uma posição de responsabilidade e é uma posição com os pés no chão do ponto de vista daquelas que são as situações que estão em discussão e são situações que não são teóricas, isto não é meramente geopolítica. Isto diz respeito ao ganha-pão, à situação em que vivem muitas famílias hoje, nos Açores, particularmente na Ilha Terceira.

Portanto, isto é uma situação de enorme gravidade. Portanto, o nosso contributo, o contributo do PPM aqui, é juntamente com o Governo dos Açores, juntamente com as outras forças políticas responsáveis e juntamente com o Governo de Portugal, encontrar uma solução que sirva os interesses do país, da região e das famílias que podem vir a ser afetadas.

Esta é a nossa posição.

Devo dizer que para mim, como líder nacional do PPM, é fácil tomar esta posição. É fácil!

Tenho um mandato democrático no meu partido muito amplo.

A mesma coisa não acontece noutros partidos.

Termino, Sra. Presidente, com uma pequena referência:

Há uns anos, há umas décadas, um diplomata norte-americano visitou Portugal e chegou à conclusão que em Portugal governava o Salazar, o Infante D. Henrique e o Vasco da Gama. Esta foi a conclusão a que ele chegou.

Eu chego à conclusão que hoje em dia o PCP é governado por Marx, por Lenin e o Mao Tsé-Tung.

O problema, meus senhores, é que nenhum deles já cá está. Continua a ter influência, ou continua a ter uma perceção de um mundo real, porque entretanto já desapareceu e a ideologia também já foi derrotada.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Vamos avançar na nossa Agenda. Ficou definido na Conferência de Líderes que os pontos seis e sete seriam discutidos conjuntamente: o ponto seis é o **Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 25/X – “Alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 21/99/A - Alteração ao Regime Jurídico do Conselho de Ilha”**, apresentado pela Representação Parlamentar do BE e o ponto sete é o **Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 26/X – “Primeira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 21/99/A, de 10 de julho, que estabelece o Regime Jurídico do Conselho de Ilha”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Deu entrada na Mesa um requerimento ao abrigo do artigo 134.º, requerimento este de baixa destes dois diplomas novamente à Comissão para análise.

O requerimento é subscrito por um grupo de Deputados do Partido Socialista, do Bloco de Esquerda e do PSD.

Vou colocar à votação este requerimento, conforme estipula o nosso artigo 87.º.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O requerimento de baixa à Comissão foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Sendo assim, estes dois diplomas voltam novamente à CAPAT.

Avançamos com a nossa Agenda, designadamente para o ponto oito.

O Sr. Deputado Paulo Estêvão pede a palavra para?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Para solicitar um intervalo regimental de 15 minutos, Sra. Presidente.

**Presidente:** É regimental. Regressamos às 19 e 25.

*Eram 19 horas e 10 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos recomeçar os nossos trabalhos.

*Eram 19 horas e 32 minutos.*

Como tinha anunciado entrámos no ponto oito da nossa Agenda: **Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 34/X – “Alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 14/2011/A”**, apresentado pela Representação Parlamentar do BE.

Dou a palavra ao Sr. Deputado Paulo Mendes para apresentação do diploma.

**(\*) Deputado Paulo Mendes (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária Regional Adjunta da Presidência e Sra. Secretária Regional da Solidariedade Social:

Gostaria de fazer um ponto prévio à apresentação desta proposta. Esse ponto prévio prende-se com a intenção demonstrada pelas Sras. e Srs. Deputados no último plenário acerca da boa vontade e de um certo sentido de urgência em fazer aprovar esta proposta que no nosso entender vai melhorar e muito a vida de muitos estudantes do ensino superior.

Qual não é a minha surpresa que aquando da apreciação desta proposta em Comissão, na Comissão de Assuntos Sociais onde o Bloco de Esquerda não tem assento permanente, não fui convidado, à semelhança do que aconteceu, por exemplo, com a CAPAT, onde fui convidado pelo Sr. Presidente da CAPAT

para participar na apreciação de uma iniciativa do Bloco de Esquerda, apesar de não ter assento nessa Comissão. Mas neste caso, pela Comissão de Assuntos Sociais não foi feito qualquer contato para que eu estivesse presente na reunião da Comissão de Assuntos Sociais onde seria apreciada esta proposta.

Isso seria importante, porque serviria para todos darem o seu contributo para melhorar a proposta, porque eu também não parto do princípio que o Bloco de Esquerda sabe tudo e que apresenta logo as propostas mais perfeitas deste mundo. Por isso estamos sempre abertos a todas as propostas que visem o melhoramento das nossas iniciativas.

Colocado este ponto prévio, passo a apresentar a proposta.

A alteração proposta visa tão-somente possibilitar o aumento da abrangência de potenciais candidatos, e por essa via os seus beneficiários, através da substituição do carácter cumulativo de critérios pelo carácter alternativo.

É importante salientar que no ano letivo 2013/2014, inscreveram-se menos 500 alunos na Universidade dos Açores, devido em grande parte às dificuldades económicas dos jovens e respetivas famílias.

Aliás, o próprio Governo Regional, pela Resolução do Conselho de Governo n.º 48/2014, de 13 de março, também o reconhece, pelo que criou, através da mesma Resolução, o programa especial de apoio ao pagamento de propinas.

Reconhecemos que o pagamento das propinas aos alunos que atravessam dificuldades económicas é uma boa medida, mas que deve ser complementada com uma bolsa, pois as despesas não se limitam às propinas.

A bolsa regional aos estudantes do ensino superior com a alteração aqui proposta, funcionará como um importante complemento. Contudo, se continuar a ter critérios cumulativos, por outras palavras, se para dela beneficiar for obrigatório ter perdido o Estatuto de trabalhador-estudante no decurso do ano letivo em que solicita a bolsa e ser dependente dos rendimentos do agregado familiar em comprovável situação de carência económica, e se a esse carácter cumulativo adicionarmos a falta de divulgação junto aos potenciais candidatos, não será de estranhar que pelo menos até abril de 2013 só tenham sido submetidas três candidaturas e todas elas indeferidas.

Acreditamos, assim, que pelo exposto, nada impedirá a aprovação da presente proposta de alteração.

Obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

Sra. Deputada Catarina Moniz Furtado tem a palavra.

(\*) **Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. Membros do Governo:

O Bloco de Esquerda, de facto, traz aqui uma alteração e estranhámos (pelo menos o PS estranhou!) a ausência, até porque pelo que sei do procedimento do Sr. Presidente da Comissão dá sempre nota das convocatórias, não individualmente, mas aos partidos.

Independentemente desta questão, qualquer Deputado, vendo as ordens de trabalho que lhe chegam à GD ou ao *site* da ALRAA, que esteja minimamente atento, tem oportunidade de ver qual é a ordem de trabalho da comissão em causa. Mas este é um ponto prévio, também da minha parte.

O Sr. Deputado Paulo Mendes traz aqui uma alteração a um Decreto que veio a esta Casa, juntamente com uma outra iniciativa do PS, que criou um Decreto Legislativo Regional abrangente sobre bolsas de estudo e sobre o regime da concessão de bolsas de formação para cursos não existentes na Região. Este foi aprovado na mesma altura, destinado a estudantes do ensino superior que tivessem de facto o Estatuto de estudante-trabalhador.

Na altura, foi tudo votado por unanimidade nesta Casa, quer os critérios adotados, quer todas as coisas. Portanto, também é com alguma surpresa, se bem que eu perceba o espírito do Bloco de Esquerda dadas as circunstâncias.

No entanto, Sr. Deputado, há algo na sua intervenção que me faz ir à fase seguinte, e que quero que me esclareça.

O Sr. Deputado disse que não tem a pretensão de apresentar as propostas mais perfeitas deste mundo. É exatamente nesta apresentação de propostas, e alteração às propostas, que eu, de facto, estou com dúvidas, porque no entender

do Bloco, o Bloco preferia e era de opinião, que o espírito da alteração era que passasse a ser um dos critérios para usufruir da bolsa.

No entanto, fez uma alteração, julgo eu que na sequência de uma declaração da Sra. Secretária em Comissão, que consta do relatório, que era para não prejudicar, para não se tornar uma medida injusta.

Então, hoje, entrou uma alteração à proposta que nos apresentou. Mas a redação que o senhor dá à nova alínea vem exatamente pôr isto como estava antes do senhor mexer.

Ora vejamos: o artigo 2.º do Decreto Legislativo Regional que hoje estamos aqui a analisar para alteração, diz: “ (...) que preencham um dos seguintes critérios: a) Tenham perdido o Estatuto de estudante-trabalhador com perda de vínculo laboral, por razões não imputáveis ao mesmo, comprovado através de documento de inscrição na Agência para a Qualificação e Emprego ou numa das Agências para a Qualificação, Emprego e Trabalho da Região Autónoma dos Açores, e sejam dependentes de agregados familiares em situação de manifesta carência económica”, independentemente de ser um agregado familiar unifamiliar no caso de ser o próprio estudante-trabalhador ou pertencente a um agregado alargado, como depois se pode ver no Decreto Regulamentar Regional que regula estes Decretos Legislativos.

O Sr. Deputado tinha posto uma das duas, mas hoje, na sua alteração, mantém a epígrafe: “São abrangidos pelo presente diploma, independentemente de outros apoios atribuídos no âmbito da ação social, os alunos do ensino superior que preencham um dos seguintes critérios:

a) Tenham perdido o Estatuto de estudante-trabalhador (...) comprovado através de documento de inscrição na Agência para a Qualificação e Emprego ou numa das Agências (...)” e se encontrem em comprovada situação de carência económica.

É o Sr. Deputado que junta novamente. Ou seja, o que estava dividido e dizia que tinha que cumprir os dois critérios, alínea a) e a alínea b), o senhor vem aqui, na sua primeira proposta, apresenta-nos que seja para disjunção, apresenta

ou uma ou outra, e hoje traz-nos aqui uma alteração que vai deixar numa só alínea aquilo que eram duas, ou seja, até podia dispensar a alínea b).

Mas ainda faz mais. É que o Sr. Deputado só põe essa alteração no artigo 2.º, não põe no artigo 3.º e deixa o artigo 3.º cumprindo um critério ou o outro.

Sr. Deputado, se calhar o senhor precisava de nos esclarecer para a gente definir o sentido de voto do próprio Grupo Parlamentar, qual é verdadeiramente a sua intenção de propostas.

Eu pelo menos estou confusa. Não sei qual vai ser a tendência das outras bancadas, mas eu estou baralhada no momento.

Portanto, concomitante o senhor traz-nos para ser uma ou outra, para ser disjuntivo, depois chega aqui e apresenta uma alteração em que ficam as duas concomitantes, mas numa alínea só, mas só faz isso num dos artigos do Decreto Legislativo.

Se o senhor pudesse esclarecer a câmara, o PS agradece.

Obrigada, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A Sra. Deputada Catarina Furtado tirou-me as palavras da boca. Eu tenho as mesmas dúvidas que a Sra. Deputada Catarina Furtado tem, exatamente as mesmas dúvidas. Ou seja, neste momento tenho uma convicção, Sr. Deputado, é que a sua proposta está mal feita. No mínimo não traz qualquer benefício, até pelo contrário.

Neste momento, o que lhe peço é também um esclarecimento em relação à sua proposta.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado João Bruto da Costa tem a palavra.

(\*) **Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. Membros do Governo:

De facto, inicialmente também tinha estas dúvidas. Quer dizer, inicialmente, eu não tinha dúvidas nenhuma. A proposta tal como estava feita não fazia sentido, porque criava uma situação em que alguém que tivesse perdido ou não o vínculo de trabalhador-estudante, ou que tivesse perdido o vínculo de trabalhador-estudante mas que não tivesse em situação de carência económica, poderia obter uma bolsa e isso não faz qualquer sentido, que alguém que não esteja em situação de carência económica possa ter acesso a bolsas de estudo.

Com esta última alteração do Bloco, penso que isso ficou de alguma forma acomodado. Isto por quê?

Não me querendo antecipar, porque certamente o Sr. Deputado fará a explicação de modo próprio e melhor do que eu, mas aquilo que eu percebi desta alteração é que qualquer trabalhador-estudante, tenha ou não perdido o Estatuto de trabalhador-estudante por perda do vínculo laboral, desde que tenha uma situação de carência económica, tem acesso à bolsa. Ou seja, é acrescentada uma situação a este diploma que é o facto de um trabalhador-estudante que não tenha perdido o vínculo laboral, ou seja, que permaneça enquanto trabalhador-estudante mas que tenha situação de carência económica, passa a poder aceder a esta bolsa. Penso que é isto, se não estou em erro.

O diploma, tal como existia, exigia sempre que o trabalhador-estudante perdesse o vínculo laboral, deixasse de ser trabalhador-estudante.

O que esta alteração vem acrescentar é que pode manter-se como trabalhador-estudante, mas se tiver uma situação de carência económica pode concorrer à bolsa e se estiver errado espero que me esclareçam.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Mendes tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Sr. Membros do Governo:

A dúvida suscitada pode ter algum fundamento se não tivermos em consideração um pequeno detalhe (neste caso um pequeno/grande detalhe). Alguém pode ser trabalhador-estudante, perder esse estatuto de trabalhador-

estudante e não estar dependente de nenhum agregado familiar. Aqui é que está a diferença.

Eu posso muito bem estar a viver sozinho...

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Eu disse isso. Unifamiliar!

**Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):** É um agregado!

**O Orador:** ... mas não estou dependente de ninguém. Não estou dependente de um agregado familiar. Não estou dependente de ninguém.

**Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):** Depende de si próprio!

**O Orador:** Penso que assim esclareci a dúvida.

Obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sra. Deputada Catarina Moniz Furtado tem a palavra.

(\*) **Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. Secretárias, Sr. Secretário:

Eu acho extraordinário e gosto de ver e entendimento que tem havido nesta Casa entre o PSD e o Bloco. Eu teria ficado esclarecida com a intenção do Bloco, com os esclarecimentos do Sr. Deputado João Bruto da Costa. Quando o Sr. Deputado Paulo Mendes intervém já estou toda baralhada outra vez.

Tenho que dar mesmo razão (desta vez não vou tirar as palavras da boca, mas vou recolher as palavras) ao Sr. Deputado Paulo Estêvão: a sua proposta não está bem feita!

Mesmo que fosse essa a sua intenção o senhor não verte essa intenção no artigo 3.º.

**Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):** Com certeza!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não interessa o artigo 3.º!

**A Oradora:** Sr. Deputado, uma pessoa singular que apresenta o seu rendimento, é trabalhador-estudante e faz o seu IRS ou não, mas ele próprio é o seu único agregado familiar, ou seja, é um agregado familiar unipessoal, não

está em situação que não beneficie da alínea a) que o senhor junta à carência económica.

Eu não estou a perceber o seu pequeno/grande detalhe, porque o seu pequeno/grande detalhe não faz sentido se o senhor pensar que um agregado familiar que é unipessoal depende de si próprio. Se ele está em situação de carência económica está na alínea a).

A alínea b) vem salvaguardar as situações em que o agregado familiar não se restringe ao trabalhador-estudante.

É o agregado familiar. Depois diz, os colaterais, os diretos, os descendentes, ascendentes, o cônjuge, os afilhados... Enfim, uma séria de pessoas que podem ser consideradas em termos fiscais dentro do agregado familiar.

Se ele for o único, pois é ele, mas está na alínea a).

Portanto, está sempre salvaguardado.

Eu não consigo entender... Ou seja, eu entendo. Para o Grupo Parlamentar do Partido Socialista é uma alteração que vem deixar tudo como está.

Isto deixa tudo como está sem republicação nenhuma. Continuamos a ter, para já não falar daquilo que o Sr. Deputado falou no início, o Programa que foi aqui nesta câmara aprovado pelo orçamento e que já está em prática, o Programa Especial de Apoio ao Pagamento de Propinas, que tem no regulamento outro apoio aos estudantes, porque de facto é o que a gente aqui tem estado a pensar.

Sinceramente, eu percebo o espírito. O Sr. Deputado João Costa quis ajudar a interpretar, mas eu também julgo que me darão alguma credibilidade na minha interpretação, porque se ele é unipessoal no seu agregado familiar está salvaguardado. Está lá a alínea a) não precisa da alínea b). Ou seja, é tudo igual.

O artigo 3.º é que não está e aí não está explícito o que é que o senhor pretende.

É separar? Foi falha e não alterou o 3.º?

Aí é que julgo que também temos que ver, porque altera no artigo 2.º mas não altera o 3.º.

Obrigada, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sra. Secretária Regional tem a palavra.

(\*) **Secretária Regional da Solidariedade Social** (*Andreia Costa*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Concordando na totalidade com aquilo que foi expresso pela Sra. Deputada Catarina Furtado, apenas dizer que penso que há uma discordância entre aquilo que se propõe agora na alteração da alteração, entre o artigo 2.º e o artigo 3.º.

Percebo a intenção que esteve subjacente à sua alteração à alteração ao artigo 2.º, que visava, no fundo, acautelar as questões que foram levantadas pela Sra. Secretária na audição que foi promovida pela Comissão, no sentido de, no fundo, resolver uma questão que a sua proposta inicial trazia que era de profunda desigualdade. Ou seja, o que poderia ter boas intenções causava que agregados ou um trabalhador que não estivesse em situação de carência económica pudesse beneficiar da bolsa.

O Sr. Deputado tenta resolver a questão com esta segunda alteração, contudo esquece-se que é necessário acautelar o mesmo no artigo 3.º.

Penso que é esta a discrepância, deixando agora com certeza à sua consideração os alertas que aqui estamos a fazer, porque depois no fundo “não bate a bota com a perdigota” e é importante que as coisas estejam devidamente acauteladas no sentido dos serviços depois poderem dar sequência àquilo que a Assembleia decide.

Obrigada.

**Deputada Benilde Oliveira** (*PS*): Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Sr. Deputado João Bruto da Costa tem a palavra.

(\*) **Deputado João Bruto da Costa** (*PSD*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu não queria propriamente fazer aqui nenhum papel de defensor do indefensável, que até acho que não é o caso.

Também reparei na questão do Sr. Deputado ter deixado de fora, na alteração à alteração, os critérios do artigo 3.º.

Na minha opinião pessoal, acho que o diploma original em si tem uma redundância em relação ao artigo 2.º e ao artigo 3.º.

O artigo 2.º diz respeito ao âmbito, o artigo 3.º diz respeito aos critérios.

Mas os critérios só se aplicam a quem está no âmbito. Desde logo, quem não cumpre o âmbito do diploma, quem não cabe nas previsões do artigo 3.º, ou seja, (vamos a um caso concreto) um trabalhador-estudante que perde o vínculo e está em situação de carência económica, um trabalhador-estudante que se mantém como trabalhador-estudante, mas que está em situação de carência económica, passa a estar incluído, porque basta um dos critérios.

No âmbito do artigo 2.º, se ficar feita esta alteração, basta um dos critérios.

Ou seja, o âmbito do diploma abrange, por um lado, com esta proposta de alteração agora apresentada, aqueles trabalhadores-estudantes, porque temos que ir ao objeto do diploma que é o artigo 1.º que diz respeito “aos trabalhadores-estudantes matriculados no ensino superior português com residência na Região Autónoma dos Açores”. Esta é a primeira seleção de quem é abrangido por este diploma.

Depois o artigo 2.º vem dizer-nos o âmbito de aplicação do diploma.

Com esta alteração proposta agora pelo Bloco de Esquerda passam a estar abrangidos ou trabalhadores-estudantes que estejam em situação de carência económica, que é a alínea b), ou trabalhadores-estudantes que tenham perdido o vínculo laboral, por razão não imputável ao mesmo e que se encontrem em situação de carência económica.

Na situação original, o que é que acontecia?

Um trabalhador estudante que não tivesse perdido o vínculo por causa do critério cumulativo, ou seja, que mantivesse o vínculo, mesmo que estivesse em situação de carência económica, não poderia aceder à bolsa.

Neste momento, com esta segunda alteração, um trabalhador-estudante, mesmo que não tenha perdido o vínculo, se tiver em situação de carência económica, pode concorrer à bolsa.

O facto dos critérios não estarem alterados, ou só serem alterados passando da situação cumulativa para a situação alternativa, passando do **e** para o **ou**, não leva que esses critérios não se cumpram, porque uma vez que tem que haver sempre carência económica para estar abrangido pelo âmbito do diploma no

artigo 2.º é irrelevante o critério de atribuição porque só pode aceder a ele quem cumprir o âmbito.

Eu não sei se posso pedir mais alguma ajuda de alguma pessoa entendida melhor do que eu nestas matérias de interpretação da lei, mas pareceu-me, depois de ter pensado um bocadinho nisto, que acabava por ser este o resultado e sendo este o resultado já não tinha grandes objeções a fazer às propostas de alteração.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado Félix Rodrigues.

(\*) **Deputado Félix Rodrigues (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A proposta inicial apresentada pelo Bloco de Esquerda era inteligível, apesar de não concordarmos com ela, mas percebíamos exatamente o que é que se pretendia.

Pretendiam que, no fundo, fosse apenas um dos critérios atribuídos. Retirava, no artigo 3.º a condição de se viver no arquipélago dos Açores, que acho que deve lá continuar, porque senão teríamos todos os candidatos do território continental português a concorrer aos Açores e, se tivessem carência económica e tivessem perdido vínculo laboral, acabariam por ter uma bolsa no território insular. Não faz sentido nenhum que a Região Autónoma dos Açores andasse a dar bolsas a alunos carenciados do continente português.

Dada esta situação, a proposta que aqui é colocada, acaba por apenas fazer, do meu ponto de vista, uma nova redação do que já está feito no Decreto Legislativo, na medida atual.

Portanto, não vejo que haja aqui qualquer alteração, porque acaba por ser cumulativo na medida em que é necessário que os candidatos tenham perdido o estatuto de trabalhador-estudante, por perda de vínculo laboral e é cumulativo que se encontre em comprovada situação de carência económica, ora, exatamente o mesmo que diz o Decreto Legislativo Regional.

Eu não consigo atingir a abrangência. Isto serve mais quem? Ou seja, quantas mais pessoas são abrangidas por esta nova redação? Parece-me que há aqui apenas a junção da alínea a) com a alínea b).

Eu pelo menos entendo assim e é capaz de haver aqui algum mérito, mas eu não consigo ver também a diferença entre uma coisa e outra; entre o que existe na atualidade e a forma como está aqui redigida, que uma vez que é uma conjunção tem que se verificar simultaneamente as duas condições.

Felizmente desaparece o artigo 3.º, logo quer dizer que se mantém a residência no arquipélago dos Açores para que seja atribuída a bolsa, o que faz todo o sentido, e volta-se ao início.

Eu creio que houve aqui uma intenção de ter percebido que se poderia produzir algumas injustiças sem a conjunção e que tenta dar a volta que havia alguma falta de lógica na atribuição das bolsas a estudantes do território continental português, que não fazia sentido termos uma lei que fosse tão abrangente assim, porque ficava aberto a todo o território nacional, ou até inclusivamente europeu, porque uma vez que a gente tira a localidade passávamos a ter qualquer pessoa que tivesse perdido vínculo laboral e que vivesse em qualquer lado e se candidatasse a essas bolsas.

Eu gostaria que me explicasse um bocadinho melhor a vantagem do agrupamento, porque é a única que eu vejo aqui.

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Mendes tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** É para uma interpelação à Mesa.

**Presidente:** Tem a palavra, Sr. Deputado.

**O Orador:** Solicito, se assim for possível, nos termos regimentais, que este diploma baixe à Comissão.

**Presidente:** É um requerimento oral, aquilo que o Sr. Deputado Paulo Mendes acabou de fazer.

Ao abrigo do artigo 87.º vou colocar à votação o requerimento de baixa à Comissão deste diploma.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O requerimento de baixa à Comissão foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Este diploma baixa também à Comissão de Assuntos Sociais para reapreciação.

Considerando o nosso horário vamos encerrar os trabalhos.

Regressamos amanhã às 10 com o PTAP.

*Eram 20 horas.*

*Deputados que entraram durante a sessão:*

***Partido Socialista (PS)***

**Berto José Branco Messias**

**José Carlos Gomes San-Bento** de Sousa

*Deputados que faltaram à sessão:*

***Partido Socialista (PS)***

**José António Vieira da Silva Contente**

**Paulo Alexandre Vieira Borges**

(\*) Texto não revisto pelo orador.

**A redatora:** Maria da Conceição Fraga Branco